ANO 23.º QUARTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1943 N.º 7316

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 50 CENTAVOS
Editor—JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

UMA PAUSA

O «Diario de Lisboa», que celebra hoje o seu 22.º aniversario, sente o orgulho do dever cumprido. «Palida satisfação», dirão alguns. Para nós, é bastante. Começámos numa época em que a politica interna debatia-se numa agitação tumultuaria: as impaciencias e as paixões feriam-se torridamente, sacrificando ideias e pensamentos dignos de respeito.

Não hesitámos, pois reagimos contra a intolerancia e a cegueira sectaria. Quisemos que o «Diario de Lisboa» fosse um exemplo de fé na Patria, de amor á Republica e de firme confiança no valor das acções e das rasgadas iniciativas. Nas suas colunas, acolhemos as mais variadas e adversas opiniões, a fim de que o publico pudesse ver e julgar os motivos que cada um invocava para apregoar os meritos do seu credo ou as valentias do seu animo.

A nossa intenção não era proclamar a paz em Varsovia, visto que não nos tentam nem os sarcasmos nem as excessivas ambições que o povo risonhamente repele:

— Presunção e agua benta cada qual toma a que quere».

A nossa aspiração cifrava-se nisto—trabalhar com fé para que a Republica fosse um governo de redenção nacional e jamais uma arena de feras embravecidas.

A nossa imparcialidade, porém, não envolvia indiferença nem scepticismo. Pelo contrario: era uma maneira de combater, subjugando os nervos e obrigando-os a obedecer a imperativos que nada tinham de egoistas nem de arbitrarios.

Desde muito novo, assentámos neste principio que nunca traimos—lealdade para com os adversarios e intransigencia com as doutrinas.

Das paginas do «Diario de Lisboa», consta claramente que não cruzámos os braços, quando se tornava necessario adoptar uma atitude polemica, desafrontada. Não medimos pela mesma balança a verdade e o erro, a sinceridade e a hipocrisia. Como temos sido, embora com amargos de boca, assim havemos de ser. Agradar a todos é impossivel. Fazer justiça a todos, até aos que nos molestam e nos desiguram, eis o timbre do caracter e da isenção.

Seguimos por mau caminho?

Os nossos queridos leitores, sempre fieis ao «Diario de Lisboa» não reprovam este procedimento, certamente por entenderem que a nossa boa fé está clara. O exito do jornal não justifica a sua materialização. As convicções pairam acima dos homens e dos seus interesses. Nunca renegaremos dos direitos da razão e da consciencia. Co-

(Vêr cont. na pag. seguinte)

22 ANOS DE JORNALISMO

«Temos procurado ser justos com os homens, verdadeiros com os acontecimentos»

(Do editorial do DIARIO DE LISBOA no dia do seu 1.º aniversario)

A Imprensa, mórmente a de grande expansão, é, em todos os paises, um reflector da vida universal, um quadro cronologico da vida de uma nação. Um jornal — é um arquivo. Folheando-se uma colecção de há um seculo, toda uma vida que se viveu transparece, como se tudo houvesse sido do nosso tempo. A Imprensa é, assim, ou pode ser considerada, uma instituição subsidiaria da historia. Em verdade, é o Tombo de um pais. O que a caracteriza, em vinco comum a todos os jornais, é a sua capacidade de perpetuar o momento, a sua frescura, o seu poder de fixar mocidade ao acontecimento e ás proprias ideias. Um jornal relido suprime a distancia das idades; nem sempre sucede isto com um livro ou com uma crónica esparsa. Eis o que caracteriza o jornalismo na sua fase comum.

O que distingue, porém, a Imprensa e individualiza os seus jornais, é a quantidade de interêsse de que se rodeia a noticia, a soma de imprevisto, o doseamento do realismo, o equilibrio da narrativa, de modo que a verdade não sofra e o brilho não ofusque os planos. O que distingue um jornal — na ideia, na critica, no facto, na informação, no acontecimento que toca a sensibilidade de todos os leitores — é o volume de emoção que o jornalista transmite. A personalidade de um jornal dentro da grei da Imprensa, a personalidade de um jornalista dentro do seu proprio jornal. Mas um jornal amalgama-se dentro do conjunto do jornalismo de um mesmo pais; o jornalista confunde-se dentro do quadro da sua propria casa de trabalho. Isto só se pode notar ao fim de muitos anos, e é este sacrificio do jornalista ao jornal e do jornal á Imprensa que ennobrece este arte e valoriza esta profissão.

O Diario de Lisboa *completa hoje vinte e dois anos de existencia. Servir a Nação no geral e o publico em especial é o lema da primeira hora. Dentro de um periodo que só não pode ser considerado longo, porque um jornal é, por sua natureza, destinado a forçar o tempo suprimindo as suas medidas, dentro dêste ciclo de quasi um*

(Vêr continuação na 19.ª pagina)

Montgomery lançou nova ofensiva contra as tropas de Rommel

ARGEL, 7—O Quartel General Aliado do norte de Africa comunica que o 8.º Exercito britanico recomeçou a sua ofensiva ás 4 e 30 da manhã de terça-feira contra as posições inimigas do «ued» Akarit, situado ao norte de Gabes e que se apoderou dos primeiros objectivos. O ataque foi executado segundo os planos préviamente estabelecidos e está a ser levado a cabo com o maior exito e eficiencia. O avanço do 8.º Exercito britanico prossegue satisfatoriamente em direcção ao norte.

O ataque foi precedido dum intenso fogo de barragem da artilharia britanica, que durante muitas horas martelou incessantemente as posições do inimigo no «ued» Akarit, causando-lhes grandes brechas e numerosas baixas.

Logo que cessou o fogo de barragem, a infantaria inglesa, apoiada por tanques, atacou á baioneta as posições alemãs, nas quais se travaram sangrentos combates, com baixas apreciaveis para ambos os lados, pois os alemães defenderam-se com a maior bravura até á ultima.

Vencidas as primeiras posições defensivas inimigas, os soldados de Montgomery lançaram-se resolutamente ao ataque das outras posições de Rommel, nas quais se estão a ferir os mais ferozes combates de toda a campanha.

As tropas neozelandesas, comandadas pelo general Freyberg, desempenharam papel de grande importancia no assalto ás primeiras posições defensivas alemãs e fizeram prisioneiros.

O «ued» Akarit, onde Rommel estabeleceu a sua linha de resistencia depois de retirar de Gabes, apoia o flanco esquerdo no mar e o direito na cordilheira dos montes.

A nova ofensiva do 8.º Exercito bri-

(Vêr continuação na 3.ª página)

Sepultaram-se em Paris as vitimas do ataque aereo

PARIS, 7 — O dia de hoje, em que são inumadas 328 vitimas da ultima agressão anglo-americana contra Paris, é dia de luto nacional.

O ministro das Finanças e de Economia, Cathala, assistiu, como representante do govêrno, ás cerimonias na região mais atingida de Paris.

O novo comissario dos prisioneiros de guerra franceses, Macon, falou na radio sobre este ataque aereo contra Paris.—(D. N. B.).

328 mortos

PARIS, 7—O numero de mortos, devido ao ataque aereo anglo-americano, de domingo, é de 328.—(D. N. B.).

O numero de hoje
DO «DIARIO DE LISBOA»
é de 32 paginas

As nações do «eixo» dispõem de 70.000 homens na Tunisia

MADRID, 7.—O jornal espanhol «A B C» de ontem diz que os efectivos das potencias do «eixo» na Tunisia se elevam a 70 mil homens. Esses efectivos compreendem 4 divisões, das quais 1 blindada e uma mecanizada, assim como tropas italianas constituindo 3 ou 4 divisões.—(E. T.).

Conferencia de generais em Gabès

LONDRES, 7—A radio de Marrocos anunciou, ontem á noite, que os generais Giraud, Montgomery e Leclerc se haviam encontrado na sexta-feira passada em Gabès.—(E. T.).

A' hora de fechar

Novo «raid» a Napoles

CAIRO, 7. — As autoridades militares britanicas informam que os objectivos de Napoles foram de novo intensamente atacados pelas forças aereas norte-americana e inglesa. Acrescentam que toda a zona do porto e a area industrial da cidade, assim como os aeródromos que ficam proximos de Napoles, sofreram novos e consideraveis estragos. — (United Press).

Violento ataque a Lampedusa

CAIRO, 7 — Bombardeiros pesados ingleses atacaram vigorosamente os objectivos militares da ilha de Lampedusa, nos quais se registaram grandes explosões e se alearam enormes incendios, que eram avistados a uma distancia de oitenta quilometros. — (United Press).

411 mortos em Paris

PARIS, 7.—O numero de mortos em consequencia dos ultimos ataques aereos a Paris subiu para 411.—(D. N. B.).

Os aeródromos da Sicilia foram alvo de violentos ataques

ARGEL, 7 — Bombardeiros pesados aliados realizaram um novo e devastador «raid» contra os aeródromos do «eixo», na Sicilia, sobre os quais lançaram grandes quantidades de bombas altamente explosivas e incendiarias. Destruiram e danificaram muitos aparelhos pousados nas pistas e as respectivas instalações sofreram consideraveis estragos.—(U. P.).

UMA PAUSA

(Continuação da página anterior)

nhecendo o povo, porque o trazemos no sangue e na alma, tudo faremos por ele, inclusivé acautelá-lo contra os que o exploram ou pervertem. Responde por nós o nosso passado.

Temos as mãos limpas e as intenções puras.

Nunca esteve no nosso animo que o «Diario de Lisboa» servisse fosse a quem fosse para manejos torvos. Das sensaborias sofridas, não conservamos lembrança. Tragámo-las como pudemos. Achamo-nos, portanto na melhor disposição para saudar os nossos colegas, sem excepção, os nossos amigos sinceros, os admiraveis leitores do «Diario de Lisboa» e quantos nos tem dado o seu apoio, a sua colaboração e o seu entusiasmo, a-fim de que nós, na longa viagem em que nos metemos, não soframos perda ou desgosto.

Pedimos-lhes desculpa, por utilizarmos esta oportunidade, que só vem uma vez no ano, para falarmos de nós proprios—o que é contra as normas do jornalismo que professamos, pouco inclinados ao rufar dos tambores e ao canto das cigarras.

VIDA OFICIAL

O «DIARIO DO GOVERNO» PUBLICOU HOJE:

Uma portaria reforçando uma verba do orçamento geral da Guiné.

■ *Um decreto autorizando a Coudelaria de Alter do Chão a celebrar contrato de arrendamento de propriedades rusticas, até á importancia de 60 contos.*

■ *Portarias prorrogando os prazos para as liquidações do Banco do Comercio do Ultramar e das casas bancarias J. M. Fernandes Guimarães (do Porto) e Henrique Figueira da Silva (Funchal).*

■ *A lista de classificação das 24 candidatas aprovadas no concurso para telefonistas de reserva dos C. T. T., aberto na circunscrição de exploração da Estremadura.*

SUFRAGIOS

D. Antonio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal)

Mandada dizer pelo pessoal da secção de vela da Associação Naval de Lisboa reza-se amanhã, pelas 12 horas, na igreja de S. Domingos, missa pelo eterno descanso do sr. D. Antonio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal).

D. Amelia Augusta Roussado dos Santos Plantier Martins

Mandada rezar por seu marido e filhos, celebra-se amanhã, pelas 11 horas, na igreja da Estrela, missa do 30.º dia, por alma da sr.ª D. Amelia Augusta Roussado dos Santos Plantier Martins.

O TURISMO EM PORTUGAL

A acção proficua e permanente de Antonio Maria Lopes

O caso do turismo português é hoje, mais do que nunca, um dos problemas da vida nacional de maior acuidade e projecção.

Não basta resolvê-lo. E' necessario resolvê-lo bem e certo. Pequenos aspectos ha que não podem ser descurados, que melhor entronizam numa linha geral, que, pela sua complexidade e firmeza, deve ser traçada de antemão com a maior clarividencia possivel.

Necessario, portanto, é um vasto espirito de previsão e conhecimento da epoca, que se traduz, em poucas palavras, num bem aberto espirito de iniciativa conduzido por um reconhecido bom senso e bom gosto.

Tais coisas não se aprendem. Quando muito, desenvolvem-se e educam-se.

A verdade é que são qualidades com que se nasce. Daí o facto bem evidente de, dentro do problema do turismo, encontrarmos boas e más soluções. Se muita gente se dedica a estes problemas, nos seus multiplos aspectos, poucos ha que de facto se possam considerar a par do problema em si e que tenham uma superior visão das coisas, que lhe dê uma atitude necessaria a uma solução conveniente e nitida.

O aspecto mais particular do turismo português que hoje nos interessa tratar é o delicado e complexo problema hoteleiro. E' aquele em que o contacto com o publico é directo, aquele que por excelencia serve de apresentação do país e das suas condições de bem receber, das suas condições de turismo, em suma.

No campo hoteleiro português alguma coisa, na verdade, se tem feito. Se, porém, olharmos, uma por uma, as suas iniciativas e realizações de maior vulto e poder, e se quisermos reparar em quem as criou e fortaleceu, um nome salta imperiosamente aos nossos olhos.

O nome do homem que criou o *Vitoria-Hotel*, de Lisboa, que remodelou, por completo, o *Grande Hotel do Porto*, que fundou, em plena Costa do Sol, um grande exemplo de turismo, o *Hotel Atlantico, do Monte Estoril*.

Todas estas obras, que só por si respondem que, uma por si, era motivo de sobra para um justificado orgulho—devem-se a uma só pessoa, ao verdadeiro talento de Antonio Maria Lopes, magnifico repositorio de qualidades civicas e de vasta capacidade como realizador e orientador, e grande figura de bom patriota.

O grande industrial vê em grande o problema do turismo português. Não hesita em o encarar bem de frente e em o resolver, afoita e firmemente.

Daí as suas realizações terem um cunho de permanencia, isto é, de coisas que vivem por si, por terem os fundamentos necessarios para a sua vitoria e estabilidade, e não são frutos verdes dum oportunismo audacioso.

O caso de Antonio Maria Lopes dentro do turismo português, no seu campo particular da hotelaria, merece a atenção de todos aqueles que gostam de tirar da vida o ensinamento e o molde para os seus passos.

De resto, o proprio Estado, no seu papel fiscalizador e moralizador das actividades individuais que redundam em serviços de utilidade publica, já o reconheceu oficialmente. A acção do grande industrial português está devidamente reconhecida e louvada. O pitoresco «yankee» chamaria a este «gentleman», afavel e culto, tenaz e firme em tudo que realiza, e é o hoteleiro «numero um». A designação vale pelo vigor e justeza da classificação.

Antonio Maria Lopes não é um homem de capitais parados, como ensina o capitalismo do

ANTONIO MARIA LOPES

seculo passado. Nele ha um dinamismo latente, que o arrasta a melhorar mais e mais as suas realizações. Nas suas poderosas iniciativas utiliza centenas de empregados. Assim, ha inumeras familias ligadas, directa ou indirectamente, á obra por certo notavel do valoroso industrial português, que, em mais duma obra, tem favorecido a Economia Nacional e promovido, do modo mais completo, o desenvolvimento da nossa industria.

Quere isto dizer que nem só, sob o ponto de vista que primitivamente utilizámos—o do problema do turismo—o nome de Antonio Maria Lopes deve ser escrito com maiusculas, e como sucessor de Rosa Araujo, e com maior extensão.

Homem activo, dum profundo amor ao trabalho, a si proprio deve o muito que é. Soube sempre olhar em frente, procurando fazer mais e melhor. Obstaculos sem fim tem torneado e vencido. A apatia e indiferença que, por vezes, tem encontrado foram, para ele, nada mais que simples incentivos. Se quisermos um exemplo, facil nos é encontrá-lo.

A obra que Antonio Maria Lopes já ergueu no nosso campo do turismo português fala por si propria. Torna-se evidente. Não necessita de palavras para a explicar ou concluir.

Os seus hoteis são primorosos e modelares, sob qualquer ponto de vista. Desde as instalações até ao cuidado apuro com que são escolhidos todos os seus empregados, tudo tem a marca de Antonio Maria Lopes—ou, numa expressão popular—o dedo do gigante.

Homens assim garantetm a renovação e o desenvolvimento dum país num dos seus mais importantes sectores.

O nome de Antonio Maria Lopes, nosso muito querido amigo, está de tal modo ligado ao turismo português—e mais propriamente á nossa industria hoteleira—que é impossivel enunciar um sem o outro. Impossivel é dissociá-los.

Nome que se impõe e engrandece por tantas e tão uteis realizações, é um nome a apontar quando quisermos fazer a historia do nosso turismo e da nossa industria.

A «SEMANA DAS COLONIAS»

Palestras em varias escolas

Prosseguiu, hoje, a «Semana das Colonias», com palestras em varias escolas. O sr. Eduardo Paes Mamede falou, no Colegio de Alva'ade, sôbre «Ligeiras notulas sôbre o Imperio colonial português»; os srs. Aristides Peixoto Pereira e Hermani Barros Ruivo da Silva, alunos da Escola de Veiga Beirão, falaram aos seus colegas mais novos, respectivamente, acêrca de «Salazar e o desenvolvimento do Portugal ultramarino» e «Angola, esperança portuguesa»; a sr.ª D. Domitila Ribeiro, no Colegio de Pinto Ribeiro, fez uma palestra sôbre «O Imperio Ultramarino Português, escola universal de colonização».

A' tarde há novas palestras na Escola de Veiga Beirão e, á noite, no Sindicato dos Motoristas.

—Integrada no programa da «Semana das Colonias» realiza-se, depois de amanhã, pelas 15 e 30, no Instituto Lusitano, em Benfica, uma sessão em que o sr. major Cruz Ribeiro fará uma palestra subordinada ao tema Expansão Colonial Portuguesa, Macau, missões e missionarios». Durante a sessão, a que assistirão o sr. José Pedro Moreira, director do Instituto, o corpo docente e distrutores e graduados, do centro da M. P. o seu orfeão entoará canções folcloricas das colonias.

Nos Pupilos do Exercito

Integrado no programa da «Semana das Colonias», realiza-se amanhã, pelas 21 horas, no ginnasio da 1.ª secção do Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito, em S. Domingos de Bemfica, um serão patriotico e cultural de propaganda do nosso imperio colonial, com o seguinte programa:

Conferencia pelo major Cruz Ribeiro sobre «A expansão das colonias portuguesas—Macau—Martires do Imperio»: comentario poetico da nossa epopeia militar pelo professor Lobo de Campos. Em seguida, realiza-se uma sessão cinematografica com os seguintes filmes documentarios: «Manobras militares do Ribatejo» e «Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito», além de outros filmes coloniais.

O almoço de homenagem aos administradores da Sintra-Atlantico

Tem recebido numerosas adesões a ideia de prestar homenagem publica aos administradores da Companhia Sintra-Atlantico, em sinal de reconhecimento pelos muitos serviços que o concelho de Sintra lhes deve. Entre eles avultam a instalação electrica em grande parte do concelho e a manutenção de carreiras entre Sintra e as Azenhas do Mar, regulares, seguras e até agradaveis que muitas são as pessoas que fazem a viagem de ida e volta no mesmo carro só para gozar as delicias do passeio.

O almoço de homenagem realiza-se no proximo domingo, as 13 horas, no Hotel Nunes, em Sintra, onde, até amanhã á noite, se recebem inscrições, bem como no Restaurante Camarão, em Colares, e na Pensão Royal, na Praia das Maçãs.

RECITA DE ESTUDANTES

Os estudantes de Medicina Veterinaria repetem na proxima sexta-feira, no Capitolio, o espectaculo com que fizeram, recentemente, a sua recita anual. Assim se vai ao encontro de numerosas solicitações, em vista do grande exito, que obteve aquela recita. O produto é a favor da Caixa de Auxilio a Estudantes Pobres.

PRISÃO DE VENTRE
Resolvida com
BROOKLAX
obtido somente em farmácias
BRAND
CHOCOLATE LAXATIVO
Dezenas de milhões de caixas vendidas anualmente em todo o Mundo.
Prevenimos os Ex.mos Medicos e o publico que o Mercado se encontra devidamente abastecido.
RAUL VIEIRA, L.DA

Marcyl
AGUA DE COLONIA PARISIENSE
DE SUPREMA DISTINÇÃO

O «Diario de Lisboa» vende-se em Torres Novas na casa Mario Pessoa Amorim.

RETIRO DOS MARIALVAS
Hoje ás 21 h.
Atraente e popular programa com
MARGARIDA PEREIRA
MARCIA CONDESSA
JOSÉ PEREIRA
JAIME SILVA
MANUEL FERNANDES
CASIMIRO RAMOS
FERNANDO REIS
Entrada franca

Margarida Pereira

Confie no VINHO DO PORTO COM O SELO DE GARANTIA DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

LUSO
Palacio de S. Roque

Maria Carmen

Hoje até de MADRUGADA, cantam os ENCANTADORES artistas Maria Carmen, Alice d'Oliveira, Maria de Lourdes, Maria Isabel, Frutuoso França, Augusto Pereira e Maximino Costa. Em humorismo, Rogerio Fernandes. Variações pelos exímios artistas José Nunes e Paes da Silva. ENTRADA 1$50

Amanhã no Luso
ADELINA RAMOS

Teatros e Cinemas

Uma explicação

O actor Roldão estava uma vez muito descansado á porta da caixa do Trindade, quando se chegou ao pé dele um corista da companhia, um pobre diabo que além de analfabeto era muito desconjuado, e que em atitude agressiva, preguntou ao popular artista:

—Olhe lá, sr. Roldão. Preciso que me diga uma coisa.

—O quê?

—Foi o senhor que ontem á noite, ali no Mealhada, numa roda de amigos, me chamou idiota?

—Eu?! Isso é mentira. Não costumo repetir coisas que toda a gente sabe.

EFEMERIDES

Faz hoje anos que nasceu o actor Ricardo Lozano Santos Carvalho.

1813: nasce o actor Epifanio (Epifanio Aniceto Gonçalves).

1845: primeira representação, na Sociedade Thalia, da comedia em 1 acto «Falar verdade a mentir», arranjo de Almeida Garrett, do «vaudeville» de Scribe «Le menteur veridique».

1853: estreia-se no Gimnasio, na comedia «Atrás duma mulher», o actor Isidoro Sabino Ferreira.

1882: morre a actriz Tomasia Veloso.

1933: primeira representação, no Maria Vitoria, da opereta em 3 actos e 4 quadros «As Lavadeiras», de Lopo Lauer, Alvaro Santos e Vasco Sequeira, musica de Vasco Macedo.

LÁ POR FORA

A bailarina Luisa Helios deve apresentar-se dentro de mês em Barcelona, á frente duma companhia que representará a peça «Mujeres y plumas».

—«Maria, la Viuda» é a nova peça de Eduardo Marquina.

—No Rio de Janeiro, a companhia Jardel Jercolis pôs em cena a revista «A vitoria é nossa», de Freire Junior e Geisa Buscoli.

—A peça de Pinheiro Chagas, «A Morgadinha de Valflor», representou-se no Gimnastico, do Rio de Janeiro, por alunos do Curso Pratico de Teatro, dirigido pela professora Lucilia Peres.

—A opereta «As lavadeiras» é uma das peças que a actriz Beatriz Costa tenciona pôr na sua nova companhia do Republica, no Rio de Janeiro.

Atrás do reposteiro

A actriz Brunilde Judice e o actor Alves da Costa realizam a sua festa artistica no proximo dia 15, no teatro de Sá da Bandeira, do Porto, com a peça em 3 actos «Minha mulher vai casar».

—Uma das peças que a actual companhia do Avenida inclue no seu repertorio, para o caso de uma sua proxima ida ao Porto, é a magica «A Tenda dos sete cravos», com a grande montagem especial com que foi apresentada em Lisboa.

—O empresario Antonio de Macedo, que esteve alguns meses afastado da direcção dos seus negocios teatrais, está já a dirigir pessoalmente a grande montagem da revista «Sol e Dó», que vai á cena no Variedades para reaparição de Herminia Silva.

—O actor João Villaret deve reaparecer, durante a temporada de verão, num espectaculo de revista, no teatro Avenida.

—Para a companhia de alta comedia que vai fazer a temporada de verão no teatro da Trindade, conta a empresa José Loureiro, desde já, com os artistas Palmira Bastos, Estevão Amarante, Samuel Dinis, Adelina Campos, Maria Florinda e João Perry.

—A estreia da nova companhia de comedia e «vaudeville», com Erico Braga, Irene Isidro e Ribeirinho, organização de Antonio de Macedo, faz-se no sabado de Aleluia, no Maria Vitoria, com a tradução da peça espanhola «El hombrecillo».

—O 1.º acto da revista «Sol e Dó», que vai inaugurar a época do Variedades, tem os seguintes quadros: *1.º—Compasso de espera; 2.º—Na musicolandia; 3.º—A loucura do jazz; 4.º—De palanque; 5.º—Sul-americana; 6.º—Musica de campanario; 7.º—Modernismos musicais; 8.º—Pensão da D. Anica; 9.º—Janelas do meu bairro; 10.º—A grande obra; 11.º—A' esquina; 12.º—Apoteose.* O *compère* Zé Pereira, é desempenhado pelo actor Antonio Silva.

—Deve fazer-se ainda esta época a reposição da comedia «A Tia Francisca», adaptação de João Bastos.

—O programa que a Orquestra Nacional de Espanha realiza amanhã no Coliseu, é o seguinte: «Oberon», de Weber; «El Amor Brujo», de Falla; «Sinfonia Incompleta», de Schubert; «Lohengrin» (preludio) de Wagner; «Os mestres cantores», de Wagner; «Navarra», de Albeñiz; «Orgia», de Turina; «El sombrero de tres picos», de Falla.

—Por conselho do seu medico, a «vedeta» de radio Maria Sidonio, não pode seguir na companhia organizada pelo actor Carlos Alves.

«O Inferno», no Variedades

Tem foros de acontecimento teatral de relevo a reposição, que hoje se verifica, no Variedades, da comedia «O Inferno», do antigo repertorio de Maria Matos. E' uma peça essencialmente engraçada, em que se conta o caso de duas familias inimigas que moram em predios e em andares fronteiros. Maria Matos faz a sogra, a protagonista, e isto chega para se calcular o partido que a eminente actriz vai tirar do papel. Outras personagens de importancia estão a cargo de Maria Helena, Alfredo Ruas, Luiz Campos, Maria Schulze, Vitai dos Santos, Alvaro Benamor e Eunice Colbert.

RECINTOS DE DIVERSÕES

As artistas Mary-Sandres ampliaram o seu numero com mais quatro figuras passando a intitular-se «Ballet Mary-Sanders». A sua estreia será brevemente no Casablanca. Para o mesmo salão foi contratado o animador Carlos Valerio.

Os palhaços e as atracções da grande novidade, esta noite, no Coliseu. Sexta-feira continuam estes triunfantes espectaculos da Nova Companhia de Circo

Vai ser uma grande noite de alegria para todo o publico a noite de hoje no Coliseu, com a vibrante e comunicativa animação da Nova Companhia de Circo. Já milhares de pessoas se dispuzeram a ir vê-la. E' que lá estão os palhaços e outros numeros que nos fazem rir perdidamente. Mas, a par dessas atracções, ninguem quere deixar de aplaudir tambem o fenomenal Daja Tarto, o faquir que come vidros, quebrando copos e lampadas á dentada; crava punhais no nariz; sobe e desce, descalço, uma escada com degraus feitos de afiadas laminas; consente que lhe quebrem sobre o peito, a golpes de marreta, um bloco de granito de mais de 60 quilos, tendo as espaduas assentes sobre vidros em estilhaços; e realiza, enfim, muitas outras arripiantes experiencias. E isto sem falar no celebre D'Anselmi, ventriloquo e nas demais estupendas atracções da companhia! Amanhã não há espectaculo de circo, nem em «matinée», nem de noite. Mas de sexta-feira em diante tem o publico de novo a Companhia de Circo. No sabado, há «matinée».

A bailarina CARMENCHU está em Lisboa

CARMENCHU

O publico de Lisboa, que já conhece e admira a afamada bailarina espanhola que tem o seu nome aureolado nos mais honrosos palcos da Europa—vai especializar de nova a distinção internacional e a requintada elegancia da exotica bailarina. Desta vez, Carmenchú trará-nos um repertorio de excepcional interesse: —uma rapsodia portuguesa, num arranjo do maestro Rafael Gomez, uma dança mirhota estilizada, a *Dança do Fogo* e *Goyescas misteriosas*, de Falla; *Naranjo egitano*, de Albeñiz, e *Acuerda-te*, de Granados.

Carmenchú, que vai apresentar um guarda-roupa de excelente gôsto, estreia o seu novo repertorio dentro de pouco tempo.

MARUJA DIEZ

MIAMI

Está fazendo as suas ultimas exibições no MIAMI

VARIEDADES Telefone 26037
HOJE—Ás 21 e ás 23 horas—HOJE
ESTREIA DA ULTIMA COMEDIA DA TEMPORADA!
O INFERNO
Pela Companhia MARIA MATOS

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Hoje e amanhã, ás 21,45
Ultimas representações em Recitas populares
ELECTRA E OS FANTASMAS
Hoje—2.ª peça: EXPIAÇÃO
Na proxima semana: 1.ª representação da peça portuguesa de Manuel Frederico Pressler LABIRINTO.

TODAS AS NOITES no AVENIDA Telefone 2 7273
A grande revista
De Fora dos Eixos
2 SESSÕES: ás 20,30 e 22,45

O ÚNICO CAMINHO PARA VEXA SE TORNAR UM BOM GUARDA-LIVROS SEM SAIR DE SUA CASA:
Cortar e remeter sem demora êste coupon
Ao INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DA PALMA, 164 LISBÔA Telef. 28034
Queira enviar-me, GRÁTIS, o livro O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL
NÚME:
MORADA COMPLETA:
Enviar 1$60, em sêlos, para porte e despesas

CASABLANCA
CASABLANCA
Emp. José Miguel Telf. 21369
Apresenta todas as noites, ás 21 h.
EM PLENO EXITO
Um moderno e atraente espectaculo de MUSIC-HALL
com as grandes atracções
MARIETINITA — Trio Rima
Hermanas Mary Sandra - Maria Pereira - Carlos Valério e Xavier Pinto
ORQUESTRA FABRE
Fados por Natalia dos Anjos, Guiomar da Conceição e Francisco Santos
Orquestra Portuguesa de Guitarras
Impecavel serviço de restaurante.
Rigorosa selecção Entrada 5$00

MARIA VITORIA
Hoje, ás 20 e 30 e ás 22 e 45
A hilariante e enternecedora opereta popular
A costureirinha da Sé
com ANTONIO SILVA, COSTINHA e a nova actriz MARIA CLARA nos principais papeis

TEATRO DE MESTRE GIL
FANTOCHES ARTISTICOS
Admiravel desempenho das peças
I — Auto da Barca do Inferno
II — A Cabrinha Mé-Mé
III — A Grande Parada
HOJE 2 SESSÕES: ás 21,15 e 22,45
Matinée todos os dias ás 15,30
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 92
ao lado do Coliseu - Tel. 28295

AS MELHORES LIMONADAS E LARANJADAS
Servem-as o Rei das Limonadas A POMBALINA
R. do Comercio, 2 Tel. 2 7197

OLIMPIA CLUB
Um grande programa que se impõe com as notabilidades
BRAZALEMA E CARMEN DEL RIO
Marujita Pereira, Manolita Gutier e Aracely Coral
Bailarinas e coupletistas de superior categoria artistica
ORQUESTRA ABEL RESENDE, a melhor de todas as orquestras

Concha DANCING BAR
HOJE EM ESTREIA MARINA HARVEY e MARIA MILAGROS
Em pleno exito: MARIA ANGELES, CONSUELO ZAMORA, CARMELITA DE CORDOVA, DORITA LASTRA, AMELIA MARUNY, CONCHITA PEREZ
e a grande orquestra internacional SOUSA PINTO

São Luiz
T. 27172—A's 21,30
4.ª semana
O Costa do Castelo
Realização de Artur Duarte, com Maria Matos, Antonio Silva, Milú, Teresa Casal e outros

CONDES
A's 21 e 30
Telef. 2 2523
2.ª SEMANA
Historia duma noite
(BEDTIME STORY)
com Loreta Young e Frèdric March

CENTRAL
Tel. 24581
MATINÉES DIARIAS A's 21 30
Romance dum violino
O regresso do par invisivel

TIVOLI
A's 21 e 30
TELEF. 50595
4.ª semana
SEIS DESTINOS
com Ch. Boyer, Rita Hayworth, Ginger Rogers, Henry Fonda, Ed. Robinson, Ch. Laughton, etc.

ODEON
A's 21 e 30
PALACIO
A's 21 e 30
ESTREIA
A Condessa de Nova Orleans
um filme de René Clair com Marlène Dietrich e Robert Young

CAPITOLIO
A's 21
Mulheres na guerra
Não quero ser estrela!

POLITEAMA
Telef. 26305
A's 21 e 30
4.ª semana e ultima
A VELHA AMA
— em exclusivo —
com BETTE DAVIS, Miriam Hopkins e George Brent

GINASIO
A's 21 e 30
Telef. 20556
2.ª semana e ultima
A Florista da Rainha
(LA FLORISTA DE LA REINA)
com Maria Guerrero, Alfredo Mayo e Ana Mariscal

LYS
Tel. 48560
A's 21 e 15
Mulheres e musica
Livre como o vento

EDEN
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
A minha loira favorita
com Bob Hope e Madeleine Carrol

REX
Telef. 2 9656
A's 21
Salvo da morte
JUANITA

TERRASSE
Tel. 20917—A's 21 e 15
MULHERES E MUSICA
Livre como o vento

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Homens sem medo
com Jean Murat

CIDADE DE MARMORE...

A perpetua juventude

Foi Joaquim Leitão, no seu discurso da sessão comemorativa do centenario de Pinheiro Chagas, quem recordou que o povo de Paris, quando ia ouvir o verbo dominador de Lamartine, exclamava:

—Allons entendre de la musique.

Demostenes foi um Mozart do mundo antigo. Até Castelar e Gambeta, até José Estevão e Pinheiro Chagas—todos os artistas da palavra foram construtores de sinfonias ou de corais—tiradas de um unico naipe.

A oratoria não caiu. Os oradores é que se apagaram. Devido áquele fenomeno assinalado por Rui Ulrich, o «tempo» na eloquencia é outro, fora do nosso tempo.

A eloquencia é Verbo. Como tal—emoção. No orador de genio—e agora anota-se uma frase de Moreira Junior na mesma sessão—a palavra vibra e continua ainda quando a voz emmudece.

Foi Pinheiro Chagas mais orador do que estadista? Julgamos que foi, primeiro, orador—e, depois, estadista, e isto seria assim tal qual dizemos, mesmo que Chagas houvesse atingido, como homem publico, um plano de Pombal, de Mousinho, de Fontes ou de Hintze.

E eis nos surge a bela frase lapidar, o grande e luminoso conceito de toda a sessão solene da Academia—aquela que sintetizou tudo quanto se disse, ou quanto se chegou a pensar e a musica da palavra não deu:

—Só há no mundo uma perpetua juventude: é a daqueles que um dia, pela intuição viva do genio, souberam falar ao coração humano.

Julio Dantas epilogou com altanaria a sessão dos academicos. «O grave conselheiro Chagas»—esqueceu, «Manuel Pinheiro Chagas, principe das letras, viverá na memoria das gerações». E isto porque só ha no mundo uma perfeita juventude, a dos que souberam falar ao coração humano.

Pode não se morrer de amores pela Academia (sobretudo emquanto lá se não chega), mas ha que reconhecer que um academico é um homem de letras ou de ciencias como outro qualquer, e que se não possue o dom privativo do genio ou o exclusivo do talento, goza do mesmo direito á admiração de que se aureolam tantos que nunca souberam falar ao coração de ninguem.

A obra literaria, como obra de arte, tem de ser animada de um sôpro de humanidade. Ha uma clarividencia de Mestre neste conceito do sr. dr. Julio Dantas, conceito tanto mais robusto quanto—como toda a simplicidade—ele parece um lugar comum.

Não sabemos se foi o genio da eloquencia de Chagas que inspirou o verbo dos tão graves e doutos academicos. Sabemos que o sol, que é um grande e belo motivo —é dificil de cantar. Mas quando a lira soa alto e as cordas parecem de luz, extasiemo-nos, venha o hino de um poeta, de um pintor, de um violinista, de um academico ou de um rouxinol.

NORBERTO DE ARAUJO

O dr. Hermenegildo Arruga

chegou hoje a Lisboa

No avião da Lufthansa, chegou hoje a Lisboa, vindo de Barcelona, o sabio oftalmologista espanhol dr. Hermenegildo Arruga, que amanhã, na sexta-feira e no sabado, fará três conferencias, promovidas pelo sr. dr. Sertorio Sena, na Faculdade de Medicina e na Sociedade Medica dos Hospitais Civis de Lisboa, versando, respectivamente, os seguintes temas: «Do cinema como meio pedagogico em cirurgia», «Operação de catarata» e «Deslocamento da retina».

Crianças de Portugal

Intitula-se «Crianças de Portugal, saudaveis e felizes» uma dupla página grafica do ultimo numero da revista quinzenal ilustrada de actualidades internacionais «A Esfera».

Numero avulso: 1$50. Assinaturas: rua do Alecrim, 65, 1.º (telefone 2 1276).

O exito só se deixa encontrar por quem o procura

Não procure mais; compre na GRANDE OURIVESARIA DA MODA.

Rua da Prata, 257 (esquina da Rua de Santa Justa).

O ABASTECIMENTO DE GENEROS

E' urgente fomentar

o fabrico e distribuição do carvão vegetal

A iniciativa do «Diario de Lisboa», de se fazer a campanha do consumo do feijão e do grão, causou a melhor impressão nos organismos coordenadores e no comercio em geral. As mercearias, os celeiros e os armazens continuam cheios deste precioso produto, que o publico, em parte, deixou de consumir, dada a falta de carvão, lenhas e petroleo, para o confeccionar. Como a campanha do feijão está ligada á falta de combustiveis, porque não se associa a esta campanha altamente patriotica a Comissão Reguladora dos Carvões, com a adesão das Companhias dos Caminhos de Ferro, que, estamos convencidos, não deixarão de prestar o seu valioso concurso, mediante o fornecimento de transportes indispensaveis para abastecer o mercado? Por sua vez, os carvoeiros concorrerão com a sua boa vontade para auxiliar a comissão dos carvões, desde que ela lhe dê as facilidades de poderem livremente trazer o carvão para os seus estabelecimentos.

O sr. ministro da Economia já ontem, no decreto que foi publicado, deu varias facilidades para o fabrico de carvão, o que vem de certo modo auxiliar bastante o abastecimento do mesmo á capital.

Vai ser intensificada a produção do sabão

A Comissão Reguladora das Oleaginosas e Oleos Vegetais fez saber ás saboarias que o Gremio dos Armazenistas de Mercearia apresentou motivos impeditivos duma redução no pagamento da taxa de $15 por caixa vendida a retalho, mas propôs, como compensação ás pequenas saboarias, para as quais os encargos gremiais resultam demasiadamente onerosos, atribuir-lhes cotas de venda a retalho equivalentes á totalidade das suas vendas, desde que estas não excedam 200.000 quilos (6.666 caixas) anuais.

A comissão reguladora ponderou todos estes assuntos e entendeu que todas as saboarias inscritas no Gremio devem satisfazer os respectivos encargos como qualquer agremiado. Estes encargos são os seguintes: agremiados com sede em Lisboa e Porto: joia, 1.000$00; cota mensal, 150$00; taxa por caixa vendida $15; agremiados com sede fora de Lisboa e Porto: joia, 500$00; cota, 75$00; taxa por caixa, $15.

Esclarece-se que a taxa de $15 incide sómente sobre o sabão comum vendido a retalhistas ou ao publico e não sobre a totalidade das vendas, e é apenas o quantitativo daquelas vendas (do sabão comum a retalhistas e ao publico) que as saboarias inscritas têm de indicar mensalmente ao Gremio.

Muitas fabricas de sabão aguardam que a respectiva entidade coordenadora proceda com a maior brevidade á divisão dos oleos para se intensificar a produção do sabão, de harmonia com os desejos manifestados pelo sr. ministro da Economia.

Continua a falta de batata

Embora a Junta da Fruta tenha empreendido os maiores esforços, nestes ultimos dias, para abastecer o mercado de batata, o certo é que ela não aparece. Os preços por que actualmente se encontra tabelada difere muito duma regiões para outras, de modo que a confusão é grande e a batata escoa-se sem se saber como nem para onde. Pena é que a Junta da Fruta, que tem a seu cargo a distribuição da batata pela capital, não tivesse, logo de principio, tratado de ter em armazens, nos arredores de Lisboa, grandes quantidades deste tuberculo, para se proceder contra qualquer manobra, como a que está a verificar-se presentemente, pois seria agora mais facil transportá-la para Lisboa.

Porque se não fabricam sacos de papel para açucar?

As Companhias dos Caminhos de Ferro, para ressalvarem a sua responsabilidade, fizeram a seguinte comunicação ás fabricas de açucar e respectivos armazenistas e entidades coordenadoras:

«Tem-se verificado que, por falta de resistencia, devido ao muito uso e má qualidade da linhagem das sacas utilizadas para transporte de açucar, frequentemente chegam as ditas sacas rebentadas e com perda do seu conteudo, não obstante os cuidados dispensados na sua manuseação. A-fim de se evitarem reclamações ou contestarem-se as mesmas, quando se produzam pelos motivos indicados, sirva-se recomendar que nas estações onde é de uso efectuarem-se despachos de açucar, sejam sempre exigidas as reservas correspondente ás condições em que nos são entregues os sacos».

Segundo as nossas informações, os industriais de refinaria de açucar vêm lutando há tempos com a falta de sacaria para o transporte de açucar, por há muito não terem fio de juta para a confecção de sacas. E, por esse motivo, estão a utilizar sacaria usada e por vezes pouco limpa, o que se não recomenda para uma mercadoria como o açucar, que é consumida directamente tal qual sai da fabrica, sem se poder lavar, como sucede com o arroz e as massas.

Dada, pois, a dificuldade na obtenção de fibras para o fabrico de sacos, porque não se utilizam os sacos de papel, como estão já a fazer os fabricantes de cimento?

Aí fica o alvitre, unica forma de, no presente momento, se dar remedio aos inconvenientes apontados pelas companhias ferroviarias, tanto mais que, em varios países, se está já a fazer uso do papel para sacos, alguns feitos até em papel torcido e tecido, que são muito resistentes e fortes.

Movimento no Matadouro

A-fim de serem abatidas para consumo publico em Lisboa, deram hoje entrada no Matadouro Municipal 2.279 cabeças de gado, assim especificadas: bois 39, vitelas 27, suinos 49, cavalos 5 e carneiros 2.159.

Amanhã não ha matança.

Fiscalização na provincia

O sr. tenente Silva Pais nomeou algumas brigadas para percorrerem varios pontos da provincia com instruções rigorosas para procederem contra os detentores de ovos e de outros produtos, e que se recusam a enviá-los para a capital.

O busto de Antero

Alvitra-se a sua colocação no Jardim Botanico

Do escritor sr. Correia da Costa recebemos a seguinte carta:

«Sr. dr. Joaquim Manso—Dando-se a circunstancia de se encontrarem em Lisboa os membros da Comissão Organizadora do Busto a Antero de Quental, sr. dr. Manuel da Silva Carreiro, com representação de seu irmão, sr. dr. Carlos da Silva Carreiro, director do *Diario dos Açores*, escultor sr. Diogo de Macedo e arquitecto sr. Jorge Segurado (autores do monumento) e o signatario e secretario dessa comissão organizadora e de comum acôrdo entre todos—lembramos á Camara Municipal de Lisboa que o busto de Antero que se encontra arrumado nos jardins do Palacio Galveias seja colocado num recanto do Jardim Botanico, já que se deu a circunstancia de ter saido da Estrela, por motivo das obras dêsse jardim. Excluida essa hipotese, lembramos ainda um dos corredores da Biblioteca Nacional, como segunda solução.

Tudo, evidentemente; menos a arrumação anonima e injusta nos jardins do Palacio Galveias.

Eis a nossa divisa colectiva: Tudo por Antero, nada contra Antero. — De v., etc.—Pela Comissão Organizadora do Monumento a Antero de Quental, *Correia da Costa*».

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã em Portugal:

Instavel, com algumas trovoadas, principalmente nas zonas do interior. Temperatura sem grande modificação. Vento dos quadrantes de N, geralmente moderado.

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa até ás 16 horas: *Maxima, 24°,5; minima, 14°,5.* No mesmo dia do ano passado: *Maxima, 18°,5; minima, 10°,7.*

O padrão ouro deverá ser restaurado em todo o mundo

após a guerra

WASHINGTON, 7.—Morgenthau, disse ontem na Conferencia da Imprensa, que as propostas monetarias dos Estados Unidos seriam submetidas ás seguintes trinta e sete nações: Australia, Belgica, Brasil, Canadá, China, Costa Rica, Cuba, Checo-Eslovaquia, Republica Dominicana, S. Salvador, Etiopia, Grã-Bretanha, Grecia, Guatemala, Haiti, Honduras, India, Iraque, Luxemburgo, Mexico, Holanda, Nova Zelandia, Nicaragua, Noruega, Panamá, Polonia, Africa do Sul, Russia, Yugo-Eslavia, Bolívia, Colombia, Chile, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

O significado das propostas e os convites para enviarem tecnicos foram submetidos a todas as Nações Unidas, assim como aqueles paises latino-americanos que, a-pesar-de não terem declarado guerra ao «eixo», cortaram com ele as relações diplomaticas. Assim a Argentina é o unico pais latino-americano a quem não foram submetidas as propostas.

Morgenthau confirmou que sob éste plano o ouro seria a medida basica, o que é interpretado como significando que o plano restauraria o padrão ouro em todo o mundo. O secretario do Tesouro declarou tambem que o fim do plano era evitar o circulo vicioso da depreciaçoã monetaria, depois da guerra. O autor das porpostas, Harry White, disse haver um plano com o fim de tentar que os Estados Unidos fornecessem uma parte importante dos 5 biliões de dolares propostos para o fundo de estabilização.

Entretanto, o Tesouro americano publicou ontem o texto da carta de Morgenthau dirigida aos ministros das Finanças dos 37 paises, convidando-os a enviar tecnicos a Washington, para discutirem as sugestões americanas, para o fundo internacional de estabilização das Nações Unidas e associadas.—(E. T.).

Os generais britanicos

que fugiram de Italia

WELLINGTON, 7 — Peter Frazer, Primeiro ministro da Nova Zelandia, anunciou hoje que foi oficialmente informado pelo ministro dos Dominios e pelo alto comissario da Nova Zelandia em Londres, Jordan, de que os dois generais que conseguiram recentemente fugir de Italia e se refugiaram na Suiça são Hargest e Mils, que se encontram, ambos, em Berne.—(E. T.).

Homem Christo

Curiosas notas inéditas sobre a vida privada do grande jornalista

Tudo quanto se pode escrever sobre uma figura como a do grande jornalista Homem Christo, é sempre de flagrante interêsse, mais ainda, quando se revelam parcelas de vida, de caracter, notas privadas e curiosas, anecdotas. Temos diante de nós um longo artigo que a revista «Eva», dirigida por sua propria filha, apresenta no seu ultimo numero. Não é um artigo banal sobre o grande panfletario, mas verdadeiras revelações que nos trazem essas notas. Escrito por cinco mulheres que com ele privaram, por sua propria filha e secretaria particular, essas revelações mostram-nos Homem Christo tal qual era: duro por vezes, quando necessario, bondoso, amavel e cavalheiresco, risonho e brincalhão, azedo e combativo quando sentia estar em perigo. E' Homem Christo inteiro que esse artigo revela. Muitos dos que o conheceram através das suas lutas, os seus combates pela Verdade, ignoravam-no. A «Eva», através dêste artigo, faz-nos conhecer a verdadeira personalidade do Homem a quem um dia se há-de fazer justiça.

CRISTAL BAR-DANCING DA MODA AP

Sansalvador

«E' uma bailarina no mais exacto sentido da palavra — *no autorizado entender do ilustre critico dr. Jorge de Faria* **apresenta hoje quatro numeros do seu vasto repertorio**

Orquestra CRISTAL

Os combates
na frente leste
revestem-se
de caracter local
— dizem de Berlim

BERLIM, 7 — *Comunicado oficial:*

«Na frente leste registaram-se actividades de combate locais mais ou menos vivas.

Alguns ataques sovieticos apoiados por um nutrido fogo de artilharia fracassaram.

Um dos nossos empreendimentos de ataque no Donetz médio atingiu o seu fim, contra uma resistencia encarniçada do inimigo.

Num empreendimento coroado de exito no sector norte da frente leste, um grupo de choque de divisão dos voluntarios espanhois fez explodir 14 fortins bolchevistas e trouxe prisioneiros.

Na frente da Tunisia

Na frente do sul da Tunisia, o inimigo retomou a ofensiva depois duma forte preparação da artilharia.

Os combates continuam.

A guerra aerea

Um bombardeiro britanico, isolado, que tentava atacar localidades da Alemanha de noroeste, com armas de bordo, foi abatido.

As perdas da população de Anvers no ataque terrorista das formações aereas anglo-americanas, do dia 5, aumentaram até mais de 2.000 mortos».—(D. N. B.).

O comercio externo
dos Estados Unidos

WASHINGTON, 7.—Os relatorios elaborados pelos tecnicos do Departamento do Comercio dizem que as exportações em janeiro e fevereiro do presente ano, dos Estados Unidos, atingiram o valor de um bilião e trezentos e setenta e sete milhões de dolares, o que significa um aumento de 44% sôbre o valor das exportações dos primeiros cinco meses do ano passado.

No mesmo periodo de tempo as importações cifraram-se em quatrocentos e sessenta e três milhões de dolares, o que representa um decrescimo de dez por cento sôbre o valor das importações em janeiro e fevereiro de 1942.

Estas cifras não englobam as exportações para as forças armadas norte-americanas no estrangeiro, mas abrangem as mercadorias mandadas para países estrangeiros ao abrigo da lei de emprestimo e arrendamento.—(U. P.).

Projecto de cooperativa

A primeira pagina do «Sempre Fixe» de hoje é uma interessante «charge» de Francisco Valença, ao aumento do preço de certas marcas de tabaco.

Os outros artistas representados neste numero do engraçadissimo semanario são Stuart Carvalhais, Botelho, Octavio Sergio, Pargana, Zé Gonçalo, Antale, Colaço, Amparo e Páramos.

Algumas das produções em prosa e verso: «Os ditos da semana»; «Notas desportivas: Campeonato Nacional da Bola»; «Lira jovial»; «De tudo um pouco... alinhavado por Gamalhães»; «O teatro visto por fora e visto por dentro»; «Letras e tretas» (pagina literaria); «Charadas... chaladas»; «O Porto alegre»; e «Palavras Cruzadas» a serio.

Numero avulso: $50. Assinaturas: rua da Rosa, 57, 2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

«Assim estalou a guerra»
Segunda edição ampliada com um capitulo sobre as responsabilidades da guerra

Acaba de ser posta á venda a 2.ª edição (4.º e 5.º milhares) do sensacional livro de Carlos Ferrão, «Assim estalou a guerra», ampliada com um oportunissimo capitulo sobre as responsabilidades da guerra.

Este livro de Carlos Ferrão documenta, escrito sobre elementos de informação oficiais, as circunstancias dramaticas em que o mundo caminhou para a guerra.

Preço: 17$50. Edição da Parceria A. M. Pereira.

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

AS DECLARAÇÕES DE PEDRO CALMON

E' preciso unificar
em Portugal e no Brasil
a legislação sôbre propriedade literaria

Um telegrama do Rio de Janeiro, que ontem publicámos, refere as declarações de Pedro Calmon sôbre a questão suscitada no Brasil acêrca da edição, ali feita, de algumas obras de classicos portugueses. O dr. Pedro Calmon, que é um jurista eminente e conhece as coisas portuguesas de as estudar e de ter estado em Portugal, põe a sua opinião. Não lhe falta autoridade para isso Mas os seus argumentos serão definitivos? Não há que pôr a questão unilateralmente, pois há interesses a considerar. Não, evidentemente, simples interesses de comercio— que seriam já de si dignos de ponderar-se— mas interesses espirituais que não podem deixar-se ao improviso. Portugal e Brasil estão ligados em termos suficientemente intimos e compreensivos para que se possa dar jeito de polémica a um tal assunto. O que importa é esclarecer. O presidente do Gremio Nacional dos Editores e Livreiros Portugueses, nosso amigo sr. Antonio Maria Pereira, a quem pedimos a sua opinião sôbre o assunto, atribue o diferendo á falta de unificação dos textos das leis que regulam os direitos de autor nos dois países. E diz-nos:

—Ao considerarmos a comunhão intelectual entre os dois países irmãos, agora mais do que nunca bem expressa pelo Acôrdo Cultural, somos levados a exigir, como complemento dêsse acôrdo, a imediata promulgação de nova lei, bem clara e insofismavel, de propriedade literaria. Não faz sentido que, em Portugal, vigore a perpetuidade de direitos de autor, ao passo que no Brasil continue em vigor o regime de 60 ou 50 anos *post-mortem*, respectivamente para os autores brasileiros e para os portugueses.

A consequencia desta situração é facil de deduzir. E' Antonio Maria Pereira que a apresenta:

—A propriedade literaria dum autor português falecido há mais de 50 anos continua em Portugal na posse perpetua do seu adquirente, ao passo que no Brasil cai no Dominio Publico; resultado: os editores brasileiros podem legitimamente editar as obras dêsse autor e invadir com elas o mercado português, onde o proprietario perpetuo se julgava garantido contra toda a concorrencia. Já vê que esta situação, pelo menos tal como o meu raciocinio a deduz, é incoerente; a não ser que a interpretação juridica seja outra. Para isso, a-fim-de se obter o criterio oficial sôbre o assunto, o Gremio dos Editores expôs já a questão á Procuradoria Geral da Republica e aguarda, com o maior interesse, a decisão que será fundamental para a apreciação do incidente latente. Há ainda a considerar o suplemento de 5 anos e 153 dias a acrescer á duração do direito, aprovado após o Tratado de Paz de 1918 e que, suponho, tambem vigora no Brasil.

As origens do incidente

—Como surgiu agora a questão?—preguntámos.

—O incidente—diz-nos Antonio Maria Pereira—surgiu a proposito dos «Sonetos» de Antero do Quental. A propriedade literaria da obra (penpetua, é claro) pertence a um editor português. No Brasil, determinado editor publicou uma bela edição dos mesmos «Sonetos» sem pagar os respectivos direitos. Ora, Antero do Quental faleceu em 1891, portanto há 52 anos. O editor português considera-se expoliado e está disposto a processar o que supõe ser infracção. Pelo contrario, o editor brasileiro, não considerando o tal suplemento de 5 anos e 153 dias, declara-se dentro da lei por terem expirado os 50 anos *post-mortem*.

«Esse mesmo editor do Brasil lançou recentemente, no mercado um volume intitulado «Os Gatos», de Fialho de Almeida. Ora, Fialho faleceu em 1911, pelo que a sua obra está ainda muito longe do dominio publico. O editor português, que possue a propriedade dessa obra, considera-se igualmente expoliado e julga-se no direito de fazer valer pela justiça a lei que o protege.

—E que alega o editor brasileiro?

—Diz tratar-se de «antologia», permitida pela lei. Realmente, êsse volume não é a obra «Os Gatos» integral, mas uma selecção, embora grande, dos 6 volumes da edição legitima. O proprio sub-titulo indica: *Selecção e prefacio de José Lins do Rego*. De facto, a lei, no seu artigo 19.º, permite a inserção *total ou parcial de pequenas composições alheias formando antologia*. Pregunta-se: estaremos, no caso presente, em face duma antologia de Fialho? Para responder a esta interrogação impõe-se outra interrogação prévia: o que é *antologia?* A definição dos lexicólogos é vaga; o limite em que a antologia deixa de o ser para passar a reprodução ilegitima não está bem definido; e neste diferendo reside a questão de «Os Gatos».

Com Gonçalves Crespo, falecido em 1883, surge questão semelhante.

—Isso quere dizer...

—Quere dizer que estamos em face de presumidas ilegalidades, pelo que os editores portugueses se consideram lesados e, portanto, dispostos a fazer valer os seus direitos. Há até quem sugira, como reciprocidade, editar em Portugal, sem pagamento de direitos de autor, *antologias* de escritores brasileiros. Mas isso seria quasi uma «bilague»... Por outro lado, atendendo á categoria das pessoas que, directa e indirectamente, contribuiram para essas edições brasileiras, não posso, sequer, admitir, a hipotese de edições fraudulentas. Há, pelo menos, que considerar a boa fé do editor e dos seus colaboradores e inspiradores. Sou, portanto, levado a concluir que a iniciativa teve a inspirá-la o desejo louvavel de dar expansão aos autores portugueses dentro dum criterio de suposta legitimidade na interpretação da lei. Juizo mais completo acêrca da questão, só poderei formulá-lo depois de ouvida a Procuradoria Geral da Republica sôbre o criterio interpretativo da legislação e depois de ter sido definida, de maneira rigorosa e insofismavel, a palavra *antologia*.

Concluindo, Antonio Maria Pereira diz-nos:

—Para prestigio das boas relações literarias entre o Brasil e Portugal, só desejo que se encontre a formula de conciliação que, sem lesar os interesses legitimamente adquiridos dos editores portugueses, não impeça a expansão dos nossos autores. Basta, para isso, um bocadinho de espirito de tolerancia e de boa compreensão de parte a parte. E ocorre-me esta solução que me parece viavel: uma arbitragem para resolver a situação criada pelo facto consumado (com o compromisso reciproco do absoluto acatamento da decisão dos arbitros). E, para de futuro, a realização imediata de um novo tratado de propriedade literaria entre Portugal e o Brasil.

O terramoto
no Chile
causou grandes prejuizos

BUENOS AIRES, 7.—Informam que o tremor de terra provocou graves prejuizos na capital do Chile.

Numerosos grandes predios ficaram muito danificados e mostram enormes brechas.

O Ministerio da Guerra, que é um dos edificios mais atingidos, está a ser estudado pelos engenheiros, que receiam que se desmorone dum momento para outro.

Emquanto que o sul do Chile foi menos atingido pelo tremor de terra, parece que, no norte, 50 a 80 % dos predios cairam.

O numero de mortos e de feridos ainda não é conhecido exactamente. O governo enviou numerosos aviões com material sanitario para as regiões mais experimentadas.

As comunicações telefonicas e telegraficas particulares foram suspensas para as linhas estarem livres para as comunicações oficiais.—(D. N. B.).

As cidades atingidas

MADRID, 7—Sobre o violento tremor de terra no Chile, informam complementarmente que entre Valparaiso e Talcaetalca, este sismo atingiu uma força de 8 e na região de Norte e da cidade chilena de Salamanca, uma força de 9.

Os aviões militares verificaram que a cidade de Salamanca, que contava 5.000 habitantes, está práticamente destruida. Na cidade de La Serena que, como foi communicado, foi de novo experimentada por este tremor de terra, o numero de mortos é relativamente pequeno o que se deve ao facto de que o tremor de terra se deu de dia. No entanto o numero de feridos é muito grande.—(D. N. B.).

O numero de mortos

SANTIAGO DO CHILE, 7—Segundo informações oficiais, o abalo sismico que se deu ontem causou seis mortes na aldeia de Sotaqui e duas na de Ovalle.—(E. T.).

Resultados duma viagem

O secretario de Estado para os Negocios Estrangeiros da Grã-Bretanha, sr. Eden, regressou a Londres depois duma viagem que, iniciada em 12 de março, se prolongou durante cêrca de três semanas pelos Estados Unidos e pelo Canadá. O Primeiro ministro anunciou que dentro de alguns dias o sr. Eden fará na Camara dos Comuns uma exposição pormenorizada sobre os trabalhos em que tomou parte, advertindo, porém, desde já, os seus ouvintes de que alguma coisa ficaria por dizer, pois nem todos os assuntos tratados se destinam á publicidade. Este aviso não deixa de constituir uma indicação quanto á verdadeira natureza das declarações que o secretario de Estado para os Negocios Estrangeiros está em condições de fazer sem perigo para as negociações actualmente em curso.

A sua viagem aos Estados Unidos, inicialmente classificada como uma tomada de contacto, alargou depois a sua finalidade e apareceu classificada como uma visita de exploração. Mas houve sempre o cuidado de acentuar que se não devia falar de realizações, pois era pouco provavel que se chegasse em Washington a conclusões imediatas quanto aos principais problemas que continuam pendentes entre as quatro principais potencias do grupo das Nações Unidas.

A COMITIVA DO SR. EDEN

Sir Alexander Cadógan, secretario geral do Foreign Office, não acompanhou o sr. Anthony Eden na sua viagem. A ausencia deste alto funcionario da secretaria dos Estrangeiros foi explicada por motivos de doença, mas nem por isso ela deixou de ser sensivel. Sir Alexander tem acompanhado as negociações diplomaticas em que a intervenção britanica se fez sentir durante os ultimos anos e a sua autoridade é, geralmente, reconhecida. Na companhia do secretario de Estado seguiu, para os assuntos diplomaticos, o sr. William Strang, que conhece, de maneira especial, os problemas da Europa oriental e da Russia. O nome deste funcionario do Foreign Office foi muito evocado quando dos acontecimentos de 1938 e 1939, que precederam a celebração do acôrdo de Munich e a celebração do pacto germano-sovietico. Os outros peritos que acompanharam o sr. Eden foram os srs. Gladwyn Jebb e Cruisashank, o primeiro para os assuntos economicos, o segundo para as questões de propaganda. A composição da comitiva de um homem de Estado é, quasi sempre, a melhor indicação para avaliar da natureza dos assuntos que ele se provõe tratar.

Com o sr. Eden regressou a Londres o embaixador norte-americano, sr. Winant, e este regresso não deixou de causar certa surpresa, pois chegara a anunciar-se que não voltaria a ocupar o seu posto.

OS ASSUNTOS TRATADOS

Nas conferencias que o sr. Eden teve em Washington trataram-se as questões essenciais e aquilo que podem chamar-se os pretextos para manter o contacto diplomatico. O sr. Eden, segundo agora se revelou, esteve algumas vezes na Casa Branca até muito tarde e outras vezes compareceu ali bastante cedo. Quanto á condução da guerra, a campanha submarina e a maneira de a enfrentar foram os temas capitais que tratou em Washington e em Ottawa. Quanto á paz e á sua construção, o problema fundamental das relações entre o grupo anglo-saxão e a U. R. S. S. constituiu não apenas a razão principal da sua viagem, mas o capitulo mais delicado da sua actividade.

Como temas de ordem seeundaria tratados durante a viagem, devem referir-se o pedido de auxilio á China e as divergencias entre franceses. Com o regresso do sr. Eden coincidiu, como se sabe, o convite do general Eisenhower a De Gaulle para que este adiasse, sem limite de prazo, a sua anunciada viagem a Argel. O sr. Eden procurou ainda, certamente, reduzir o ambito das divergencias entre o plano americano (Morgenthau) e britanico (Keynes) para a estabilização das moedas e tratou das conferencias inter-aliadas assentes (sobre refugiados e alimentação) ou em perspectiva (sôbre moedas).—C. F.

VIDA ARTISTICA

Exposição de Fausto Beleza

Na Casa do Alentejo, Fausto Beleza, discipulo de mestre aguarelista Alberto Sousa, expõe uma serie de trabalhos, que caracterizam uma personalidade. Há na sua retina observação e emoção. Dá-nos aguarelas limpidas, duma frescura de ecloga, feitas sobre motivos paisagisticos. Fausto Beleza procura sempre a harmonia da côr e a linha essencial do desenho, demonstrando assim as virtudes da sua boa escola. Esta exposição, que tem sido muito visitada, marca o principio da sua carreira. Esperamos encontrar o artista mais vezes.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 8.—S. Dionisio, bispo.

Lausperene, sai da capela de N. Senhora da Conceição ao Caldas, para a capela de Nossa Senhora do Rosario de Fatima, na rua Braancamp; nos referidos templos haverá, ás 11 e 30, missa e procissão.

«Nunes & Anjos, Limitada»

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 24 de Fevereiro do ano corrente, lavrada nas notas do notario desta comarca, dr. Mario Rodrigues, foi constituida entre Eduardo Colaço dos Anjos e Humberto Dinis Nunes, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma Nunes & Anjos, Limitada, a qual se ha-de regular pelas disposições constantes dos artigos seguintes:—Primeiro—A presente sociedade adopta para todos os seus actos e contratos a firma Nunes & Anjos, Limitada, tem a sua sede em Lisboa e o seu domicilio e escritorio vão ser na Rua das Pretas, numero vinte e três, segundo andar, data o seu inicio do dia um de Abril proximo futuro, com duração indeterminada, e tem por objecto o comercio de comissões e consignações, podendo tambem explorar qualquer outro ramo de comercio, com excepção, porém, daqueles para que sejam precisas autorizações especiais. Segundo—O capital social é de vinte mil escudos já entrado em dinheiro, na caixa da sociedade e corresponde á soma das quotas dos socios, que são de dez mil escudos, cada uma. Paragrafo unico—Se a sociedade para o desenvolvimento das suas operações necessitar de fundos, poderão estes ser-lhe abonados por qualquer dos socios, ou por ambos em partes iguais e naquele caso vencerão juros, que não poderão exceder o limite legal, vencendo igualmente juros qualquer abono ou diferença que um dos socios faça superior ao outro. Terceiro—Nenhum dos socios poderá ceder a sua quota sem o expresso assentimento de quem mais fôr socio. Paragrafo unico—Não obstante o estipulado o socio Eduardo Colaço dos Anjos poderá ceder até cinquenta por cento da sua quota inicial a quem oportunamente designar ao outro socio. Quarto—A gerencia e a administração de todos os negocios da sociedade e a sua representação em juizo e fora dêle, activa e passivamente, ficam incumbidas aos dois socios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem caução, nem retribuição. Paragrafo primeiro—Para a sociedade ficar validamente obrigada, é necessaria a assinatura conjunta dos dois socios. Paragrafo segundo—Os serviços sociais ficarão a cargo dos dois socios, e especialmente a cargo do socio Eduardo Colaço dos Anjos fica a responsabilidade da caixa e escrituração da sociedade. Paragrafo terceiro—Fica expressamente proibido aos gerentes empregarem a firma em actos e contratos de interesse alheio ao objecto social e em especial em letras de favor, abonações e outros semelhantes, ficando individualmente responsavel por perdas e danos, perante o outro socio, aquele que infringir o disposto neste paragrafo. Quinto—Em Dezembro de cada ano, proceder-se-á ao balanço geral de todos os negocios da sociedade, o qual deverá estar encerrado e assinado até ao dia quinze de Março do ano imediatamente seguinte: Os lucros liquidos apurados depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, dez por cento para um fundo de depreciação de moveis e utensilios e ainda dez por cento para um fundo de reserva especial para consolidação do activo social, serão divididos pelos socios na proporção das suas quotas. Sexto—A sociedade sómente se dissolve nos casos marcados na lei. Setimo—Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios os socios, seus herdeiros ou successores, e a partilha dos haveres sociais, será feita extra-judicialmente, nos termos e condições que entenderem dentro dos limites legais. Falecendo ou sendo declarado interdito qualquer dos socios, a sociedade continuará com os respectivos herdeiros ou representantes, os quais, e emquanto a quota permanecer indivisa, exercerão em comum os respectivos direitos, devendo porém dentre si nomear um que na sociedade os represente. Oitavo—Nenhum dos socios, quer em seu nome inidividual, quer por interposta pessoa ou ainda associado com outrem, poderá exercer qualquer negocio igual áquele que a sociedade explorar, sob pena de pagar á sociedade uma indemnização a titulo de perdas e danos. Nono—Em tudo o omisso regularão as disposições legais aplicaveis e, em especial as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um. Lisboa, 11 de Março de 1943. O ajudante do Notario dr. Mario Rodrigues. *Luiz de Sousa Rebelo.*

Excursão de professores

á vila de Redondo

REDONDO, 7.—(Pelo telefone).—Chegaram a esta vila, em excursão, alguns professores e alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, que tiveram nesta vila uma recepção muito cordial. Compõem a excursão os srs. drs. Hernani Cidade, Luiz Schwalbach e Vitorino Nemesio, dois professores leitores romenos, e uma dezena de alunas e alunos de varios cursos.

Os excursionistas visitaram esta manhã o edificio do antigo Convento de S. Paulo, dos frades da Serra da Ossa, onde almoçaram.

De tarde, acompanhados por algumas pessoas desta vila, percorreram o Redondo, visitando algumas das suas curiosidades locais. A' noite ser-lhes-á oferecido, por um grupo de senhoras desta vila, um jantar de festa no Redondo Club, e que servirá de pretexto para a vila saudar os excursionistas, e destemunhar o seu apreço pelos ilustres professores que nos visitam.

O BANCO DE PORTUGAL

reduziu a taxa de desconto

O Banco de Portugal, no intuito de acompanhar a tendencia do mercado, resolveu que, a partir de amanhã, quinta-feira, 8 do corrente, seja reduzida para *três por cento* a taxa de desconto na Sede, Caixa Filial e Agencias do Banco.

FESTA DE CARIDADE

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, realiza-se, na tarde do dia 17 do corrente, no teatro Variedades, amavelmente cedido pela empresa Antonio de Macedo, uma recita por distintos amadores, alunos da Escola Manuel Bernardes. Sobe á cena uma peça original do falecido comediografo Chagas Roquete. O produto do espectaculo reverte para o Preventorio de Santa Teresinha, de Colares. Os pedidos de bilhetes fazem-se pelo telefone 2 3554.

VENDA DE TERRENOS

Efectuou-se ontem, nos Paços do Concelho, a venda, em hasta publica, dos seguintes lotes de terreno: 1, na Encosta da Ajuda, por 84$00 o m2, á sr.ª D. Julia da Conceição S. Paz Vieira; 1, na avenida Antonio Augusto de Aguiar, por 472$50 o m2, aos srs. Luiz da Cruz e Augusto Monteiro; 1, na praceta da avenida Almirante Reis, por 178$50, aos srs. Ramiro Felisberto e Antonio Duarte, e 1, na rua Augusto Machado, por 730$00 o m2, á firma J. Domingo, Ld.ª.

RADIO CLUB PORTUGUÊS

Radio Club Português emite hoje, ás 21 horas, o segundo problema de palavras cruzadas radiofonicas; ás 21 e 30, um programa de musica ligeira, portuguesa e espanhola, com Pastora Soler, Lucilia do Carmo, Xavier Pinto, Gabino Ferreira, Martinho da Assunção e Francisco Freitas; e ás 22 e 15, o segundo concerto pela orquestra portuguesa de salão, sob a direcção do maestro Henrique Cabral.

A «CASA DO RIBATEJO»

terá a sua sede na Rotunda

No escritorio do notario sr. dr. Facco Viana, foi assinada a escritura de arrendamento do segundo andar do predio n.º 16, situado na praça Marquês de Pombal, ao fim da avenida da Liberdade, onde será instalada a sede da «Casa do Ribatejo» (em organização).

A comissão fundadora vai mandar proceder ás obras de reparação e adaptação necessarias, a-fim de que, brevemente, ali se possa efectuar a assembleia geral para aprovação dos estatutos e, depois de devidamente legalizada, a «Casa do Ribatejo» possa ser frequentada pelos seus socios já em numero aproximado a 1.500.

Todas as pessoas que se inscreverem até á referida assembleia geral serão ainda consideradas socios fundadores.

Os serviços de secretaria, expediente e propaganda da colectividade serão transferidos para a nova sede no dia 1 do proximo mês de maio.

O concurso para o emblema da «Casa do Ribatejo» termina no dia 20 do corrente.

PREMIO «TRÁS-OS-MONTES»

Conforme noticiámos, a poetisa sr.ª D. Beatriz Arnaut tomou o encargo da criação duma verba destinada a subsidiar os estudos de duas raparigas pobres, trasmontanas, que demonstrem maiores dotes morais e de inteligencia e pretendam fazer um curso superior, ou a um premio anual de 500$00, para ser atribuido em identicas condições, sob a designação de «Premio Trás-os-Montes». O capital reunido para este belo empreendimento já *ascende a 20.005$00*, quantia com que já foram adquiridas vinte obrigações do Estado, de 1942, de três por cento.

«Amparo da criança»

Para ajudar o «Amparo da Criança», bela obra de protecção á juventude que tem a sua sede na rua das Amoreiras, 196, recebemos do «Unitarian Service Committee», de Boston, que tem actualmente como director em Portugal o sr. dr. Robert C. Dexter, a quantia de 200$00.

—Com o mesmo simpatico fim, recebemos 100$00, de B. D. M.

VENDA DE CARIDADE

Nas tardes de 12, 13 e 14 do corrente, realiza-se, na sala da sucursal do nosso colega *Diario de Noticias*, no largo das Duas Igrejas, uma exposição e venda de trabalhos confeccionados por senhoras da nossa primeira sociedade, cujo produto se destina á Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio. Nessas tardes decerto será ali que tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante terá o seu ponto de reunião.

IMPRENSA

«Jornal dos Mercados»

Completa hoje 15 anos de existencia o «Jornal dos Mercados». Os nossos cumprimentos.

O sorteio dos pontos dos exames

para professores extraordinarios da Faculdade de Direito

Na presença do director da Faculdade de Direito de Lisboa, sr. professor Ruy Ulrich, foram hoje sorteados os pontos dos exames para professores extraordinarios daquele estabelecimento de ensino superior.

Os resultados do sorteio foram os seguintes:

Amanhã prestarão provas os srs. drs. Pires da Cruz e Luiz Pinto Coelho, que apresentarão as suas dissertações, respectivamente intituladas «Os vicios redibitórios no Direito Português» e «Da co-propriedade no Direito Português», sendo arguentes os professores Paulo Cunha, de Lisboa, e Manuel de Andrade, de Lisboa.

Depois de amanhã, o sr. dr. Cavaleiro Ferreira defenderá a sua tese que tem por titulo «A personalidade do delinquente. Na repressão uma prevenção».

Associação Protectora da Infancia

Pela C. M. L. foi autorizada a concessão de um subsidio de 500 escudos á Associação Protectora da Infancia.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Expiação».
AVENIDA—A's 20 e 30 e sá 22 e 45—«De fora dos eixos».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A costureirinha da Sé».
VARIEDADES—A's 21 e ás 23—«O inferno».
COLISEU — A's 21 e 30—Companhia de Circo.
TEATRO DE MESTRE GIL—A's 21 e 15 e ás 22 e 45—Fantoches.
CASABLANCA—«Music-hall» e variedades.

CINEMAS

S. LUIZ—«O Costa do Castelo».
TIVOLI—«Seis destinos».
EDEN—«A minha loira favorita».
POLITEAMA—«A velha ama».
GIMNASIO—«A florista da rainha».
CONDES—«Historia de uma noite».
ODEON—«A condessa de Nova Orleans».
PALACIO—«A condessa de Nova Orleans».
CAPITOLIO—«Mulheres na guerra».
TERRASSE—«Mulheres e musica».
CENTRAL—«O regresso do par invisivel».
OLIMPIA—«Beijos e balas».
LYS—«Mulheres e musica».
REX—«Salvo da morte».
PROMOTORA—«Odio que vive».

Tabacaria GIRASOL

PAPELARIA, LIVRARIA, LOTARIAS, PERFUMARIAS E BIJOUTERIAS

Jornais e revistas nacionais e estrangeiras

Rua Lopes, 100-A — LISBOA

União Electrica Portuguesa

S. A. R. L.

SÉDE — Rua Duque de Loulé, n.º 240 — Porto

Telefones: 2828 - 2829 - 2830 — Est. 90

DELEGAÇÃO — Rua Antonio Maria Cardoso, 13, 2.º - Lisboa

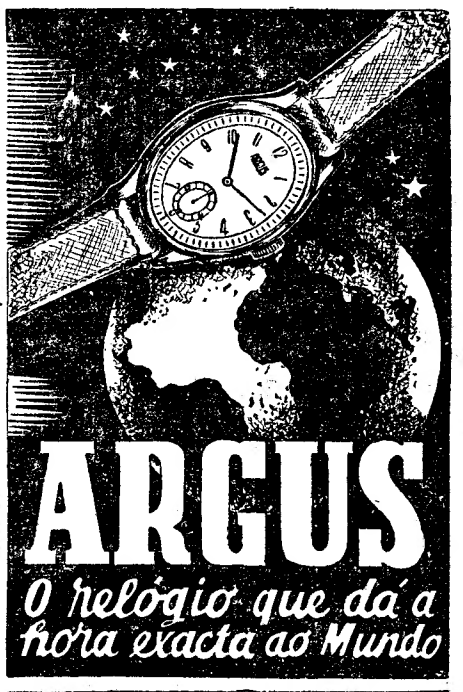
Terefones: 27232 - 27233 - Est. 365

ELECTRICIDADE DAS CENTRAIS DO LINDOSO, DO FREIXO E DA CACHOFARRA

A **União Electrica Portuguesa** distribue e vende electricidade nos distritos de VIANA DO CASTELO, BRAGA, PORTO, AVEIRO, COIMBRA, VISEU, LEIRIA, SETUBAL e EVORA, pela mais extensa rêde de alta-tensão em Portugal (mais de 1 350 Kms.), levando força motriz ás FABRICAS e luz a CIDADES, VILAS, ALDEIAS e LUGARES.

A **U. E. P.** facilita a electrificação de Fábricas e oferece as maiores vantagens nas suas tarifas e põe á disposição dos seus estimados clientes o seu «stock» de TRANSFORMADORES para diversas potências.

Consultar a **U. E. P.** e consumir a sua energia é **proveitôso negocio**.



Herniados

FUNDAS SEM MOLAS E SEM PELOTAS SÓ NO DEPOSITO BARRÈRE

DEPOSITO BARRÈRE

FARMACIA OLIVEIRA — RUA DA PRATA, N.º 240 — LISBOA

Alfaiataria Aguia

Grande variedade de padrões á escolha
Fatos com bons forros e perfeita execução 250$00, 300$00 370$00 450$00, etc.
Feitios 140$00 160$05 e 200$00
Estes preços combatem todos os reclamos

Rua da Madalena, 202-1.º — Tel. 2 0581

RESTAURANTE BONJARDIM

Travessa de Santo Antão, n.º 11, 1.º

Comunica aos seus antigos clientes que foi melhorado o serviço de mesa redonda.

PEDE-SE A COMPARENCIA

Azulejos

Para um bom fornecimento destes artigos não há como procurar ver o que se encontra nos armazens da MARMORES DE SOUSA BAPTISTA, Ld.ª, á Praça do Municipio, 29 e 30 e L. S. Julião, 13. E' ali que se encontram os melhores sortimentos em côres e brancos e a preços compensadores.

Côncursos para artista da rádio

O premio de piano foi ganho por Nella Basola Maissa

No estudio principal da Emissora Nacinnal terminaram hoje as provas do concurso de piano que faz parte dos concursos de artistas da radio que aquele organismo decidiu realizar, prosseguindo a obra de estimulo á musica e aos musicos portugueses.

O premio de cada um dêstes concursos (os outros são de violino violoncelo e canto) é de 3.000 escudos e será distribuido na festa anual da radio.

Nos dois dias anteriores haviam concorrido sete senhoras.

Hoje compareceu apenas uma concorrente. Nela Basola Maissa. E foi a essa que o juri atribuiu o premio, por unanimidade.

Atendendo ao brilho das provas prestadas por Maria Manuela Pontes de Sousa Araujo e por Maria de Sousa Pereira Campina Ruivo, o juri decidiu, tambem por unanimidade, entregar-lhes menções honrosas.

Assistencia numerosa, principalmente de raparigas.

Amanhã, quinta-feira, ás 10 e 30, começarão as provas de violino, sendo as peças obrigatorias a «Sonata n.º 1, m sol menor, para violino solo», de Bach, «A fonte de Aretusa», de Szymanowski, e havendo uma á escolha de cada concorrente.

Os concursos de violoncelo e de canto não poderão seguir-se já, por se aguardar a vinda dum professor e duma professora estrangeiros que farão parte dos respectivos juris.

Dez pessoas mordidas por cães

No Instituto Bactereologico Camara Pestana, foram receber tratamento 10 pessoas mordidas por cães. São elas os srs. Artur Esteves, rua Carlos Marcel, 121 r/c., mordido numa orelha; José Mariano de Oliveira, rua Frei Manuel do Cenaculo, 32, 1.º, mordido na perna direita; Antonio Luiz, de 11 anos, calçada da Picheleira, 28 r/c., mordido na perna esquerda; Emilia de Jesus Sousa, de 10 anos, rua Luciano Cordeiro, 35, cave, mordida no pé direito; Virginia Augusta Ribeiro, rua Macau, 24, mordida na perna esquerda; Vitor Manuel Antunes de Almeida Trigueiros, 4 anos, rua Gomes Leal 39, mordido na perna direita; Herminia de Jesus Borrego, Bairro da Liberdade, mordida na nadega direita; Adelino dos Reis, Estoril, mordido numa perna; José Costa, rua Barão de Sabrosa, 290, mordido na perna esquerda; e Vitor Manuel Moreira Torres, mordido na perna direita.

O PORTO pelo telefone

Mulher gravemente queimada

PORTO, 7.—Com graves queimaduras nas pernas e no corpo recolheu em estado grave ao hospital da Misericordia a domestica Maria Matilde do Espirito Santo, de 67 anos, que em Gulpilhares, onde reside, quando cozinhava, ficou com as roupas incendiadas.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 1/2 % T. 10	1.053$00	1.052$00	1.054$00
Consolidado 3 3/4 T. 10..	—	1.055$0	1.060$00
Consolidado 4 % T. 10..	1.034$00		1.036$00
Consolidado 4 1/2 T. 10..	—	1.012$0	
Consolidado 4 3/4 T. 10..	—	1.130$00	1.133$00
Consolidado 5 1/2 D. E.	—	1. 25$00	—
Ob. T. 3 1/2 T. 10-1.ª serie	—		
» » 2 1/2 T. 10........	991$00	990$00	992$00
Externas 1.ª serie.......	—	—	—
Externas 1.ª carimbadas	—	—	—
Externas 3.ª serie.......	—	—	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	—
Cautelas da 3.ª serie s/j.	293$00	293$00	294$00
Consolid-Centenarios 4 %	2.405$00	2.4 0$00	2.4 5$00
Consolidado 3 % 1942...	1.02 $00	1.017$00	—
Acções			
Esp. S. e Com. Lx. cup.	—	—	—
Lisboa & Açores port...	900$0	900$00	[illegible]
Ultramarino cp. T. p. ..	425$00	420$00	428$00
Portugal port. T. p.	1.700$00	1.685$00	1.700$00
Fidelidade.............		5 .000$00	53.000$00
Mundial — Lib.	2.030$0	2.02 $00	2.050$00
Nacional	—	—	-
Tagus..................	—	—	—
Sagres	—	—	—
Aguas Lisboa port.	—	—	—
Aguas Lisboa 1934 T. p.	—	—	250$00
Aguas Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cerveja Estrela	—	1.200$00	—
Cimentos Tejo	560$00	550$00	560$00
Cimentos Leiria T. p. ..		7 0$00	—
Credito Predial port. ...	5 $7	5 $5	50$70
Gás e Electricidade cp..	239$00	238$00	239$00
Alto Alentejo 1.ª/2.ª em.		-	—
Alto Alentejo, cupão ...	1.200$00	1.195$00	1.21 $00
Industrial Aliança		—	-
Portugal e Colonias.....	350$00	349$00	350$00
Nacional Navegação T. p.	1.890$00	—	1.896$00
Colonial de Navegação..	1.660$00	1.655$00	1.670$00
Portuguesa de Pesca T. p.	1.2 2$00	1.252$00	1.25 $00
Ind. Farmaceutica	—	9 0$00	—
Portuguesa de Tabacos.	547$00	547$00	548$00
Tabacos de Portugal....	—	525$00	54 $00
União Electrica Portug.	—	615$00	63 $00
Cassequel...............	1.27 $00	1.27 $00	1.271$00
Agricola das Neves	820$00	82 $00	83 $00
Agricola Colonial........	545$00	540$00	550$00
Açucar de Angola.......	1.555$00	1.551$00	1.558$00
Buzi, 1.ª emissão T. p. ..	248$00	247$0	250$00
Ilha do Principe	615$00	615$00	625$00
C. Roça Vista Alegre ...	—	-	—
Zambezia T. 25..........	88$00	88$00	88$50
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %...	—	550$00	—
Norte de Portugal 5 %.	117$00	117$0	118$00
C. P. 6 %..............	272$00	271$00	272$00
C. P. 6 % Beira Baixa..	—	273$00	280$00
F. N. I. Moagens 5 % T. p.	—	1.025$00	—
União Elect. Port. 5 %..	107$00	106$00	—

Novos exitos

dos submarinos alemães

BERLIM, 7.—O Alto Comando das Forças Armadas Alemãs comunica:

«Em duros combates contra o reabastecimento inimigo, os nossos submarinos afundaram, no Atlantico e no Mediterraneo, 14 navios completamente carregados num total de 102.000 toneladas, assim como um contra-torpedeiro. 5 outros navios foram torpedeados. A sua perda não pôde ser observada devido á defesa ser muito forte.

No golfo da Biscaia, um dos nossos submarinos abateu um bombardeiro pesado inimigo que o atacou».—(D. N. B.).

Doenitz condecorado por Hitler

GRANDE QUARTEL GENERAL DO FUEHRER, 7—O Fuehrer recebeu hoje o grande almirante Doenitz, comandante-chefe da Marinha de guerra e entregou-lhe, em reconhecimento pelos seus meritos unicos na condução da guerra submarina, as «Folhas de Carvalho da Cruz de Cavaleiro», de que é o 223.º titular membro das forças armadas alemãs.—D. N. B.

Naufragos salvos

LOURENÇO MARQUES, 7—Comunicam do Cabo que acabam de desembarcar ali 20 naufragos dum transatlantico, que foi afundado, recentemente, no Atlantico, por um submarino do «eixo».—(Radio Roma).

Um almoço a Churchill

na embaixada de Espanha em Londres

LONDRES, 7.—Winston Churchill, chefe do governo inglês, foi esta manhã hospede de honra da embaixada de Espanha, onde o respectivo embaixador, duque de Alba, lhe ofereceu um almoço, ao qual assistiram diversas altas personalidades, entre as quais o embaixador de Portugal, sr. dr. Armindo Monteiro.—(U. P.).

Os refugiados espanhois

que se encontram no norte de Africa

WASHINGTON, 7.—Cordell Hull declarou ontem que o governo dos Estados Unidos seguia «com interesse e satisfação» os planos do Mexico para receber os refugiados espanhois libertados no norte de Africa.—(E. T.).

Assembleia Nacional

As contas gerais do Estado e o caso dos lacticinios

Na Assembleia Nacional prosseguiu hoje a discussão das contas gerais do Estado, constinuando no uso da palavra o sr. dr. Antonio Rodrigues Cavalheiro, que se ocupou dos aspectos culturais da obra do Estado Novo.

Antes da ordem do dia, o sr. dr. Albino dos Reis, dentro do espirito da moção que encerrou a discussão da questão prévia posta pelo sr. Francisco de Melo Machado acêrca tão das carnes, chamou a atenção do sr. ministro da Economia — a cujos inteligentes esforços prestou homenagem—para o caso do leite e dos lacticinios. O orador disse que o preço pago á lavoura pelo leite é o fixado ha dois anos e que as industrias de lacticinos estão, no entanto, prosperando á custa dos esforços dos que lavram a terra.

Camara Corporativa

Foram novamente convocadas as secções encarregadas do estudo do projecto do deputado sr. dr. Angelo Cesar, para a criação do Conselho do Fomento.

Demitiu-se o seleccionador

nacional de futebol

O sr. capitão Ribeiro dos Reis, que vinha preparando técnicamente a selecção portuguesa de futebol, a qual se deve apresentar no proximo dia 18, no campo das Salesias, contra outro grupo de caracter nacional, demitiu-se daquele cargo.

LEIAM HOJE
fixe

M. Serra da Motta
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dentes
Largo D. João da Camara, 4-1.º
Tel. 25153

A GUERRA AEREA

Ataques a varias regiões da França

LONDRES, 7—A artilharia antiaerea alemã destruiu, ao que parece, um deposito de munições durante o ataque levado a efeito por «Spitfires» do Comando de Caças, sobre o norte da França, no dia de ontem.

Uma esquadrilha efectuou o ataque a baixa altitude a objectivos ferroviarios na zona de Dieppe-Letreport.

Ao fim do dia, caças-bombardeiros, escoltados por «Typhoons» e «Spitfires», bombardearam o aerodromo de St. Omer e Fort Rouge. Ao cair do dia, caças-bombardeiros, escoltados por «Typhoons», atacaram uma fabrica de aço e uma central electrica, em Mondeville, perto de Caen.—(E. T.).

Comunicado do Ministerio do Ar britanico

LONDRES, 7—Comunicado do Ministerio da Aeronautica: «A noite passada, bombardeiros britanicos colocaram minas em aguas inimigas. Não regressaram á base dois dos nossos aviões».—(E. T.).

Roosevelt recusa-se

a falar de uma nova frente

WASHINGTON, 6 — O presidente Roosevelt declarou hoje que não lhe constava que alguem fôsse á Russia em missão dos Estados Unidos. Declarou, tambem, na recepção aos jornalistas, que nada sabia sobre o pedido de Eisenhower ao general De Gaulle, para adiar a sua visita á Africa. Quando lhe pediram que se pronunciasse sobre a possibilidade de uma ofensiva aliada este ano, na Europa, Roosevelt respondeu a sorrir que o não faria, mesmo que pudesse fazê-lo.—(E. T.).

VIDA MUSICAL

Concerto em S. Carlos

E' esta noite, ás 21 e 45, que no teatro de S. Carlos se realiza o concerto pela Orquestra Nacional, promovido pela sr.ª embaixatriz de Espanha e pela sr.ª condessa de Mafra a favor da Beneficencia Espanhola de Lisboa e da Casa de S. Vicente de Paulo. O «Diario de Lisboa», que pela casa de S. Vicente de Paulo mostrou o maior interesse, publicando entrevistas com a sua ilustre bemfeitora e relatando os fins de tão util obra, regozija-se com a organização do concerto de gala, desta noite, que amanhã se repetirá, a preços populares, no Coliseu dos Recreios.

O merecido exito da Orquestra Nacional de Espanha nos três concertos do Circulo de Cultura Musical justifica o interesse pela festa desta noite, para a qual estão á venda no teatro de S. Carlos os ultimos bilhetes. O programa, que é dos melhores, inclue o grande pianista José Cubiles e duas das mais representativas obras de Manuel de Falla, «Noches en los Jardines de España», e «El sombrero de três picos», e ainda a já celebre «Rapsodia portuguesa» de Ernesto Halfter, que dirigirá a Orquestra Nacional de Espanha.

Obras de Granados e de Albeñiz completam o excepcional programa do concerto desta noite, que constituirá mais uma afirmação do valor da musica espanhola e da perfeita interpretação que lhe dá a famosa Orquestra Nacional de Espanha.

Universidade Tecnica de Lisboa

Um ciclo de conferencias

Prosseguiu esta tarde, no Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, a serie de palestras promovidas pela Universidade Tecnica. O professor daquele estabelecimento sr. dr. Clemente Bueno y Martins falou sobre *Tarifas*, no seu significado geral e em muitos pormenores que a doutrina e a tecnica revelam e aquele professor desenvolveu metodicamente.

Tratou do preço de custo do transporte e do seu preço de venda e do estudo teorico da fixação de tarifas.

Abordou a teoria da oferta e da procura dos transportes, com a ilustração de alguns graficos, e, da comparação entre a curva da procura e a do preço do custo, indicou os pontos entre os quais se pode situar a margem de lucro do transportador.

Referiu-se, em seguida, desenvolvidamente, á teoria das tarifas diferenciais, para depois passar a esboçar as possibilidades de calculo do custo médio de produção do passageiro-quilometro, e do da tonelada-quilometro, baseados no custo de produção dos respectivos trens-quilometros.

Na palestra seguinte desenvolverá o problema da «Coordenação de transportes», em que, por extensão, tem lugar proprio a coordenação dos transportes peninsulares.

Noticias diversas

CONFERENCIAS—No proximo sabado, pelas 22 horas, na Casa dos Açores, o sr. dr. Armando Narciso fará uma conferencia sobre a ilha de S. Jorge.

FESTAS—Os bombeiros voluntarios de Campo de Ourique promovem, no proximo sabado, nos salões da *Ilustração Portuguesa*, uma festa cujo produto se destina á compra e renovação de material cirurgico. Os bilhetes podem ser adquiridos na rua Francisco Metrass, 32, ou pelo telefone 60624.

—Uma comissão de estudantes universitarios leva a efeito no domingo, ás 15 horas, na Casa do Alentejo, uma tarde dançante.

BANQUETE—No proximo domingo, no salão do Gremio da Comarca de Arganil, realiza-se um almoço com ementa regional, de homenagem ao sr. dr. José Cardoso.

REUNIÃO CIENTIFICA—Sob a presidencia do sr. dr. Tiago Marques, secretariado pelos srs. drs. José Cruz e Soares Santa, reuniu-se a Sociedade Portuguesa de Estomatologia. Apresentaram comunicações, que foram muito apreciadas, os srs. dr. Lobato Cortezão sobre «Épulides» e dr. Loff Pereira sobre «Um novo sistema do espelho frontal.

SONHO OU REALIDADE?—Hoje apareceu no Torel uma senhora, ainda nova, decentemente vestida, que pretendia queixar-se contra um grupo de individuos, cuja identidade desconhece, os quais, segundo diz, constantemente batem á sua porta e ogo desaparecem misteriosamente. Esta senhora, que declarou residir na rua das Taipas, 7, queixa-se tambem contra as suas vizinhas, a quem acusa de a insultarem todas as vezes que sai á rua. E, para dar mais realismo á queixa, contou ainda que, ha 16 anos, matou o seu marido na rua Conde Redondo, a tiros de pistola, pelo que foi presa, julgada e condenada, tendo cumprido pena em Africa. Atribue agora a perseguição de que se julga vitima a pessoas de familia de seu marido. O agente aconselhou-a a queixar-se na esquadra de Policia da area onde reside, quando voltar a ser perseguida pelo tal grupo misterioso.

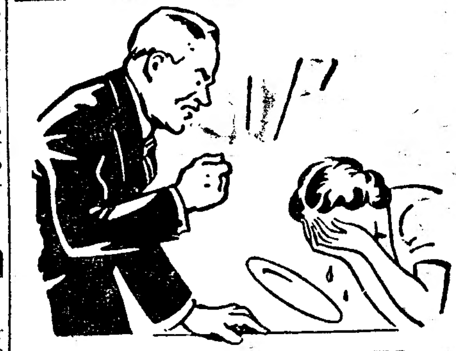
GATUNOS em ACÇÃO—No Torel encontram-se presas Augusta da Encarnação e uma sua filha, que, com o pretexto de pedir esmola pelas escadas, têm artes de furtar roupas que se encontram nos bengaleiros, emquanto as pessoas benemeritas vão buscar qualquer donativo para lhes dar.

—Os gatunos entraram, com chave falsa, na residencia do sr. Francisco Lopes, na rua do Monte de Olivete, 2 e furtaram roupas e varios objectos.

OBRAS SEM LICENÇA—A Camara Municipal de Lisboa está a instaurar acção contra o Montepio Geral e Antonio da Cunha Rosa, como proprietarios de predios sitos na Av. Antonio Augusto de Aguiar, n.º 191 e na rua D. Carlos Mascarenhas, 107, por neles terem procedido a determinadas obras sem licença.

MAIS UM CONTO...—Foi preso Manuel Joaquim Araujo, por ter recebido do sr. Jacinto Graça a importancia de 1.000$00 para um negocio de sulfato de cobre e pimenta, artigos que só existiam na sua imaginação.

GATUNOS EM ACÇÃO—O sr. João Ferreira Pinto, socio gerente da União Comercial de Drogas, na rua Augusta, queixou-se á P. S. P. de que os gatunos haviam entrado naquele estabelecimento e furtaram artigos de perfumaria no valor de 1.700$00.



O DRAMA QUOTIDIANO DAS DIGESTÕES DIFÍCEIS

O estômago deve digerir em duas ou três horas, mas se durante o periodo da digestão V. Ex.ª tiver flatulências, amargos de bôca ou sentir sonolência, é porque o seu estômago funciona mal. A causa é a maior parte das vezes um excesso de acidez que desprezado, pode levar directamente á dispepsia e á gastralgia. Para que o seu estômago digira bem e sem dores tome desde o primeiro sintoma uma pequena dose de pó ou dois ou três comprimidos de Magnésia Bisurada. Em três minutos a Magnésia Bisurada neutralizará o excesso de acidez, as dores cessarão e a digestão tornar-se-á normal.

DIGESTÃO ASSEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

Á venda em tôdas as farmácias em pó ou comprimidos a 15$00 e 23$00.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES

Nas mais vantajosas condições, efectuam-se emprestimos sobre ouro, prata, joias, e papeis de credito no

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL — Rua Augusta, 206 — Tel. 2 3916

O 8.º Exercito

abriu brecha

nas posições ocupadas pelas tropas do «eixo»

LONDRES, 7—O general Montgomey ordenou ao grosso das suas tropas o assalto a El Akarit, posição fortificada ao norte de Gabès, que foi coroado de pleno êxito.

Ficou tudo arrasado no centro de uma linha defensiva de 18 quilometros. Pela brecha aberta, as nossas forças blindadas tiveram ordem para avançar imediatamente. Até aqui fizeram-se mais 6.000 prisioneiros. O exercito de Rommel bate em retirada em direcção ao norte e é perseguido com ardor pelas nossas tropas.

Segundo noticias aqui recebidas todos os contra-ataques inimigos foram repelidos e o avanço das forças blindadas britanicas, ao cair da noite de ontem, fazia-se em campo aberto.

O avanço da infantaria britanica e indiana foi protegido pelo fogo de barragem de cêrca de 500 canhões, o que é praticamente na mesma escala do que sucedeu na batalha de El Alamein.—(E. T.).

Montgomery confirma a vitoria alcançada

ARGEL, 7—O general Montgomery anunciou hoje que o 8.º Exercito britanico alcançou uma nova e brilhante vitoria contra as tropas de Rommel, no «ued» de Akarit, abrindo uma brecha nas fortificações inimigas, com vinte quilometros de extensão, pela qual penetraram em turbilhão as unidades blindadas e motorizadas britanicas.

Montgomery, prosseguindo disse:

—O inimigo parece ter sido colhido de surpresa pelo fogo infernal de barragem da nossa artilharia e abandonou no campo en as fortificações que defendia enormes quantidades de material de guerra e elevado numero de mortos e de feridos. As forças de Rommel batem agora em retirada para o norte, perseguidas muito de perto pelas nossas tropas que não lhe concedem um momento de descanso». —(United Press).

Estado de guerra

entre a Bolivia e as nações do «eixo»

MADRID, 7 — A «Interinf» informa que conforme anunciam de La Paz, a Bolivia decretou o estado de guerra com as potencias do «eixo».

Esta decisão, todavia, não comporta declaração de guerra, que não pode ser decidida senão pelo Parlamento, que se encontra em férias, as quais só terminarão em agosto.

No entanto, o govêrno está autorizado a mobilizar. Informa-se tambem que as eleições presidenciais serão adiadas.—(D. N. B.).

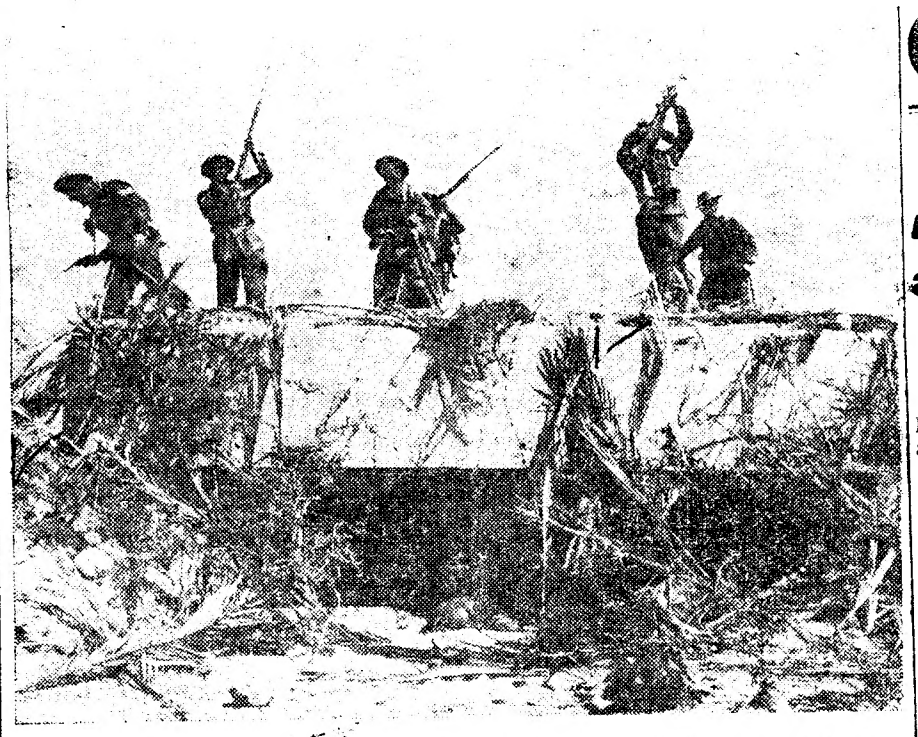
Decorações gerais

Apresenta a sua secção de: veludos, tapeçarias, cretones, etamines e objectos decorativos. Mobilias, estofos, cortinados. Rua Serpa Pinto, 12-B—Chiado—Tel. 21340. Orçamentos e desenhos gratis.

FÉRIAS DA PÁSCOA

NOS PALACE HOTEL DO BUSSACO
PALACE HOTEL DA CURIA
HOTEL ASTORIA DE COIMBRA

Reserve os seus aposentos desde já
Informações: Rossio, 108, 2.º—Telef.: 27450



A infantaria do 8.º Exercito toma de assalto um forte da Linha Mareth

(Continuação da 1.ª página)

tanico contra Rommel foi precedida de intensos e violentos ataques aereos dos aliados durante todo o dia de segunda-feira. O tremendo esforço da aviação dos aliados, nesse dia, pode agora ser compreendido melhor em face da nova ofensiva do 8.º Exercito. Sabe-se agora que o numero de aviões inimigos abatidos em 24 horas se eleva a 53. Os ultimos foram derrubados ao escurecer, quando pequenas formações de «Hurricanes» atacaram bombardeiros-torpedeiros italianos que tentavam bombardear navios dos aliados. Os aviadores britanicos avistaram os bombardeiros britanicos a voar quasi ao nivel do mar. Três minutos mais tarde, os 4 bombardeiros italianos tinham sido precipitados no mar. O ataque da R. A. F. foi tão rapido que os italianos nem sequer tiveram tempo para tentar defender-se».

Muitos outros aparelhos do «eixo», calculando-se em mais de 150, foram destruidos e danificados nos aerodromos da Tunisia e da Sicilia, durante as 1.000 surtidas que as forças aereas aliadas efectuaram na segunda-feira.

No estreito da Sicilia, as formações de caças aliados interceptaram e atacaram um grande comboio aereo do «eixo» e, após um encarniçado combate que durou 25 minutos, foram derrubados 31 aparelhos, dos quais 18 eram grandes aviões «Junkers» de transporte. Nesta acção os aliados perderam 12 aparelhos de caça.

As grandes manchas de oleo que ardiam á superficie das aguas, no local onde caíram em chamas os aviões de transporte «Junkers», indicam claramente que aqueles aparelhos transportavam para a Tunisia o combustivel que tanta falta está a fazer ás forças do «eixo», que ali operam.

Um submarino aliado que, partindo de uma base no Mediterraneo, se fizera ao mar havia apenas oito horas, fez ir pelos ares com um torpedo a pròa dum cruzador italiano, localizado horas antes por um avião aliado.

E' digno de nota que Montgomery, desta vez, necessitou apenas duma semana para reagrupar as suas forças, depois da sua vitoria da Linha Mareth e por isso deve supôr-se que encontrará apenas oposição dos destacamentos de retaguarda, embora uma oposição vigorosa e energica. Este modo de ver parece baseado no facto de longas colunas blindadas alemãs estarem a avançar para o norte perseguidas pelo intenso bombardeamento da artilharia pesada britanica.

Outra indicação de que Rommel julga não poder continuar a aguentar-se na Tunisia consiste no facto das suas forças estarem a retirar das posições que ocupavam no sector de El Guettar. As ultimas noticias dizem que os americanos, na estrada de El Guettar para Gabès, avançaram cêrca de 10 quilometros sem encontrar resistencia séria e que as colunas inimigas retiram em direcção a nordeste, a-fim de estabelecerem junção com as outras forças do «eixo» que retiram ao longo da costa. As tropas americanas na zona de El Guettar estão agora a menos de 45 quilometros do 8.º Exercito, esperando-se que o contacto entre os dois exercitos se realize num futuro proximo.

Entretanto, no norte da Tunisia, o primeiro Exercito avançou ao longo da estrada de Sedjenane e ocupou duas aldeias, uma das quais fica apenas a 26 quilometros de Mateur. O novo avanço tambem se realizou ao longo da costa, a leste do cabo Serrat. —(U. P. e E. T.).

Os aerodromos do «eixo» foram atacados

ARGEL, 7.—Os aeródromos de Sfax, os maiores que as forças aereas do «eixo» têm na Tunisia, sofreram um novo e concentrado ataque por parte dos bombardeiros e caças ingleses e norte-americanos, que destruiram mais de 13 aparelhos no solo e danificaram muitos outros.

Os aeródromos de Tunis e de Bizerta sofreram tambem devastadores ataques aereos.—(U. P.).

Comunicado francês

LONDRES, 7.—Comunicado do Quartel General Francês da Africa do Norte: «Na Tunisia central houve actividade de patrulhas. No sul, as nossas unidades mantiveram estreito contacto com elementos inimigos ao norte de Sbodsi Djerad».—(E. T.).

Petroleiro do «eixo» afundado

LA VALLETA, 7—Bombardeiros britanicos da base de Malta atacaram e fundaram na costa sul da Sicilia um petroleiro do «eixo», de tonelagem média e um outro barco de cêrca de duas mil toneladas.—(U. P.).

Churchill concorda

com o adiamento da viagem de De Gaulle

LONDRES, 7.—Uma declaração publicada hoje pela residencia do Primeiro ministro diz o seguinte: «A proposito da declaração publicada pela Comissão Nacional Francesa, na segunda-feira passada, acêrca do atraso na visita do general De Gaulle á Africa do Norte, o Primeiro ministro deseja fazer conhecer que esteve sempre de pleno acôrdo com o general Eisenhower para desaconselhar a visita do general De Gaulle durante a crise da batalha da Tunisia, que prende agora toda a atenção do Alto Comando Aliado».—(E. T.).

FOI MORTO EM BRUXELAS

um jornalista partidario do «eixo»

ZURICH, 7—Comunicam da Belgica que Max Mathieu, cronista do jornal rexista «Pays Reel», que se publica em Bruxelas, sob o «contrôle» das autoridades de ocupação, pereceu vitima dum atentado cometido no seu domicilio por dois desconhecidos.—(United Press).

PAPEL de FUMAR
Smoking
O SUPREMO

CHURCHILL

anunciou *no Parlamento* as novas vitorias *na Tunisia*

LONDRES, 7 — A declaração feita hoje por Churchill nos Comuns é do seguinte teor:

—«Recebi uma comunicação do Alto Comando da Tunisia, de que uma nova vitoria acaba de ser ganha pelo exercito do deserto. A's 4 e 30 da manhã de ontem, na obscuridade duma noite sem luar, o general Montgomery deu ordem ás suas forças principais para se lançarem ao assalto da posição de Akarit, ao norte de Gabes.

O avanço das divisões de infantaria britanica e hindu foi precedido e coberto por uma barragem de 500 canhões, o que é praticamente um fogo da mesma escala que o que foi empregado em El Alamein. Este ataque iniciado na obscuridade parece ter tomado o inimigo de surpresa.

As suas posições fortificadas foram ultrapassadas e, ao meio dia, todos os pontos principais estavam nas nossas mãos. Tinha sido aberta uma brecha no centro da linha defensiva inimiga, numa extensão de 20 quilometros, pela qual as nossas forças blindadas e moveis receberam ordem de avançar imediatamente. Então, o inimigo lutou com vigor, procurando ferozmente restabelecer a situação, mas todos os seus contra-ataques foram repelidos. O avanço dos carros blindados britanicos continuou e ao cair da noite passada a campanha havia sido concluida. Até ao momento presente, mais de 6.000 prisioneiros cairam nas nossas mãos. O exercito de Rommel bate agora em retirada para o norte, perseguido tenazmente pelas nossas tropas. Esta batalha e este ataque de frente, tão bem sucedidos, devem permitir ao exercito do deserto fazer a sua ligação com as forças dos Estados Unidos que estão a exercer constante pressão sobre o inimigo, a ocidente.

Todas as operações do grupo de exercitos da frente tunisiana são concentradas e organizadas pelo general Alexander, sob o comando supremo do general Eisenhower, Comandante-Chefe aliado.

A declaração de Churchill foi recebida com grandes aclamações.

O trabalhista Bellenger interrelou Churchill preguntando: «O Primeiro ministro sem duvida não ignora que outras questões estão em jogo: por isso, preguntu se as forças inimigas que foram batidas eram forças principais ou guardas de retaguarda?»

Churchill respondeu: «A minha declaração abrange toda a situação. A retirada do inimigo não teria começado sem que o assalto tivesse sido bem sucedido». (Aplausos).—E. T.).

Roma confirma a violencia da ofensiva britanica

ROMA, 7.—*Comunicado oficial:* «A batalha reacendeu-se numa vasta frente no sector meridional tunisino, onde o inimigo, precedido de violenta preparação de artilharia, atacou com largo emprego de meios couraçados. Pela aviação italo-germanica foram abatidos, em combate, 6 aviões inimigos, e outro foi destruido pela artilharia de defesa.

Durante a tarde de ontem, formações de aviões adversarios largaram bombas sobre as zonas habitadas de Trapani, Ragusa e Messina. Foram assinalados prejuizos graves nos edificios civis, 40 mortos e mais de 100 feridos em Messina. Durante estas incursões, o inimigo perdeu 7 aviões, atingidos pelos nossos caças. Dois caíram nas imediações de Capo D'Aimi e de Capo Spartivento, atingidos pelas artilharias antiaereas, 3 precipitaram-se no mar, proximo de Trapani, 1 ao largo de Taormina e 1 nas vizinhanças de Scicli (Ragusa).—(R. R.).

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T. 27527

O PRETO NO BRANCO

Cães pequenos

Li numa noticia do estrangeiro que em qualquer país ocupado tinham sido mobilizados todos os cães com menos ou até cinquenta centimetros de altura. E os donos dos cães que não forem logo medir os bichos com uma fita metrica ou que tendo-os medido e reconhecido que êles são mobilizaveis, não os manifestarem, estão sujeitos a penas severissimas. Li isto e olhei para o meu «Pinoclio» que dormia na sua almofada. Não precisei medi-lo. Sei muito bem que está nas condições, tem muito menos de cinquenta centimetros. E pus-me a conjecturar para que seria que se precisava assim dos «Pinochios» com menos de cinquenta centimetros? Para comer, não, coitados! São todos pêlo, olhos muito grandes e um nariz muito chato que parece uma azêitona preta. São feios e não são alimenticios. Explicaram-me que eram precisos para a guerra, para serem ensinados a levar comunicações dum lado para outro. Como são pequeninos, não se vêem, prestam serviços, são uteis para ajudar os homens a exterminar-se.

E porque sou imaginativo, vi logo com os olhos da imaginação o meu pobre bicho no meio duma batalha de tanques, a esgueirar-se entre as patas dum regimento de cavalaria á carga, a rastejar sob rajadas de metralhadoras. Pobre monte de pêlos que tem medo do carvoeiro e se mete debaixo dos moveis quando se lhe fala mais alto! Ainda bem por mim e por ti, «Pinochio», que não és mobilizado! Deixa-te ficar na tua almofada á espera que mãos amigas te metam pela boca as sopas de leite—porque tu és «niquento e mimalho». Eu estou convencido de que uma bala—e é de aço—hesitaria em te ferir—tão insignificante lhe pareceria. Mas os homens, não. Esses não hesitam em mobilizar-te para as batalhas, onde eles proprios caem aos milhares. Mas eles são Homens. Sabem o que fazem. Têm uma alma imortal, conhecem o valor da palavra «gloria» e possuem uma série de noções abstractas pelas quais resolveram que merece a pena matar e morrer. Tu, não, Tu és um bicho. Se te tirarem as tuas sopas de leite, a tua almofada, o teu ossito, e as festas que eu te faço—foi-se-te embora a tua unica «chance».

Eu estou convencido de que não conseguiam ensinar-te a fazer mal aos homens. Agachavas-te no chão e deixavas-te esmagar—com essa cara de grandes olhos humanos, muito peluda e muito estupida! E sempre te digo que achava mais justo que me mobilizassem a mim, que já passei, de há muito, a idade heroica, do que se fôssem meter contigo.

Porque eu sou homem—homo sapiens, *feito á imagem e semelhança do meu Criador e com as correlativas responsabilidades!*

—Anda cá «Pinochio», vem para o meu colo! Se Deus quiser, não serás mobilizado. Eu não te manifestaria nunca, houvesse o que houvesse. Nem que tivesse de ir descavar batatas para o front.

RAMADA CURTO

PRODUZIR E POUPAR

PRODUZIR E POUPAR não é só uma regra de economia; é um imperativo de ordem nacional.

A CRIAÇÃO DE GALINHAS é rapida e economica. Fornece alimentos nutritivos e ricos em vitaminas — carne e ovos — além das penas, que têm tambem seu emprego e aplicação.

NÃO QUEIRA NA SUA CAPOEIRA galinhas velhas, animais de pouca vivacidade, de crista descorada, formas estreitas e acanhadas e pouco poedeiras.

PARA INCUBAÇÃO aproveite os ovos do segundo ano de postura, de galinhas muito produtivas.

OS GALOS DEVEM SER ESCOLHIDOS entre os filhos de boas poedeiras, nascidas em março e que tenham posto mais de 30 ovos, de 15 de outubro a 15 de janeiro.

AS BOAS POEDEIRAS são activas, vigorosas, de crista vermelha e olhar vivo, alimentam-se bem, têm grande capacidade digestiva, apresentam um abdomen bem desenvolvido e não fazem a muda antes de agosto.

PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES dirija-se ao Pôsto Central de Avicultura, na Amadora.

NÃO ESQUEÇA que a solidariedade nacional impõe: — *PRODUZIR E POUPAR.*

PROBLEMAS COLONIAIS

A situação de Angola

é francamente satisfatoria

—diz-nos o dr. Francisco Leite Duarte

A despeito da intensiva acção tendente a esclarecer os espiritos metropolitanos sobre as coisas coloniais, ainda abundam aqueles que preferem não passar das generalidades inexpressivas. Cumpre, portanto, agir junto dos portugueses de bôa fé—por vezes crédulos em demasia—para lhes demonstrar que, por entre as atrozes contingencias da guerra, e a-pesar das «sombrias» novidades segredadas por irresponsaveis e duvidosos patriotas, o Imperio segue um rumo certo e seguro, orientado por timoneiros conhecedores das procelas e fortalecidos pelas mais inabalaveis certezas.

Foi isto, de resto, o que extraí de uma longa e proveitosa entrevista com o sr. dr. Francisco Leite Duarte, vice-governador do Banco de Angola, colonialista para o qual a vida economica das nossas provincias do ultramar deixou, desde ha muito, de encerrar quaisquer segredos.

O sr. dr. Leite Duarte, que foi administrador da Companhia de Moçambique e delegado do Ministerio das Colonias á Conferencia Economica do Imperio, poderia falar-nos da economia ultramarina, no seu conjunto. Mas não. Logo no inicio da conversa, revelou-se o seu amor por Angola. E foi de Angola, em especial, que se falou, ou antes, que ouvi declarações cujo significado e cuja importancia são proporcionais á sua oportunidade e á superior autoridade de quem as pronunciou.

A conversa digressou rapida e coleante através dos climas, das paisagens, das raças e do seu folclore. Deslizaram, em impressiva evocação, como teoria de quadros em opulenta galeria, a magnificencia esmagadora da floresta do Mayombe—«*catedral majestosa ao pé da qual o nosso Buçaco seria humilde capelinha na serra*»—; os horizontes sem fim das planuras de Malange, do Huambo e do Bié, «*gigantescos Alentejos, com a mesma nota de frescura de povoados alvinitentes e a graça pastoril dos rebanhos*», as serranias dominantes do Amboim—«*com a sua luxuriante flora de S. Tomé aliada á gracilidade e á neblina de Sintra*»;—as montanhas alpestres da Chela—«*galopando centenas de quilometros*»—, até a digressão acabar nos cenarios do Lubango—«*Africa vestida á moda do Minho*»—, depois de ter atravessado os areais sem limites e as miragens incessantemente renovadas do deserto de Kalahari...

DR. FRANCISCO LEITE DUARTE

—«Mais do que essas sensações de turismo, a-pesar do seu pitoresco e da sua beleza»—disse o nosso entrevistado—«importa recordar a quem viajou por Angola a lição do patriotismo irredutivel e sem excepção dos portugueses da provincia: cumpre-lhe dar testemunho da tenacidade invencivel dos seus colonos como da cooperação dedicada dos indigenas—base da economia angolana—e da sua lealdade: tem de enaltecer o espirito de sacrificio e, tantas vezes, de incognito heroismo das autoridades sertanejas e dos humildes comerciantes do interior. E, por fim, acima de tudo cumpre celebrar a acção dos missionarios, na sua faina de amor de Deus e de Portugal, padrões vivos da nossa soberania em toda a extensão da Provincia.

«Essas virtudes, que não posso lembrar sem emoção»—continuou—«estão nos fundamentos da situação que a Provincia conhece agora. Sem elas, o Govêrno não poderia ter alcançado a

(Vêr continuação na pagina seguinte)

CAMPANHA DE HIGIENE

E' urgente cuidar

do saneamento do país

Quando o mundo dispuser de mais tempo para se entregar á resolução de certos problemas pacificos mas de lato alcance sanitario, poderá dizer-se, sem duvida, que ele não está parado; caminha para a civilização a que tem o direito de aspirar, pelo esforço que continuamente despende, muitas vezes, embora, mal orientado, mas que merece compensação.

Ha tempos, ocupámo-nos, aqui, numa entrevista com o sr. director geral de Saude, do desleixo do nosso povo em evitar os mil perigos que corre não se precavendo contra o microbio do tifo. A sua descrença, ou talvez a sua ignorancia nessa materia, coloca-o á mercê da *sorte* ou do *destino*, em que nem sempre, a-final, nos devemos fiar...

A' Imprensa—repetimo-lo—cabe em grande parte a elevada missão de apontar ao povo o êrro em que labora, descurando a higiene imprescindivel a um viver civilizado. Batalhar, portanto, nesse assunto nunca será demais!

Ao povo, pois, se dirigem estas palavras, que oxalá contribuam para a nitida compreensão da importancia de tais factos!

Pela portaria 6.114, de que foi autor o dr. Alberto de Faria, e que saiu em 1929, se procurou chamar á ordem aqueles que poderiam ter directa intervenção na melhoria do estado sanitario do país, fazendo ver o nefasto êrro de não se combaterem as moscas e os mosquitos que enxameiam algumas das regiões da metropole e que são sempre transmissores de graves molestias.

O ataque a esses perniciosos insectos é encarado como imperiosa necessidade em meios verdadeiramente progressivos e que não se esquecem de empregar uma parte do seu esforço a pugnar pela sanidade e higiene.

Ao Estado, evidentemente, que deve caber papel preponderante nessa empresa. Mas é tambem indispensavel que cada um de per si se convença que não pode deixar de cooperar nela.

Em muitas das nossas provincias tem sido proverbial o desleixo a que vivem entregues os seus habitantes, sob o ponto de vista sanitario... Hoje, já menos do que ontem... mas ainda muito longe do ponto almejado! E centros grandes, como Lisboa e Porto, tambem não estão isentos de culpas...

O Govêrno tem procurado atenuar

(Vêr continuação na 13.ª pagina)

MOSAICO

internacional

O «electrico» de Sacha-Guitry

O mais expandido dos monstros nascidos por entre as ages da calçada vazia é o gasógeneo. Parece termos regressado ás idades confusas da alquimia.

Há, tambem, a cadeira electrica, que deslisa no pavimento luzidio sem um ruido, como barca em canal placido. E, entre os utilizadores da tracção fluidica, destaca-se Sacha-Guitry, sempre universal.

O celebre actor, autor, conferente e parisiense permanente, é de opinião que o transporte em «electrico» tem, ao menos, uma vantagem essencial sobre os outros veiculos: ser silencioso.

—Ao menos,—diz ele—entendemos falar e os ruidos são silenciosos

A cadeira de Guitry, munida do seu motor, faz uma media de 30 quilometros se o vento lhe é contrario, e de 40 se é favoravel. E' precisa uma manôbra facil, portanto com ruas de pouco movimento, e o seu gasto é minimo:

—A despesa em electricidade não chega a três francos por dia. A cadeira-electrica custa-me menos que o metro!

Chaves, fechos e fechaduras

Para construir a decima parte de um cargueiro, os ingleses vão dormir de portas abertas!—assim se diz e assim fazem.

Ninguem poderá dizer, daqui para diante que a economia inglesa é uma economia fechada, porquanto o seu ministro de Reabastecimentos acaba de ter uma ideia genial:—reabrir, por decreto, o inviolavel «home» britanico.

Requisitadas todas as chaves, a-fim de lhes apurar os variadissimos metais seus componentes, alcançou-se a elevada cifra de doze milhões. Eis, assim, outras tantas honradas portas puritanamente abertas; e ranchadas de cidadãos, amantes do Rei e do Imperio, que mais bem parecem salteadores munidos de inverosimeis chaves e chavelhões, a pingar ferrugem, do que chefes de familia.

Sucede, porém, necessitar a construção de um barco cento e doze milhões de chaves e mais não foi possivel apurar que a decima parte.

Julga-se ter encontrada a solução do problema:—derretidas as chaves, de que servem os fechos e fechaduras em que elas serviam? Evidentemente—de nada! E sendo qualquer fechadura, em media, nove vezes maior que a chave respectiva, pouco falta para que as derretam e fiquem as portas mantidas, sómente, por molas em madeira simples. Oh! Que havia de fazer Sherlock-Holmes na Europa de hoje?

Meio milhão igual a 20 latas

Variaram os interesses tão fundamentalmente que com tal modificação variou a classificação dos proventos, a sua origem e fixação, bem como o seu exagero.

Para um mundo diferente, mantemos um codigo dele mais distanciado que a terra da lua. E' o caso do pintor Pierre Bonnard.

Ele é contado, por entre o amargo humorismo desta hora tragica, nas linhas que seguem:

«Recentemente, importantes personalidades oficiais propuseram-lhe executar o retrato de uma personagem considerável, e pediram o preço da obra.

—Quanto quere você ganhar? Duzentos mil? Trezentos mil francos? Meio milhão?

Pierre Bonnard pediu, em vez de dinheiro, uma caixa de vinte latas de leite condensado. O negocio não se fez porque os enviados encontraram exagerada a pretensão do mestre. Ele não será, jamais, uma gloria oficial, o que não altera em nada o seu nome, já feito, embora altere o seu estomago, ansioso ante o negocio desfeito.

Um «rapaz» de 80 anos

Bonnard é o pintor do colorido, sem obediencia a escolas ou linhas geometricas. Não-conformista desde as suas remotas origens, ele passeia os seus jovens oitenta anos durante madrugadas inteiras. Rapaz, sempre rapaz, só conhece por familia a sua governante e a sua cadela: «Zette».

Em plena mocidade pictorica, derrama as suas quatro juventudes em variadissimos trabalhos que executa simultaneamente. E guarda, como um avaro da luz e do colorido, prodigalizados em suas telas, esse infinito tesouro dos contrastes eternos do litoral do Mediterraneo.

Ha outros «habitués» do Bairro Latino que demoram, agora, nas praias ou rochas compreendidas entre Cannes e a fronteira catalã. Ali sempre ha mais sol, o inverno é mais curto e não sofrem tanto os velhos artistas independentes, habituados na independencia boémia de Montmartre aos ligeiros confortos que a guerra a todos tirou ou, pelo menos, limitou.

PREMIO DR. SOUSA MARTINS

O Instituto Pasteur de Lisboa, no intuito de perpetuar a memoria de Sousa Martins, instituiu um premio trienal, que será dado ao autor de um trabalho sobre patologia geral, classificado por um juri de professores da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A' mesma Faculdade entregou já o referido Instituto a quantia de 5.000$00, correspondente ao primeiro trienio e o mesmo fará depois, de três em três anos.

O Instituto Pasteur prontifica-se a custear as despesas a fazer com a impressão da memoria a que fôr atribuido o «Premio Sousa Martins».

MARCO POSTAL

O preço dos «taxis»

Um leitor, A. B., escreve-nos sobre a questão dos «taxis» em circulação. Mostra-se inquieto e indignado. Para documentar as razões da sua indignação aponta-nos quatro casos:

1.º—Em fim de Janeiro, chegou uma noite do Porto uma pessoa de familia minha, que vinha doente e com uma pequena bagagem; já passava da uma hora e, como morava um pouco longe da linha dos carros electricos, ali para os lados do Jardim Zoologico, precisou de um «taxi». A' porta da estação do Rossio, estacionava um que, consultado, disse estar aguardando um freguês: procurámos outros e foram-nos pedidos os seguintes preços para o transporte: Esc. 80$00, 60$00 e, finalmente, aceitamos um por Esc. 40$00. da estação do Rossio até ao bairro novo da Cruz da Pedra, perto do Jardim Zoologico. Pouco antes, o tal «taxi» que esperava freguês foi-se embora «sózinho»...

2.º—Precisei de ir da avenida Ressano Garcia, (a S. Sebastião da Pedreira) á rua de Beneficencia (ao Rego) e, depois, á rua do Ouro, com uma pequena mala de mão, pesada por estar cheia de livros. Preço pedido—Esc. 40$00. Utilizei os serviços de uma mulher e dois carros electricos, tendo-me custado tudo Esc. 5$60.

3.º—Quando a tal pessoa de familia minha se retirou, há dias, para Africa, a bordo do vapor «Colonial», precisou de outro «taxi» para transporte da sua familia, entre a qual estava uma criança doente que de forma alguma, podia ir no carro electrico; procurou por todos os lados transporte a preço razoavel e, por fim, teve de pagar Esc. 100$00 se quis chegar ao cais de embarque. Jardim Zoologico a Santos—Esc. 100$00!!!

4.º—Ha dias, encontrei um amigo, medico, já com cabelos brancos, e preguntei-lhe o que fazia por estes lados (Rua Ivens). Disse-me que ia ao Governo Civil entregar Esc. 4$50, custo de um serviço de automovel marcado no «taxi» livre que tinha tomado e que o motorista se tinha negado a receber, dizendo-lhe que, por esse dinheiro, lhe oferecia o serviço...

Estes casos não são unicos, evidentemente. Os abusos são tantos que quasi poderiam fazer regra. O publico—diz-nos ainda o nosso correspondente— abandona os «taxis» porque eles deixaram de ser um serviço regular com um mostrador indicando o custo de consumo. Em muitos casos, não ha duvida de que esta é a realidade. Simplesmente, concordemos, é uma realidade consentida, que não poderia existir sem a cumplicidade do consumidor, que em nenhum caso é obrigado a pagar mais do que o preço indicado no mostrador do taximetro. E a ultima verdade é esta, que há dias foi assinalada: os «taxis» estão a affluir ás praças. Não são muitos, mas são alguns. E, ás vezes, ficam largas meias horas sem ter quem os queira.

FACTOR DE 2.ª

Rebuçados Peitorais de S. Paulo

Os melhores contra a tosse

Oito medalhas de ouro

A' venda em toda a parte e na Fabrica

«A PRIMOROSA»

R. DE S. PAULO, 126——T. 26511

Impresso com tintas de

Ch. Lorilleux & C.ie

A politica colonial do Govêrno

apreciada pelo vice-governador do Banco de Angola

(Continuação da página anterior)

esplendida vitoria da politica colonial que lá implantou e seguiu».

—E', pois, francamente satisfatoria a actual situação de Angola?

—Sem duvida! Direi mesmo prospera, na relatividade destas horas de desgraça que atravessam todos os países do Mundo. Veja:—uma posição da balança comercial excelente—a exportação veio de 338 mil contos, em 1938, para 434, no fecho de 1941, emquanto a importação transitou de 231 para 233 mil contos; a exportação do milho—principal produção agricola de Angola—subiu de 128 para 154 mil toneladas, e a do algodão de 2.773 para 4.327 toneladas; o desconto no decurso do mesmo tempo de guerra elevou-se de 84 para 129 mil contos e no fecho do exercicio de 1941 o montante dos protestos por regularizar atingiu, apenas, cêrca de cem contos. Quanto á ordem financeira, o exercicio de 1941 juntou mais um saldo positivo aos oito *superavits*, consecutivamente marcados nos ultimos anos. Faltam ainda, é certo, os dados referentes ao ano findo, mas os resultados do Banco Emissor, a produção das casas fiscais de Angola e as observações colhidas na minha ultima viagem corroboram, em 1942, a vitoria assinalada no fecho de 1941.

—Mas—atalhámos—conclue-se desses numeros que tal prosperidade é devida á guerra...

—Queira afastar essa ideia!—interrompeu com vivacidade o sr. dr. Leite Duarte—O equilibrio, e depois a crescente prosperidade da economia e das finanças de Angola, foram conseguidos muito antes da eclosão do actual conflito. Basta notar que o progresso das importações se verificava, sem descontinuidade, desde 1936, e as exportações vinham crescendo, em linha firme, desde 1935. A anterioridade de muitos anos de *superavits* já ficou assinalada. E repare ainda nestas observações de pormenor: as exportações do milho e do açucar, em 1938, iam muito além do dóbro das registadas em 1932, e o café graduara-se de 9 a 12 mil toneladas, entre 1926 e 1935, a 19 mil já perto do começo da guerra.

E rematando:

—O que objectivamente se pode afirmar é que—em flagrante contraste com a desordem que reinou na economia e nas finanças de Angola, durante a outra guerra—a situação da Provincia, vinda em crescente prosperidade nos anos que antecederam esta, *não foi criada pela guerra e que se mantem, todavia, a-pesar da guerra.*

—A que atribue, então, essa progressiva ascensão da economia angolana?

A resposta veio pronta e precisa:

—A' politica imperial do Govêrno, contida em potencia no Acto Colonial e feita acção:—primeiro, pondo ordem e equilibrio nas finanças, atacando com vigor e dominando a crise endemica das transferencias; depois, organizando a economia segundo novas ideias e metodos originais e, por ultimo, iniciando e mantendo em plena execução, não obstante todos os entraves e carencias provindas da guerra, o largo plano de fomento de Angola. Como vê, a fase corrente da historia angolana reflecte, fielmente, no seu estilo e resultados, os traços da admiravel politica que Salazar levou a cabo na Metropole. Mas seria injustiça não reconhecer a parte que coube aos ultimos ministros das Colonias, na adaptação dessa politica ao condicionalismo muito especial de Angola, e cumpre salientar os serviços prestados á Provincia pelo sr. dr. Armindo Monteiro, no saneamento das suas finanças e na resolução do problema das transferencias; pelo actual ministro, na estabilização dos preços da exportação e na colocação de alguns dos principais generos da produção angolana. Estas ultimas medidas, a protecção dispensada a certas culturas indigenas—com as do algodão e do milho—e a serie das grandes obras de fomento em execução na colonia, figuram entre as concepções mais brilhantets do sr. dr. Vieira Machado e dão franco testemunho da sua inquebrantavel energia e do seu raro poder de realização.

E, após breve pausa, logo esta observação cheia de interesse:

—Medidas como essas elevaram a agricultura dos indigenas a um nivel jámais atingido; de ano par ano, mais alto se gradua a sua comparticipação no fluxo das riquezas exportadas. Os produtores indigenas, livres na ordem economica, trabalhando para si as proprias lavras, são os melhores cooperadores da prosperidade comum. Julgo ser esta a mais impressionante lição de colonização que Portugal tem dado nos ultimos anos aos restantes colonizadores do continente africano.

—Está, pois, plenamente optimista acêrca da economia de Angola?

—Diga, antes, confiante, mas não optimista sem reservas... Estas surgem, inevitavelmente, quando se consideram as principais incidencias da guerra sobre essa economia, em especial as que vieram pesadamente onerar ou embaraçar o intercambio mercantil de Angola com o exterior e a alta dos generos de importação, que tanto agrava as condições de vida do colonato e das populações nativas. Lá, como cá, uma acumulação de males que ameaçam projectar-se ruinosamente no futuro, se a paz não vier nos tempos proximos. Lá, como cá, uma acumulação de males que não são culpa dos portugueses, nem do Govêrno que nos rege...

E após rapida reflexão:

—Mas ainda que passada a guerra, uma questão grave sobre todas continuará pendente sobre a sorte da colonização africana e portanto sobre os destinos de Angola. Refiro-me ao tendencial recuo numerico das populações primitivas sob o dominio e o avanço das civilizações superiores; é o caso da mortal decadencia das populações aborigenes da America do Norte, de certas ilhas da Oceania. Os que houverem por exagerado este receio hão-de convir, todavia, que a riqueza capital de Angola é a sua população nativa e que a questão demografica põe o problema maximo da sua economia.

—E, agora, considerando o futuro, o que pensa sobre os tempos que vão seguir-se imediatamente á paz?

—Penso que devemos, desde já, encarar frente a frente as possibilidades de Angola na ordem internacional que sobrevirá á guerra. A' alta das cotações dos generos coloniais seguir-se-á o seu inevitavel declinio. Angola terá de produzir mais, e, nalguns casos, melhor e mais barato; os lucros, melhor distribuidos entre a produção e o comercio, hão-de sofrer pesada redução e esta deverá poupar quanto possivel o produtor, para recair de preferencia sobre o comercio de exportação e sobre os intermediarios. Assim, com justiça, não conhecida agora, se elevará o nivel de vida, tanto do pequeno colonato como dos produtores indigenas. De sua parte, os industriais e exportadores da Metropole terão que realizar, quanto possivel, um menor custo de produção e contar com sensivel abaixamento dos réditos da exportação:—a concorrencia internacional e a necessaria criação de novas industrias em Angola não consentirão o proteccionismo que os tem favorecido. Questões como estas dizem respeito ás possibilidades mercantis; outras se levantam, desde já, entre as possibilidades da produção. Nestas deve enquadrar-se o estudo da expansão de certas culturas cujo triunfo será atingido nos tempos da desejada paz. Veja, por exemplo, a cultura do ricino—crescentemente exigido pelas necessidades da aviação—e cuja colocação é assegurada pelo progresso da aviação mercantil nos tempos que virão com a paz. E ficamos com estes exemplos por aqui...

Ainda uma interrogação:

—E Angola no futuro?

Com firmeza, o nosso entrevistado respondeu:

—Fizemos e mantemos em Angola uma obra de colonização que não encontra paralelo com as levadas a cabo pelos outros paises colonizadores:—nenhuma colonia estrangeira congenere se avantaja a Angola em extensão de povoamento europeu; em nenhuma delas é tão dominante o numero da população branca nacional sobre a estrangeira; em nenhuma delas os indigenas se encontram mais assimilados, mais comparticipantes na prosperidade comum e mais do coração integrados nos destinos nacionais. Angola é a melhor obra, a melhor promessa e a mais forte razão de ser de Portugal.

E pondo termo á entrevista:

—Portugal afirma, sem contestação possivel, a sua capacidade de potencia imperial e colonizadora!

FERNANDA REIS

ACÇÃO REGIONALISTA

O Grémio da Lavoura de Sintra

e a sua obra a favor dos 8.563 proprietarios rurais daquele concelho

Ao cabo de quinze meses de actividade, assinalada por uma obra economico-social de inconfundivel envergadura, a direcção do Gremio da Lavoura de Sintra deu, há poucos dias, conta dos seus actos aos procuradores do organismo, numa assembleia presidida por essa figura tão grada e benquista do concelho, que é o prof. dr. Joaquim Moreira Fontes.

Temos acompanhado a par e passo a acção daquele progressivo gremio. Alias, o relatorio, balanço e contas, agora apresentado, só por si nos habilitaria a essa mesma opinião, tão conciso, claro e perfeito é o seu conteudo, a evidenciar uma sinceridade e um escrupulo que em tudo o mais se patenteiam. Bem se pode, entretanto, dizer que, se este organismo não existisse, os lavradores do concelho de Sintra ver-se-iam a braços com as mais cruciantes vicissitudes, como reflexo das dificuldades criadas pela situação anormal que atravessamos, pois foi por seu intermedio que conseguiram, na medida das possibilidades e a preços razoaveis, os elementos essenciais á vida rural, como os fungicidas, adubos, forragens, sementes, arame, combustiveis, etc.

Não queremos deixar de frisar que, havendo no concelho 8.563 proprietarios rusticos, apenas 3.018 são socios contribuintes do gremio, não obstante

(Vêr continuação na pagina seguinte)

DR. MANUEL PESSANHA
Presidente do Gremio da Lavoura de Sintra

ASSISTENCIA SOCIAL

A luta contra a tuberculose

e o que nos diz o director do Sanatorio do Lumiar

DR. CASSIANO NEVES

— A oportuna e necessaria criação do Subsecretariado da Assistencia Social implicava a promulgação de um estatuto de assistencia, a realizar no nosso país, em harmonia com a sua situação sanitaria, que não é brilhante—começa por nos dizer o ilustre clinico, dr. Cassiano Neves.—Em 1938, o Ministerio do Interior, pela Direcção Geral de Saude, publicou uma exaustiva monografia, da autoria do inspector da Saude Escolar, sr. dr. Fernando Correia, sob o titulo de *Portugal Sanitario*, em que as chamadas doenças sociais e outras são, estatisticamente, estudadas, na sua crua nudez e na gravidade dos problemas que comportam. Quem quiser estudar muitos dos problemas sanitaros do país, tem de folhear essa monografia, ficando, por certo, o leigo estupefacto ante a grandeza e gravidade dos problemas sanitarios e de assistencia a considerar na nossa terra e da ingente tarefa do Govêrno, agravada nesta hora de crise.

—Mas eu queria que v. ex.ª me falasse especificamente do problema da luta contra a tuberculose em Portugal.

—Já o malogrado epidemiologista dr. Joaquim Urbano dizia no seu brilhante trabalho sobre a *Tuberculose no Porto:* «O problema é complexo e não tem de ser resolvido por meros exclusivismos: tem de intervir o medico, o estadista, o filantropo e o propagandista: até o declamador interesseiro ou altaneiro algum beneficio pode prestar». De maneira que não me furto ao apêlo de v., aliás sem estar inteirado do projecto do Govêrno e do projecto da comissão para estudar este assunto e de que fazem parte, entre outros, o meu camarada no Sanatorio do Lumiar, sr. dr. José Rochete e o sr. prof. Vaz Serra, que v. devia ouvir sobre este assunto, com mais interesse do que a mim.

—Ia v. ex.ª dizendo...

—Que o problema é muito complexo, e a sua resolução depende de muitos factores, economicos, sociais, sanitario, culturais, etc. Sem estar a desenvolver todos estes aspectos, referir-me-ei a dois, que julgo fundamentais, a cultura das «élites» e do povo e a melhoria das condições sanitarias do país.

«A incultura do povo é um grande factor de tuberculosidade do país. A mortalidade e morbilidade por tuberculose são um coeficiente da mortalidade e morbilidade gerais. Logo que estas baixem, por medidas sanitarias, baixa a mortalidade por tuberculose. O saneamento e abastecimento de aguas, que ultimamente se tem feito em muitos concelhos, procurando baixar a mortalidade geral, farão baixar a mortalidade pela tuberculose. A grande baixa que houve na mortalidade por tuberculose de 1886 a 1909, em Lisboa, foi devida ao rasgamento dos novos bairros, ás novas construções de predios —diz o prof. Silva Carvalho, e não ás medidas contra a tuberculose.

«Se as providencias sobre assistencia social não forem acompanhadas de reformas no campo da higiene, com largos horizontes, aquelas não darão o seu pleno rendimento e ficarão muito aquem dos fins a atingir.

«Em Portugal, o problema da luta contra a tuberculose está muito estudado e trabalhado. Desde o programa do dr. D. Antonio de Lencastre, tem sido agitado por muitos medicos portugueses, entre os quais se devem destacar Sousa Martins, Augusto Rocha, Basilio Freire, Miguel Bombarda, Antonio de Azevedo, Lopo de Carvalho, Silva Carvalho, Ricardo Jorge, Moreira Junior, Joaquim Urbano, Tiago de Almeida, José Joaquim de Almeida, Amandio Paul, Ladislau Patricio, Lopo de Carvalho (filho), Bissaia Barreto, Adelino Campos, José Saavedra, Fernando Correia, etc. Isto é, não houve traição dos *clercs*, como diria Jules Benda, se escrevesse sobre este assunto, pois todos os *clercs* deram alarme sobre a gravidade do problema.

—Que fazer, então?

—O problema da luta contra a tuberculose reduz-se, pois, a um problema financeiro e a um problema de tecnicos, que crelo os temos. Tiago de Almeida, no Porto, Morais Sarmento, em Coimbra, Lopo de Carvalho, em Lisboa, D. Manuel Tapia, Jeronimo de Lacerda e Luiz Quintela, no Caramulo, fizeram escola. Temos tecnicos capazes de exercer a função. Os sanatorios da Guarda, de Louredo da Serra, do Caramulo, da Ajuda, do Lumiar, de Semide, do Outão, da Parede, de Carcavelos, de Valadares, etc., e os dispensarios da A. N. T. são tambem escolas de formação de medicos. Pelo Sanatorio do Lumiar têm passado alguns medicos que se têm colocado em hospitais coloniais e da provincia. Este sanatorio é hoje tambem um importante centro de cirurgia pulmonar.

«Em Portugal, as grandes realizações têm sido feitas pela inteligente acção da Junta Geral do Distrito de Coimbra e pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos, tão devotadamente dirigida pelo sr. dr. Albano Castelo Branco.

Tudo que seja fortalecer esta instituição, que tem a simpatia do publico, que se não desinteressou jámais do seu programa, dando-lhe meios de o realizar, será uma obra util ao país. A A. N. T. tem realizado muito com o auxilio do Estado, e não menos com o auxilio do publico. Basta dizer-lhe que o Sanatorio do Lumiar recebeu nos ultimos anos donativos no valor de dois mil e seiscentos contos para a construção e apetrechamento dos seus pavilhões.

«O que a Camara Corporativa e a Assembleia Nacional fizerem para auxiliar o Govêrno na sua acção de Assistencia Social, e particularmente na luta contra a tuberculose, só terá que ser louvado por todos os portugueses.

—Mas a luta propriamente contra a tuberculose...

—Olhe. Ha 43 anos, a Rainha Senhora D. Amelia, com D. Antonio de Lencastre, actuando como frei Miguel Contreiras, estabeleceram um programa de luta, criando a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, a cujo programa pouco há a acrescentar ainda hoje. E' que os problemas de ontem, são os de hoje, e os de amanhã. Os que em Portugal depois temos andado nesta tarefa não temos feito mais do que glosar o programa de então.

—Então, são precisos ainda hoje dispensarios, preventorios, hospitais, sanatorios, instituições post-sanatoriais...

«De maneira que a minha entrevista poderia ficar por aqui, limitando-me a dizer que são precisas ainda mais organizações, pois são poucas as que ha, e para as criar é preciso dinheiro.

—Mas poderia o sr. doutor desenvolver um pouco o seu pensamento...

—O português quando fala ou escreve é memorialista, porque é egocentrico. Assim serei, para desenvolver o que penso do caso.

—Como delegado da Associação dos Medicos Portugueses na Assistencia aos Tuberculosos, em 1911, colaborei com os drs. Angelo da Fonseca e Antonio José de Almeida na redacção do decreto de então sobre a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, dividindo-se o país em três circunscrições—Lisboa, Porto e Coimbra. Depois colaborei com o ministro do Trabalho, dr. Vasco Borges, no decreto sobre Profilaxia da Tuberculose em 1922, e colaborei tambem com o malogrado general Sinel de Cordes, sobre a Assistencia aos Funcionarios Civis tuberculosos e, com o sr. general Vicente de Freitas, sobre a criação de dois sanatorios em Lisboa.

«Quando pertencia ao conselho directivo da Assistencia aos Funcionarios Civis Tuberculosos, o que foi por pouco tempo, creio que, por o cargo ser gratuito, alvitrei que a A. F. C. T. fizesse, com os seus rendimentos, uma operação na Caixa de Depositos para a criação de sanatorios para os funcionarios.

«Fui tambem o relator dum projecto apresentado á Sociedade de Ciencias Medicas de Lisboa, sobre Profilaxia da Tuberculose em Portugal, com os meus colegas Pacheco de Miranda e Simões Ferreira, em 1924. As minhas ideias estão espalhadas por esses decretos e relatorios, além de um outro, agora me recordo, sobre zonas sanatoriais, esquecido e não publicado, nos arquivos do Estado.

«Em Portugal morrem (numeros oficiais) doze mil tuberculosos por ano. Estes numeros estão áquem da verdade, pois muita gente morre de tuberculose etiquetada de bronquite ou no rol das doenças ignoradas ou mal definidas. E, o numero de doentes? O sr. dr. Amandio Paul, mestre em materia de estatisticas de tuberculose, nos seus brilhantes estudos, computa em setenta e sete mil o numero de doentes tuberculosos no pais.

—Que fazer para o combate de tais cifras?

—Criar mais dispensarios, que sejam brigadas moveis de medicos e enfermeiros-visitadores, que vão aqui e além, ás casas dos doentes, e que salvem as crianças do contacto com eles. O Dispensario, se não tem alguns leitos de que possa dispôr, aonde se acolham os doentes de urgencia, não poderá exercer cabalmente a sua função. São precisos preventorios e hospitais. E' preciso tambem que os medicos municipais sejam devidamente remunerados e equipados de maneira a poderem exercer o seu papel de oficiais de saude, á maneira inglesa.

«Talvez nas Casas do Povo, magnifica instituição cujos serviços são tão apreciaveis, se pudessem instalar, especialmente, centros de saude, á semelhança do que se faz em alguns países. E as Misericordias devem ser ajudadas para que possam efectivar a hospitalização dos doentes em isolamento, como se faz em Inglaterra desde 1814, o que já Camara Pestana, em 1899, num relatorio á Sociedade de Ciencias Medicas, sinalava como o primeira conclusão e a primeira das medidas a tomar na luta contra a tuberculose.

E devia inscrever-se anualmente uma verba especial para hospitalização e subsidios, consoante as estatisticas demonstrassem onde mais urgia acudir. Em 1924, quando ainda se falava pouco em sistema corporativo, eu e os meus colegas Pacheco de Miranda e Simões Ferreira, no relatorio a que já me referi, dizia que os sanatorios deviam ser instituidos corporativamente. Queriamos nós dizer que, como a tuberculose é a mais vulgar de todas as doenças, e a que mais pesa se taxa da invalidez, as grandes corporações—correios, ferroviarios, etc.— e as grandes organizações industriais, se deveriam associar para a criação de sanatorios. A construção da rêde de sanatorios populares alemães foi devida ao facto da invalidez-tuberculose ser a ruina das coisas de seguro, pelo que a construção de sanatorios foi, não só uma medida profilatica e terapeutica, mas tambem uma medida economica e financeira. Temos de fazer mais alguma coisa do que o que temos feito ou podido fazer até aqui. A nossa situação é a seguinte em relação a outros países, conforme o dr. Amandio Paul: eis a mortalidade por cem mil habitantes: Alemanha, 78,1; França, 140,0; Inglaterra, 71,8; Holanda, 54,1; Suecia, 103.1; Suiça, 101,0; Portugal 162,1.

A obra do Gremio da Lavoura de Sintra

(Continuação da pagina anterior)

os que o não são gozarem tambem de identicas regalias. E é ainda digno de nota o facto de, a-pesar-de o gremio não possuir fundos proprios, ter feito fornecimentos aos agremiados, durante os seus 15 meses de existencia, num montante de 713.594$32, o que foi possivel mercé do sacrificio pessoal da carteira da direcção do organismo, e ter acabado o exercicio de 1942 com um saldo positivo de 36.080$56.

* * *

Não se julgue, porém, que os beneficios dos agremiados se têm limitado á possibilidade de aquisição dos produtos de que carecem para a vida agricola. A direcção do gremio conseguiu que a Direcção Geral dos Serviços Agricolas, por intermedio dos seus serviços de racionamento de combustiveis, distribuisse pelos seus socios 14.851 litros de gasolina, gasoleo e petroleo necessarios para os maquinismos da lavoura. Além disso, promoveu numerosos seguros de searas e dispôs-se a efectuar outros contra acidentes de trabalho e de alfaias e maquinas agricolas.

A Casa de Lavoura de Colares, outra recente iniciativa, poderá prestar magnificos serviços aos lavradores da região. Além disso, em Colares foi instalado um Posto de Sanidade Vegetal, cuja acção se tem feito sentir beneficamente na melhoria da qualidade das varias especies de frutas, mercê duma assistencia tecnica assidua e eficiente.

* * *

No capitulo cultural, alguma coisa se deve tambem ao Gremio da Lavoura de Sintra. Por sua iniciativa, realizou-se, em outubro do ano passado, uma interessante sessão de propaganda cultural agricola. Actualmente, está em marcha uma outra iniciativa louvavel, á qual o *Diario de Lisboa* já há tempos se referiu. E' a venda, pelo proprio Gremio da Lavoura, e por intermedio da Junta Nacional dos Produtos Pecuarios, de toda a lã produzida no concelho, o que traz um consideravel beneficio para os produtores que, em geral, costumavam vendê-la por preços inferiores e nem sempre compensadores, aos comissarios.

Entre os projectos em curso, avultam a instituição duma escola domestico-agricola, com cursos praticos especiais sobre a preparação, selecções e acondicionamento de frutas; a criação de uma Mutua de Gados, cujo projecto de estatutos está a ser estudado pela Direcção Geral dos Serviços Agricolas, dada a sua caracteristica especial; e ainda uma Caixa de Credito Agricola numa Casa de Povo; a organização da policia campestre; e a instalação, em Lisboa, duma casa para a colocação, no mercado, de todos os produtos agricolas do concelho de Sintra.

Programa vastissimo, não nos admira vê-lo cumprido, pois sabemos bem do que são capazes as pessoas que estão á frente do Gremio da Lavoura de Sintra, de quem é justo destacar-se, sem desdouro para ninguem, o sr. dr. Manuel Pessanha presidente da direcção. A tarefa que se propuseram cumprir é por demais ardua e espinhósa, posto que a função do gremio é bastante complexa e, para o provarmos, basta dizermos que estão hoje sob a sua jurisdição as delegações regionais do Gremio dos Produtores de Frutas de Vila Franca de Xira, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, da Junta Nacional do Vinho e da Comissão Reguladora das Moagens de Ramas, e ainda a Adega Regional de Colares.

* * *

A direcção e o pessoal do Gremio da Lavoura de Sintra foram homenageados, na assembleia há pouco realizada, com um voto de louvor pela sua dedicação aos serviços proposto pelo prof. dr. Joaquim Moreira Fontes. Homenagem insuspeita, foi a todos os titulos merecida e é um magnifico sintoma. Com isso nos regozijamos sinceramente, associando-nos a ela muito gostosamente.

VITORINO LOUREIRO

SAUDADES

Quem as não tem?
O Império é grande, mas graças á

VIA PORTUCALE

cabe num rectângulo de papel.

Tem parentes, amigos nas Colónias? Encontra-se algum dêles no alto mar, a caminho de Africa, ou dirige-se saudoso à Metrópole?

Porque não experimenta mandar hoje mesmo um telegrama SDS?

POR DEZ ESCUDOS **pode escolher á vontade** ***100 TEXTOS DIFERENTES*** **divididos nos 4 assuntos seguintes:**

I--Saudações diversas
II--Casamentos e respectivos aniversários
III--Nascimentos e aniversários natalícios
IV--Viagens

E' tão simples e tão barato e será tão apreciado!

Se tem dúvidas, consulte a

Companhia Portuguesa Rádio Marconi

LISBOA—Rua de S. Julião, 127 ◆ PORTO—Praça Almeida Garrett, 27

O SANEAMENTO do país

(Continuação da 9.ª pagina)

o mal. Justiça lhe seja feita! Porém, muito há ainda por desbravar e multissimo no que respeita á tarefa de levar o povo a crer na gravidade de tais problemas!

As moscas, transmissoras de terriveis enfermidades, como carbunculo, febre tifoide, tuberculose, escarlatina e tantas, tantas mais (poisam em tudo quanto é imundo e aí é que medram e se sentem bem!) têm de ser combatidas! E como? Da maneira mais simples e mais acessivel: com o asseio maximo, sem sequer falar de certas receitas facilmente executaveis e cujos resultados são seguros.

A's gentes aldeãs habituadas a viver rodeadas de animais e a lidar com estercos poderão parecer estas coisas meras ninharias... Mas grande insensatez é essa! E se se esforçarem por reflectir um pouco, talvez consigam colocar-se do lado da razão.

Porque não usam, por exemplo, nitreiras e estrumeiras anti-moscas, pois evitariam assim contrair doenças fatais? E ainda outros meios eficazes e baratos, que estão ao alcance de todos, e que tão facilmente poderiam ser empregados?

As moscas não só não são nocivas como implacaveis maçadoras! E, portanto, embora se diga: «—Não matarás!», dar cabo delas deverá constituir obrigação de todos.

Na portaria 6.114 se diz:

1.º—São proibidas as estrumeiras dentro das povoações.

2.º—E' proibido colocar na via publica, dentro das povoações, camas de mato.

3.º—As estrumeiras devem ficar afastadas dos locais habitados.

4.º—O estrume deve juntar-se em pilhas bem apertadas de 1m,50 de altura e cobertas inteiramente de terra em camada superior a dois centimetros de espessura, para o que deve existir sempre ao pé de cada estrumeira a terra necessaria para uso imediato. Pode a terra onde assenta a pilha regar-se com alcatrão e as pilhas de estrume com leite de cal (10 quilogramas de cal para 100 litros de agua).

5.º—Deve remover-se diariamente o estrume das cavalariças e estabulos e das camas de gado, cortelhos e pocilgas.

6.º—Não é permitido fazer camas de gado dentro dos quinteiros, nem lançar para eles restos de comida, dejectos, ou convertê-los em montureira.

7.º—Dentro das medidas do possivel, todas as casas das povoações devem ter retretes, canalizações de dejectos e aguas residuais, ligadas a uma fossa ceptica. A existencia de retretes é obrigatoria em todas as localidades onde haja abastecimento de agua e esgotos.

8.º—Devem lavar-se e caiar-se frequentemente os estabulos, currais, cavalariças, cortelhos e pocilgas.

9.º—Os «cafés», tabernas, confeitarias, restaurantes e hoteis devem empregar os meios necessarios para afugentar as moscas e evitar que elas poisem sobre os alimentos ou restos de comida, empregando rêdes metalicas, finas, devendo tambem por isso conservar virados os pratos e copos, e defendidos todos os elementos de baixela e panos para a mesa.

Os acucareiros a adoptar deverão ser os do modelo estudado pela Repartição de Turismo.

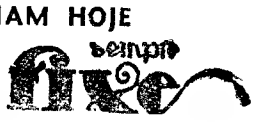
10.º—Para as moscas pode usar-se, além dos insecticidas do comercio, qualquer processo pratico, como, por exemplo, aquecer oleo de ricino e derreter dentro dele resina, mexer até se obter massa espessa que se estende sobre o papel ou cordeis.

Mas tem-se inteiramente respeitado estes preceitos?

O povo português avesso, por natureza, a cumprir o que lhe ordenam ou aconselham, é natural que lhes não houvesse prestado a atenção devida.

Pedimos-lhe, pois, que o faça—e nesse pedido vão a melhor das intenções e o melhor dos votos, para que nos encaminhemos, cada vez mais depressa, para uma completa civilização de costumes.

LEIAM HOJE



Aquilino Ribeiro

fala-nos das providencias que se deviam tomar **para defender a lingua portuguesa**

Tem a palavra Aquilino Ribeiro. Vai-nos falar do abastardamento da lingua, das razões provaveis que o determinaram e determinam, e um pouco dos meios de o combater. O seu verbo vigoroso, expressivo e natural, traz-nos constantemente á lembrança as paginas modelares de que é autor.

E' com prazer que o escutamos e que, seguindo o curso das suas ideias, lhes vamos penetrando o sentido intimo. Tambem o idioma encontra nele um denodado paladino, se bem que não creia na sua eternidade como os cavaleiros do S. Graal criam no seu Deus. Aquilino Ribeiro é materialista e parte do principio de que tudo o que teve começo tem fim. Assim a lingua que, na qualidade de organismo vivo, está sujeita ás vicissitudes da lei comum, portanto a uma evolução que na sua trajectoria implacavel tem o seu extremo na morte. Era ver o latim de Virgilio, tão preciso que parece não haver nele um fonema a mais, ou o grego, tão apto a traduzir o abstracto com Platão como o real e instantaneo, o que hoje constitue o *reportage*, com Xenofonte, cadaverizados para sempre.

—Mas estará o português verdadeiramente abastardado?

—Se compararmos o português que se fala nas cidades e que se escreve correntemente com o português dos clássicos ou simplesmente com a linguagem dos serranos da Nave e de Montemuro teremos de reconhecer que, sim, está. Mas a lingua é acima de tudo um instrumento de compreensão e parece-nos legitimo preguntar se o fadista, por exemplo, quando fala um português mascavado de calão, francesia, inglês, não procede «filologicamente» com mais propriedade, isto é, com mais precisão, mais rapidez, mais em harmonia com o objectivo capital da linguagem, do que o faria Antonio Vieira no seu castiço e redundante verbo.

—O que nos interessa é a lingua como instrumento de arte, reveladora da cultura e aptidões artisticas dum povo. Sob êsse aspecto o português estará abastardado?

—Talvez.

—E porque é que talvez?...

—A resposta teria de ser demorada pelo que envolve de complexo. Muitas devem ser as causas da adulteração. Mas vejamos: antigamente a lingua era, está bem de ver, falada por todos e escrita por poucos. Esses poucos dispunham duma cultura substancial em humanidades. Eram frades. A nossa cultura era tradesca. Os arquitectos do pensamento português eram frades. Tire-se-lhes o chapeu que se fizeram um «instrumento mole e pastoso»—como pretende Giner de los Rios—é sumptuoso, propenso ao épico e ao lirico, além de estupendo para a oratória. Mas, como ia dizendo, o povo elaborava a lingua e os frades através das idades iam-na arquivando e conduzindo. Pastoreando a fala, se quiserem. Hoje, tudo é letrado. Desde que se inventou o aparo de aço, tudo escreve. Escrever tornou-se um snobismo universal.

—A Imprensa?...

—A Imprensa quotidiana, isto é, o jornal, tambem tem culpas no cartorio, como o *clerc* do livro, eu, todos nós, salvo os meus amigos Afonso Lopes Vieira e Agostinho de Campos, que são os huguenotes da lingua. Huguenotes praticantes, e um deslize para eles produz o efeito dum sacrilegio. O que não quere dizer que não se apontem pecadilhos um ao outro. Há tempos dizia-me o excelente Afonso: «Agostinho de Campos pegulhou com um «desconcertante» no *Pedro o Cru*»—«Desconcertante?...»—«Sim, ele tem razão; é desconcertador. Mas é bonito como puritanismo». Ah, estou a ser indiscreto...

—Não senhor, não está. E' preciso dar exemplos, como os fradinhos faziam nas *Cronicas* quando tratavam das virtudes do cristão.

—Estes excessos são um bem e um mal. Sempre que seja travar a lingua no seu pendor natural é êrro. Como diz Afonso Lopes Vieira, desde que se não bula na armadura, a sintaxe, o mais é venial. Assim não importa nada que se diga aerodromo em vez de aeródromo: miosporo em vez de miósporo; e acho de zelote, portanto condenável, que o novo *Vocabulário* da Academia, fundamentando-se no grego, nos venha propor Sófia e Eufrósina, para não ir mais longe. Esta recta pronúncia, levada ao auge, é tão censurável como a outra, desmazelada, elvada de francesia e bunda. Quem elabora a lingua é o povo; o filologo deve fiscalizar o essencial, procurar encaminhar a evolução da lingua mas não torcê-la. Isso, além de irrisório, é inutil. A lei natural, nêste caso tendência para o menor esforço, salta por cima de todo o condicionado. O povo do norte, menos tocado do árabe, com raizes mais profundas no húmus nativo, tem aversão ao esdrúxulo. Não diz azáfama, mas azafama: não diz têmpera, mas tempera, como não diz alfôrje, estômago, interêsse, mas alforje, estomago, interesse, segundo a maior facilidade do aparelho fonador. Mas, se na prosódia foge do étimo, na sintaxe mantem-se fiel á indole da lingua. Veja o padre-nosso: o sujeito em geral vai para depois do verbo, como em Fernão Lopes. Tambem encontra ali o menos possivel de pronomes possessivos, essa praga francesa, e o menos possivel de pronomes pessoais, em obediencia á boa madre do Lácio.

AQUILINO RIBEIRO
(Foto San-Payo)

—Considera rica a nossa lingua?

—A nossa lingua não é rica, na boa significação do têrmo, é profusa. Quer dizer, tem uma aluvião de vocábulos, muitas vezes sinónimos, e isso só constitue um obice no proposito a que tende êste instrumento de relação entre os homens: facilidade. Não, a nossa lingua é paupérrima, paupérrima, escreva três vezes paupérrima, em despeito do que dizem os gramáticos. A riqueza duma lingua reside na sua maleabilidade de expressão, na sua capacidade para dar o abstracto, no seu poder de definir, nas suas maneiras de traduzir rápida e impressivamente o real, o imaginário, o fugaz e o eterno. Note que antes dos grandes clássicos, Camões, Sá de Miranda, Ferreira, artistas por um lado, torneadores nefastos do verbo, por outro, a lingua estava numa evolução que conduziria talvez a uma independencia das fontes, a uma adaptação com o *locus*, com o homem que aqui habita, tão perfeita como a francesa ou a alemã, que representam admiràvelmente os seus povos. E' possivel que tenhamos voltado a essa tradição interrompida, a partir de Camilo em diante, mas quem o assegura?

—Remedios para as enfermidades da lingua?

—E' o titulo dum curioso tratado publicado há uma centena de anos. Já vê que a questão é velha. Mas vejamos: amparo gramatical e filológico mas prudente, postos de higiene filológica nos jornais onde pontifiquem sábios Caturras, censura, academica ou outra, mas que dê sinal de si, para o livro; um censor doméstico, repito doméstico, em cada jornal. Este ultimo numero do meu programa não é novidade. Tem-no, pelo menos, o *Século*, há muitos anos. Cada colaborador recebe diàriamente um boletim em que familiarmente, digamos, são anotados os seus deslizes e proposta a correcção.

—...deslizes bem naturais com a lufa-lufa que ao jornalista se exige...

—E que o inibe da filtragem que pode praticar á vontade o folhetinista o romancista, o homem de letras *tout court*. Por exemplo, é intoleravel que se diga dum desastre de automóvel: um desastre aparatoso, em vez de desastre espectaculoso, pois que aparato implica preparação. Por outro lado, tabuletas de estabelecimentos, nomes de companhias e empresas, letreiros de qualquer natureza pública deviam passar pelo crivo dum mestre de português. E' la admissivel que se diga *Engraxadoria de Garrett?*

—Como há-de então ser? Não disse que o têrmo pouco significava na corruptela do idioma?

—Como deve ser é *Loja de engraxador*. Engraxadoria é horripilante. Contende até com o lustro que ali se vai buscar.

Muito nos tinha dito o autor da *Via Sinuosa*. Ainda inquirimos:

—Tem novo livro a sair?

—Sim, *Volfrâmio*, romance de que se falou para um filme.

—Baseado na vida real?

—De certo, uma anedota. Uma anedota de coisas estupefacientes no trágico e no grotesco. Tambem preparo um livro sôbre Camilo: a sua vida romanceada.

Com tão notaveis defensores o idioma luso conseguirá salvar-se?

GABRIELA CASTELO BRANCO

Companhia Nacional de Navegação

LINHA DA COSTA OCIDENTAL

Vapor «CABO VERDE»

Sai no dia 13 do corrente

com escala por **LEIXÕES**, recebendo carga para **PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES** e outros portos de **ANGOLA**, sujeito a baldeação

A CARGA SERÁ RECEBIDA ATÉ AO DIA 10 DO CORRENTE, INCLUSIVÉ

Os srs. passageiros devem apresentar as suas bagagens na Delegação Aduaneira de Santa Apolonia até á ante-vespera da saída do navio

TRATA-SE:

EM LISBOA: Rua do Comercio, 79 e 85—Tel. 23021 a 23026
NO PORTO: Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefone 1434

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA:

Prédio da Rua dos Fanqueiros, 278, 2.º

Proprietaria das fábricas do Prado, Marianaia, Penedo, Casal d'Ermio (Lousan) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha)—instaladas para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua dos Fanqueiros, 278

TELEFONES: 22331/2

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

TELEFONE: 217

Endereços telegráficos de Lisboa e Pôrto

PELPRADO

AGENCIA DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS

Lopes & Filipe, L.da

INSCRITA NA CAMARA DOS AGENTES TRANSITÁRIOS

Trav. do Almada, 12, 2.º
LISBOA
(PORTUGAL)

Telefones 2[illegible]06 e 2978
Telegramas LOLIPE

CORRENTES RENOLD

A transmissão mais pratica
Economia de espaço
Economia de força
Transmissão positiva
com cerca de 99 % de eficiencia
Funcionamento suave
longa duração

HARKER, SUMNER & C.A, L.DA

14, Largo do Corpo Santo, 18 — LISBOA
152, Rua José Falcão, 156 — PORTO

Prefiram sempre Conservas Tenorio

ATUM TENORIO

à venda nos bons estabelecimentos

A NACIONAL

Descontos de 10 % e 20 % em todos os artigos por motivo de Balanço

Fabrica de Malas e Confecções de Peles, A Nacional de Antonio Ferreira Veiga Rua da Palma, 34, 1. andar — Telef. 27028 LISBOA
(Loja em frente à Casa Alemã)

RODRIGUES

Armazem de Lanificios — Sedas e Veludos

DE

JOÃO ANTONIO RODRIGUES & C.ª

Rua Augusta, 76, 78, 80—LISBOA

ARREDORES DE LISBOA

A COSTA DE CAPARICA E O QUE CARECE DE MAIS URGENTE

segundo o padre Baltasar de Carvalho

Visitou-nos, há dias, o sr. padre Baltasar de Carvalho, prior da freguesia do Monte da Caparica, da Trafaria e da Costa. O bondoso sacerdote, a quem a pobreza tanto deve, sobretudo a classe piscatoria, e que põe todo o seu entusiasmo a favor da causa do povo e das suas necessidades, não descurando os seus deveres de pastor de almas —quis vir ao «Diario de Lisboa» agradecer as referencias que há semanas fizemos á sua obra e, sobretudo, á obra da Junta Central da Casa dos Pescadores e do comandante Tenreiro.

Aproveitámos para o ouvir sôbre os varios problemas que se ligam aos interesses da Costa da Caparica e dos seus veraneantes que durante a época balnear ali acorrem e fazem desta linda estancia uma das mais belas de Portugal.

O sr. padre Baltasar de Carvalho falou-nos longamente dos interesses colectivos do concelho de Almada, da boa vontade da Comissão Administrativa, composta de homens decididos, e á qual preside o sr. Luiz Teotonio Pereira, da Misericordia de Almada, aos interesses e carencias particulares das varias freguesias da região. Temos necessidade de resumir as suas palavras, todas, aliás, cheias de interesse, e até pela razão mais forte de que nos propomos, em breve, tratar do assunto, ouvindo o presidente da Camara, sr. Teotonio Pereira.

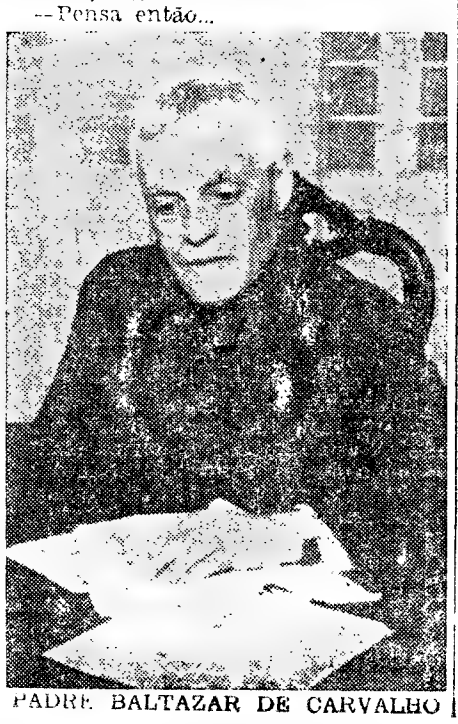
O prior da Caparica (da qual a Costa é apenas uma parte minima) tem uma ternura especial pela «Praia do Sol», isto, principalmente, porque a sua população é a mais necessitada, e—cousa curiosa—a area do concelho de Almada mais atraente e de maior futuro.

—A Costa da Caparica, que nos ultimos anos assinala grandes progressos, merecia ser um pouco mais acarinhada. A iluminação em certas zonas e ruas é deficientissima, não há escola digna deste nome, a pavimentação é má, a agua continua a ser um problema gravissimo e os transportes não satisfazem em absoluto na sua ligação fluvial.

—Os transportes...

—A Empresa Transportadora, que liga a Costa á Trafaria, serve bem, com suas dez a doze camionetas providas a gasogenio, e que não esperou que lhe impusessem essa variante. Mas só existe, ao serviço, um unico vapor da Trafaria a Belem e vice-versa, com lotação limitada. O que irá suceder no verão? E' um problema gravissimo, sob muitos aspectos, e que impõe solução imediata. O bem estar relativo da população da Costa depende do poder de atracção e da concorrencia. E a Costa, com a sua adoravel Mata da Trafaria, merece tudo. Está ali muito esforço invertido em iniciativas, como as instalações da F. N. A. T., as *vilas*, o hotel, as varias pensões, algumas muito boas, «bars», casino, os restaurantes, o «rink» de patinagem, os estabelecimentos de banhos, etc.

—Pensa então...



PADRE BALTAZAR DE CARVALHO

Um aspecto da moderna povoação de Caparica

—Que o problema dos transportes fluviais Belem-Trafaria tem de ser revisto com coragem. O muito que a Costa—e agora só me refiro á Costa—precisa, virá a seu tempo, pelo fervor da Camara Municipal. Mas digo agora o que há 15 anos venho dizendo: querer fazer tudo de uma vez equivale a não fazer nada. Este ano trata-se de umas pavimentações, logo da iluminação, a seguir de esgotos e de aguas, emfim, de modo a que se chegue a fazer alguma coisa. E quero afirmar que muito se fez já.

—O problema da assistencia...

—As necessidades da gente nativa da Costa—boa gente que alguns «malteses» de fora, aproveitando-se da escuridão do inverno, têm por vezes assacreditado injustamente—as necessidades são muitas. A Sopa dos Pescadores durou 4 anos, e deveu-se a algumas pessoas da terra, generosas e desinteressadas, e ao auxilio do «Diario de Lisboa» (vinte contos) e de outros jornais. Mas a grande obra foi a Casa dos Pescadores, e a' ela fica já ligado o nome do comandante Tenreiro. Estão-se a concluir os edificios para uma Maternidade e para um posto de puericultura, e há terreno para uma escola. No campo da assistencia bem orientada esta obra, quando posta de pé, é já alguma coisa de expressivo. A Escola! E' necessario, indispensavel criá-la, pô-la a funcionar, para ambos os sexos. Como padre, como parôco, tenho feito o que tenho podido em materia de assistencia religiosa. Mas é mister assistencia moral e instrutiva. Confiemos todos na Camara e na Casa dos Pescadores.

—Projectos...

—Um jardim-escola na mata da Trafaria, e para o qual o Ministerio das Finanças cedeu 4.000 metros quadrados, está, com efeito, em projecto, com a protecção da Misericordia de Almada e a cooperação do grande amigo da Costa, o comandante Tenreiro.

—Acredita que a Costa não parará na sua caminhada para o progresso?

—Não basta apenas progresso material, de sentido turistico, destinado ao verão, não bastam apenas comodidades para veraneantes e visitantes. Eu defendo tambem um progresso estavel, para o meio populacional local, progresso para a gente que ali trabalha e sofre, para as criancas e para as mães. Têm de se conciliar os dois objectivos. De um lado, a Camara; de outro lado o comandante Tenreiro. E ainda pessoas da localidade estão, algumas desde há muito, empenhadas no duplo objectivo. (Citou-nos varios nomes, que o «Diario de Lisboa» algumas vezes tem sublinhado com louvor)

—No meu apostolado paroquial tenho tomado contacto com muita miseria e muita deficiencia. Não apenas na Costa, mas na Trafaria, Monte, Porto Brandão, Charneca e outros lugares. E por isso me apaixonei pela região, tão favorecida pela natureza, e tão abandonada por alguns homens. Aos homens que estão na Camara de Almada, na Misericordia, na Junta Central dos Pescadores, dirijo o meu agradecimento pelo que têm feito pela Costa e ponho singelamente os seus problemas mais urgentes: escola, iluminação, agua, pavimentos, transportes—e assistencia aqueles que de tudo precisam.

Urge iniciar os preparativos

para a condigna celebração

do 8.º centenario da tomada de Lisboa

Em 21 de outubro de 1947 comemora-se o oitavo centenario da tomada de Lisboa aos arabes depois de heroico e prolongado cêrco, o que constituiu grande acontecimento politico e militar nesses recuados tempos.

Essa data marca, de facto, a sua importancia como capital da então nascente patria portuguesa e de grande cidade que estava destinada a representar, quatro seculos mais tarde, como *alma mater* dos descobrimentos maritimos e grande emporio de comercio, um papel primacial na historia da civilização do Mundo.

O renascimento está intimamente ligado ás nossas descobertas maritimas que tiveram uma longa, ardua e sabia preparação nos poderosos arsenais de Lisboa nessa epoca florescentissima em que «*fômos grandes em tudo*».

E, graças á sua privilegiada situação nas modernas rotas maritimas e aereas, á grandeza propria, ás belezas naturais e ao passado historico, a Rainha do Oceano, vertice de um importantissimo sistema estrategico e politico, continua a ocupar uma situação de grande destaque na vida universal.

A data comemorativa da fundação oficial da Lisboa portuguesa, filha do belo e opulento Tejo Imperial, o grande berço prateado onde se embalaram as naus e caravelas que depois partiram, sabiamente governadas por varias gerações de imortais marinheiros, a descobrir todos os continentes e navegar todos os oceanos—interessa á terra inteira. E' um acontecimento internacional.

Tal facto, só por si, seria suficiente para justificar realizações e solenidades magnificas. Mas outros factores se aliam e concorrem para que estas possam decorrer com grande projecção e brilhantismo:

1.ª—Realizarem-se as comemorações já em plena paz, como é natural esperar, permitindo assim que se ofereça talvez a primeira oportunidade de se reunirem fraternalmente, na universal Lisboa, os varios povos hoje em luta representados solenemente pela suas esquadras de honra e embaixadores especiais.

2.ª—Coincidirem as mesmas comemorações com as eras de *Ressurgimento Nacional* e de *Engrandecimento* da cidade, sem o que nada de valioso e duradouro poderiamos fazer.

Mas, felizmente, por um lado estamos hoje de novo senhores das nossas antigas qualidades de inteligencia, tenacidade, bom senso, iniciativa e espirito pratico que nos permitiram marcar um lugar de destaque entre os povos, e, por outro lado, está a proceder-se com vistas largas ao estudo do plano de urbanização da capital.

Tudo isto nos dá direito a acalentar as maiores esperanças no sentido de podermos e sabermos comemorar condignamente, nos nossos dias, o ano aureo de Lisboa.

Portanto, mãos á obra, que o tempo urge.

* * *

O que será necessario fazer?

Em primeiro lugar impõe-se a criação imediata e oficial de uma *Comissão Executiva*.

Em segundo a elaboração de um programa em bases praticas, esclarecidas, largas, cultas e modernas.

Depois afastar desde já a possibilidade de admitir realizações apressadas ou mesquinhas, e de simples festas de fogo de vistas.

Sobretudo, importa evitar o recurso ás organizações—ou melhor ás desorganizações—da ultima hora.

Muito interessa tambem ter sempre em vista a preocupação dominante de criar obras perfeitas de valor e utilidade permanente para a capital e para o país, e cujos estudos e planos devem ser imediatamente iniciados.

Entre estas avultam a publicação da *Historia da Cidade de Lisboa* e a inauguração do monumento a D. Afonso Henriques, conquistador da cidade e fundador da Patria, na praça de armas do Castelo de S. Jorge, que terão de realizar-se, como é natural, na data precisa das comemorações—outubro de 1947.

Não há, portanto, um só dia de trabalho a perder, se realmente desejamos celebrar com dignidade e brilhantismo, sem adiamentos desprimorosos, a data da *fundação oficial de facto* da capital do Imperio, como nos impõem os nossos deveres patrioticos e o interesse proprio.

De muitas cousas e sugestões que haveria a expôr acêrca do assunto cuidarão as varias entidades naturalmente indicadas para o fazer, e a Imprensa em geral, que, como em todos os acontecimentos de igual natureza, muito poderá concorrer para o bom exito e brilhantismo do importante fim em vista—engrandecer e celebrar a mui nobre e leal cidade de Lisboa numa grande data da sua grande historia.

FRADIQUE JUNIOR

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

C. P. V.

GASOGENIO

Rua Ritter Telefone
Tasso, 15 a 38 4 2421
(a Rotunda)

Estação de Serviço
MOTOR PALÁCIO
Escola Automobilistica

GASOGENIO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

Limpeza de filtros, afinar, carregar, acender e todos os serviços referentes a gasogenios por pessoal especializado

---

PRODUTOS DE BELEZA

SALOMÉ

Da mais alta e mais sólida reputação

Com um pouco de **Agua de Colonia Salomé** na agua, V. x.ª prepara um banho delicioso, dando-lhe uma encantadora sensação de doce frescura. A sua pele tornar-se-á aveludada, firme, rejuvenescida e impregnada de um leve perfume de flores campestres. Com ela deve friccionar o corpo, após o banho, o que lhe manterá uma perene agilidade e uma insensibilidade ao cansaço, tão correntes nas raças nordicas.

Preço de cada garrafa de 1,4 de litro 25$00

Como complemento, deve V. Ex.ª usar o Sabonete SALOMÉ espumante e **perfeitamente neutro,** pois é fabricado meticulosamente, não só para satisfazer as exigencias da higiene, como, tambem, e principalmente, para os cuidados imprescindiveis da epiderme.

Não amolece, não abre e conserva até ao fim o seu rescendente perfume da flôr da **Acácia mimosa**. Preço: **4$00.**

Deposito: FARMACIA LIBERAL

Avenida da Liberdade, 213 a 221 **Telefone: 4 3641.**

EMPRESA ELECTRICA, LTD.

ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone 90. **SINTRA**—Telefone 28. **LISBOA**—Rua da Prata, 120-122.—Telefone 2 5359. **LISBOA**—Oficinas: Largo de Santa Marinha, 26

ELECTRICIDADE

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafoniers. Telefones, Pára-Raios, Ventoinhas. Motores. Bombas. Material electrico

MATERIAL SANITARIO

Encanamentos para agua, gás, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para Consultorios e Laboratorios

Reparações em aparelhos electricos

Orçamentos e desenhos

PORTO DE LISBOA

AREAS—Molhada 11.150 hectares—terrestre utilizável 2.000.000 m2, sendo 100.000 m2 da área coberta.
VIAS FERREAS—Superior a 40 km. de comprimento nos entrepostos e cais, ligadas á rêde ferroviaria do País.
CAIS ACOSTAVEIS—Atingem um comprimento total de cêrca de 13.000 metros. Rapidez, economia e facilidades para todas as operações de mercadorias e passageiros.
DOCAS SÊCAS—Cinco, cujos comprimentos vão de 42 a 180 metros.
DOCAS DE ABRIGO—Sete, com 450.000 m2 de área molhada total.
CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO—Três, respectivamente com 87, 120 e 150 metros de comprimento.
OFICINAS DE CONSTRUÇÃO NAVAL—Oficinas de construção e reparação de navios, apetrechadas com os mais modernos maquinismos próprios para êste género de trabalho.
GUINDASTES—Hidraulicos, a vapor e eléctricos, terrestres e flutuantes, cuja potência elevatória varia de 1.500 kg. a 100.000 kg.
MATERIAL MARITIMO—Rebocadores, dragas, barcas de água e batelões diversos, em numero conveniente para os serviços do pôrto. Existem tambem seis cilindros impulsores, especialmente construidos e apetrechados para reflutuação de navios, com o emprego de ar comprimido.

WARRANTS — emissão de warrants para facilidades do comércio nos termos do Código Comercial

Administração Geral do Porto de Lisboa

CAES DO SODRÉ

TELEFONES 2 5001/3 E 2 5655/6

FÁBRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GÉNEROS

CHAPAS ESMALTADAS-SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR

E. E. de Sousa & Silva, L.da

Casa fundada em 1819 — Telefone 2 7915

GRAVURAS EM TODOS OS GÉNEROS
DATADORES E NUMERADORES. EMBLEMAS PARA SPORT, ETC.
ARTIGOS PARA ESCRITORIO E DE NOVIDADE
BORDADOS DA MADEIRA

157-159, Rua do Ouro — *LISBOA*

Empresa de Sacos de Papel, L.da

Sede — Calçada S. Francisco, 29 a 37

Fabrica — Rua Poço dos Negros, 75 e 77

Completo sortido de artigos de escritorio. Especializada em todos os fabricos de

sacos e carteiras de papel. Papelarias nacionais e estrangeiras

Papeis grossos, medios, finos e embalagens. Pedidos pelo telefone 2 4411

BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANA

Sede e unico Estabelecimento

Lisboa—Rua do Comercio, 132

TUDO É FUMO...

São mãos femininas

que fabricam os cigarros

que tu fumas, leitor amigo...

O fumo dum cigarro é afinal a imagem da própria vida: que se dissipa efémera—que se reduz ao nada!

«Beleza e altura se me vão em fumo» —diz Antero.

Tudo é fumo: vaidade, gloria, orgulho, beleza, ambição...

Mas no proprio cigarro há qualquer coisa de romantico. E interessante é que se saiba que quem o fabrica são mãos femininas.

E' na Tabaqueira e na fabrica de Xabregas, da Companhia Portuguesa de Tabacos, que se fazem charutos, cigarrilhas e cigarros que já hoje honram a industria nacional.

Sempre as cigarreiras despertaram curiosidade, chegando até a inspirar Bizet para a sua conhecida opera «Carmen». A' sua volta criou-se um ambiente romanesco que fala á imaginação dos escritores e dos poetas e que tambem tenta os jornalistas.

Não podiamos escapar á regra e eis-nos, pois, a visitá-las no seu trabalho. Vêmo-las primeiro passar de regresso do almoço. Variadissimas idades desfilam ante nós. Raparigas flor da vida, mulheres feitas, velhinhas alquebradas que há um bom par de anos ali ganham honradamente o seu pão.

Mas que é do trajo caracteristico de outros tempos e que supunhamos ainda ir encontrar? Hoje nada as distingue duma costureira, duma engomadeira, duma enfermeira—e até mesmo de qualquer empregada no comercio.

Há ainda algumas do tempo da «régie»—como lhe chamam e que foi o primeiro periodo da existencia da fabrica—que conservam o seu chale e o seu lenço. Mas no meio de tantas outras, passam quasi despercebidas.

Toda a mulher que trabalha, para honestamente poder ganhar a sua vida, deve merecer a consideração geral, seja ela medica, advogada, professora, operaria, camponesa... O trabalho eleva-a—superioriza-a! Ainda que por mais não fosse o seculo XX, ao conceder-lhe o direito de através daquele se tornar independente, tem de ser considerado um grande seculo!

Propomo-nos agora percorrer a fabrica. Mas trocamos primeiramente algumas impressões com o director, sr. Mario da Silva Alves.

—Porque se nota falta de tabaco no mercado? —inquirimos.

—A falta de tabaco tem decerto origem na especulação e assambarcamento particular e possivelmente qualquer ignorado contrabando. As vendas são condicionadas e portanto não há razão para que ele escasseie. Em 1940 as vendas foram superiores a 1939. O rateio estabelecido devia até dar maior equilibrio. A Companhia tem bastante. Vende o mesmo que em 1940. O caso não se explica senão da maneira que eu lhe disse.

Interrogamo-lo agora sobre as cigarreiras.

—Que limite de idade para entrarem para a fabrica?

—Dezoito anos, mínima, e vinte e dois, maxima. Por vezes, no entanto, temos transigido até aos vinte e quatro. Os homens só podem entrar depois de feito o serviço militar.

— Quantas mulheres trabalham agora?

—Seiscentas. Temos três categorias: operarias da antiga «régie», da antiga companhia e as adventicias.

—Gozam quaisquer prerogativas?

—Possuem caixa de reforma, que entrará em breve em execução e policlinica. Se estão para ser mães, algum tempo antes deixam de trabalhar, embora continuem a receber ordenado.

«Em caso de doença recebem um subsidio, e quando por morte de pais, filhos, ou quaisquer dos conjugues, gozam de três dias de licença, com vencimento. Encontram aqui maternidade e uma creche onde deixam os filhos durante as horas em que estão a trabalhar.

Pregutamos até que idade a creche tomra conta dessas crianças. E sendo informados de que até aos três anos apenas, instintivamente comentamos que o ideal seria que lá os pudessem pôr até aos sete. Porque daí em diante, se a escola se encarregasse totalmente deles, durante o dia, os seus cuidados diminuiriam mais, sabido como é, que para as mulheres que precisam de ganhar a vida, o problema dos filhos é dos mais complicados!

Um friso de alegres raparigas que enrolam nos seus dedos ageis os cigarros que se hão-de transformar em espirais de fumo azul...

Duas velhas cigarreiras que ainda trabalharam no tempo da «Régie»

—Há algumas operarias com muitos anos de serviço?

—Algumas trabalham aqui há sessenta anos.

—Desde quando mudou o trajo delas, tão caracteristico?

—Há uns dez anos.

—As condições de trabalho?

—E' de empreitada. Quanto mais produzem, mais ganham.

—E' rendoso o trabalho feminino?

—Bastante. Em trabalhos manuais as mulheres mostram grande desembaraço.

Fomos percorrer a fabrica em laboração. E uma cigarreira nos é apontada como um belo exemplo. Chega a empacotar umas oitocentas onças de tabaco por dia! As suas mãos diligentes, treinadas, movem-se como por artes magicas. E o seu trabalho resulta perfeito.

As oficinas, amplas e claras. O edificio era antigamente um convento. Deparam-se-nos, portanto, extensos corredores e vastas escadarias. Mas o tabaco requere lugar sêco. E a humidade natural do recinto não lhe deve ser favoravel.

Rimas de tabaco, cheiroso, convidativo para os seus devotos, topam-se aqui e além. Da Virginia, da Rodesia, das nossas colonias, da America do Sul, de Java, de Sumatra, etc.

Grandes cuidados requere antes de se fazerem dele charutos, cigarrilhas e cigarros. Todo é molhado. O que se destina ás onças, passado por agua e sal. Picam-no, secam-no, fazem-no girar por diversas maquinas até se encontrar em condições de ser fumado. Mostram-nos estufas destinadas á sua secagem. Depois vamos vê-lo, emfim, nos ultimos preparativos. As mãos habeis das mulheres moldam-no em fórmas para charutos.

Operarias com sessenta anos de serviço, as faces encarquilhadas, os cabelos de linho, as mãos já pouco firmes, ainda dão um belo exemplo de trabalho.

As folhas que enrolam os charutos são de tabaco de Sumatra e de Java, fino, aromatico, esplendido. Caixas bem apresentadas guardam aqueles, por fim, até um dia alguem os transformar em fumo, em cinza—em nada...

«Apago o meu charuto quando apagas Teu facho, ó sol!»...

—diz ainda o poeta.

Chegamos á ultima «étape» os cigarros que as maquinas fazem com precisão e rapidez vertiginosa. Cento e setenta mil, duzentos e cinquenta mil e quatrocentos e cinquenta mil cigarros por dia.

A Molins é a maquina mais perfeita, com balança de «contrôle».

Quatro modelos de maquinas nos são apontados. O primeiro marca o inicio da fabricação de cigarros. O segundo corresponde ao aperfeiçoamento daquele, particularmente sob o ponto de vista do rendimento. O terceiro, representa já, tecnicamente, um grande avanço e o quarto modelo tem ainda sobre o anterior a vantagem de eliminar os fragmentos lenhosos do tabaco e regular automaticamente o pêso fiscal dos produtos, sem intervenção do operario.

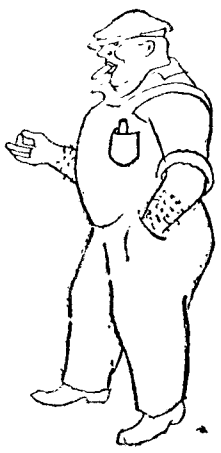
Tinhamos terminado a visita. A todos agradecemos a amavel companhia e explicações fornecidas. E do meio operario mais uma vez trouxemos a grata lembrança da sua exemplar polidez.

CRONICA

Manuel da Silva

português de Nova York

Parece que em cada grande nucleo de portugueses no estrangeiro deve haver muitos Manuel da Silva. E' um nome de português de exportação. Como os Dupont franceses, os Smith ingleses, ou os Schmidt alemães... Há placas de identidade assim mesmo, que parecem destinadas a dissolver a identidade no anonimato. Este Manuel da Silva é de Nova York e ouvimos falar dele numa reunião de artistas, pessoas de espirito e outras que se deixaram tentar pela presença de artistas e pessoas de espirito. Bernardo Marques e Carlos Botelho faziam a caricatura verbal desse Manuel da Silva, português de Nova York, cujo conhecimento naquele instante estavamos fazendo e que chegava até nós embrulhado numa especie de celofane transparente de pitoresco.



Manuel da Silva não era uma pessoa qualquer. Fôra comerciante e tinha falido. Mas, na grande metropole do comercio, o facto de ter sido comerciante, mesmo falido, atribuia-lhe, em sua consciencia, uma razão de prestigio, um ar irrefragavel de consciente importancia. Americanizara a sua silhueta com um «macaco» amarelo de trabalho, mangas arregaçadas, boné de pala. Ganhara certa naturalidade e ligeireza de movimentos, a-pesar da corpulencia pesada de português bom comedor, a quem o consumo local da cerveja avolumara o diametro abdominal. Mastigava constantemente a ponta do charuto—e trazia sempre um de reserva na algibeira.

Quando a falencia comercial o atingiu, Manuel da Silva não se deixou sucumbir. Foi-se outra vez á vida. Como já não podia manter carro de categoria, passou por uma feira de automoveis velhos—daqueles que estão para desmontar e vender em peças soltas—e comprou um por 40 ou 50 dolares. Era um autentico calhambeque, o mais possivel genero chocolateira. Manuel da Silva dava-lhe corda e lá ia com ele á sua vida, no ar acabado de quem ia semear miudezas de automovel pelas ruas fora. A traquitana, porém, resistia gloriosamente a tudo—mesmo a toda a sorte de carga que o seu artificioso proprietario e condutor lhe deitava em cima.

Por 1938 Manuel da Silva, português de Nova York, ganhou contacto com outros portugueses que por lá tinham ido a trabalhar na Grande Exposição. Deles se fez cooperador, tão pitoresco como activo e diligente. Tinha da terra em que nasceu uma saudosa recordação, nimbada pela distancia do espaço e do tempo. Pudera criar em si, decerto, inconscientemente, uma simbiose das duas mentalidades, alternando nos seus juizos uma simpatia respeitosa pelo sentimento lusiada e pela maneira de ser «yankee». Mas havia uma coisa que o fazia filosofar: a concepção da morte.

—Lá por Portugal é que é isso—dizia ele—de se pensar que a gente morre e que pode ainda passar preocupações depois de morto. Vai-se para o ceu ou para o inferno. Aqui não! Aqui vai a gente para *cambeque* e acabou-se...

O *cambeque* é que era o desfecho, o ponto final de todos os sonhos, de todas as ansiedades, de todas as ilusões. Mas que escola filosofica desconhecida era essa que construira para seu uso a concepção do *cambeque*? Isto fez pensar, durante muito tempo, as pessoas que assistiam ás pitorescas divagações deste português de exportação. Mas, um dia, vem a chave do problema. O *cambeque* era simplesmente uma deformação do «*come back*» inglês... Os mortos vão para o longo caminho donde «do'nt come back», isto é, para donde não se volta...

Não havia mais nada a dizer. Realmente, o *cambeque* é tambem o ponto final de todas as discussões...—J.

PAGINA DAS PROVINCIAS

A PATRIA

COMPANHIA ALENTEJANA DE SEGUROS

Sede em EVORA

Filial em Lisboa: Rua Augusta, 188

Delegações e Agencias em todo o País

A primeira seguradora do Ramo Agricola

Fábricas Metalúrgicas

ALBA

Augusto Martins Pereira

ALBERGARIA-A-VELHA

End. telegráfico: ALBA
Telefone: 6 (P. B.X.)

Escritório em Lisboa:
R. dos Correeiros, 40-2.º Esq.º
Telef. 21319

Figueira da Foz

CENTRO DE VERANEIO PREDILECTO

COMODIDADES — CONFORTO

DESPORTO — Festas Infantis — BAILES
Festas de Arte

MAR — SERRA — RIO

A mais ampla, a mais bela, a mais asseada praia portuguesa

Grande Hotel Liz

LEIRIA

Largo Alex. Herculano

Telef. 108

UNICO CLASSIFICADO NESTA CIDADE

CASA SOUSA

TELEFONE 99

PAPELARIA E LIVRARIA

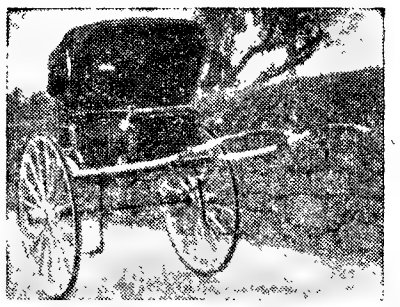
DE

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

Rua 19 n.º 215 — ESPINHO

COM OFICINAS DE:
Construção de Carrocerias e Carruagens de todos os tipos

TELEFONE 224



Auto-Carrocerias da Beira, L.da

Rua Amato Lusitano

CASTELO BRANCO

Bate-chapas, Pintura à Pistola, Estofador, Solda a Autogénio, Reparações, etc.

ORÇAMENTOS GRATIS

Café e Pensão Internacional

ELVAS

Eduardo Martins Seromenho & Rosa

Construtores Civis - FARO

com armazens de materiais de construção

Não deixem V. Ex.as de consultar esta acreditada casa quer para compra de materiais ou para edificações

J. A. FERREIRA MARQUES

COMISSÕES & CONSIGNAÇÕES

Seguros — Aguas Minerais — Adubos

RUA CONDE DE CANTANHEDE, 1 e 22 — ELVAS Tel. 188

CARVÕES

De azinho
De torga (para fogão ou fogareiro)
De braseira (picão)

Grandes e pequenas quantidades

VENDE

Martins Ruivo

Telefone 81

CASTELO BRANCO

Antonio Moita & C.ª Irmãos

COM

Fabrica de Curtidos

Alcanena

Solas Verdes e Salgadas

Telefone 5 ALCANENA

José Nunes Petronilho

Penamacôr

Comissões e Consignações de todos os artigos produzidos e consumidos na região

Simões & Ventura, L.da

Olhão

Conservas e materiais

Vendedores exclusivos do modelo de cortiça de «Bandar», «Copejada», «Trabeirada» e «Sardinhal», aos melhores preços do mercado. Fios e cabos de todas as qualidades, etc.

Pedro Martins

OLHÃO

Comissões, consignações e c/ propria. Materiais p/ a industria de conservas e pesca. Seguros—Tanques de ferro—retalho de folha de Flandres—desperdicios de manilha—potes para azeites e bidons

Representante exclusivo em Sotavento do Algarve do «Ripon» para desilustrar folha e limpesa de grelhas, motores de automoveis e industriais etc. Aceita representações.

Cruz, Fernandes, L.da

Leiria

Transporte de passageiros, bagagens e mercadorias. (Serviço combinado com a C. P.). Horario das carreiras diarias:

Leiria-cidade—P.: 8 e 45; 12 e 10; 20,00 e 23 e 20.—C.: 8 e 52; 12 e 17; 20,07 e 23 e 27.

Leiria-gare—P.: 9,07; 12 e 34; 20 e 24 e 23 e 43.—C.: 9 e 14; 12 e 41; 20 e 31 e 23 e 50. Comboios em ligação: 240, 201, 206 e 205.

CURTUMES

J. S. NAZARIO

Solas, Calfes e vacas-calfe

Telef. 21

Alcanena

HENRIQUE JOAQUIM BAPTISTA

Industrial de Curtumes

Alcanena

O «Diario de Lisboa» vende-se em Vendas Novas, na casa José Inacio Simões Junior.

Balanço da actividade jornalistica

realizada pelo DIARIO DE LISBOA

em vinte e dois anos de existencia

(Continuação da 1.ª página)

—

quarto de seculo o Diario de Lisboa *procurou sempre revestir o acontecimento de interêsse, imprimir ao facto vivido ou á idéia espiritualizada aquela emoção a que nos referimos, e sem a qual não se distingue um jornal de outro jornal e uma obra de arte de outra obra de arte. Não temos a veleidade de o termos conseguido sempre, ou de tê-lo conseguido exclusivamente. O publico, porém, que nos acompanha desde abril de 1921, sabe que o* Diario de Lisboa *se tem esforçado por ser dentro da nobre Imprensa portuguesa um elemento de dignidade profissional, e dentro do jornalismo profissional e tecnico um elemento de bem servir.*

Pela primeira vez recordamos as palavras do director dêste jornal escritas quando o Diario de Lisboa *completava, modestamente, um ano de trabalho:*

«Temos procurado ser justos com os homens, verdadeiros com os acontecimentos».

Procuravamos, então, e procuramos sempre. E dentro desta divisa, o publico que desejamos servir—e é tambem o nosso juiz—não nos negou jámais o seu afecto nem a sua consoladora justiça.

Apetece-nos passar hoje, em sumaria noticia, revista ao trabalho do Diario de Lisboa *em vinte e dois anos, destacando dentro de um conjunto de actividade — na qual pretendemos que a cultura, a lealdade e o espirito puro ocupassem o primeiro lugar — alguns acontecimentos e sucessos aos quais não são insensiveis o nosso brio profissional e o conceito que fazemos da Imprensa portuguesa.*

Sob o signo da cultura

O *Diario de Lisboa* surgiu nas vesperas da grande comemoração nacional do 9 de Abril de 1921, no Mosteiro da Batalha, e foi essa a nossa primeira reportagem, dificultada logo pela carencia, então, dos processos de transmissão e pela hora a que o jornal em Lisboa teria de aparecer ao publico. Nascia este jornal, pode dizer-se, sob o signo da exaltação patriotica.

Idealizado e subordinado desde logo a um sentido cultural, o *Diario de Lisboa*, em vinte e dois anos, não se despreocupou uma só vez nem mesmo quando as contingencias dos acontecimentos, o imprevisto, a rapidez exigente da formação da noticia nos embaraçavam — de se sujeitar á divisa intima, para nós imperativa. Todos os problemas do espirito, através das artes, das letras, do teatro, da critica, do ensaio, das ciencias, da especulação das ideias e dos desconcertos das escolas, têm sido tratados no *Diario de Lisboa* com a largueza e a desenvoltura de opiniões novas e alheias. Inqueritos, entrevistas, debates, polemicas limitadas ás boas maneiras, opiniões livremente expressas — têm dado aos multiplos problemas e actividades do espirito uma expansão que raras vezes atingiu tamanha latitude na Imprensa portuguesa. O nosso «Suplemento literario», suspenso quando restrições de espaço foram impostas, e ainda as «Paginas literarias» periodicas — atestam o pensamento dêste jornal de, pelos seus redactores, colaboradores, amigos e leitores, servir a causa da cultura portuguesa.

Assinalamos a serie de artigos, reportagens retrospectivas da Historia, que durante meses ilustraram o *Diario de Lisboa* pela pena do seu director e de alguns colaboradores.

A amizade e as relações culturais com o Brasil, o intercambio moral e politico, literario e artistico, economico e academico, tiveram desde a primeira hora, nêste jornal, pela pena de um dos nossos mais brilhantes colaboradores, e pelos proprios redactores, um estimulo constante, desinteressado, e que produziu seus frutos.

Os delicados casos relativos a assuntos e questões da Igreja foram nêste jornal ventilados, com um desenvolvimento, excessivo ás vezes, se considerarmos o nosso pequeno formato: os congressos economicos, as reuniões do Episcopado, as peregrinações religiosas, nomeadamente as do Sameiro, de Braga, de Santarem, a questão do Padroado—tão transcendente—ultimamente a Concordata com a Santa Sé, nos seus varios aspectos nacionais, ainda, sob o ponto de vista italiano e pontificio, a «Questão Romana» na sua solução mais recente — mereceram no *Diario de Lisboa* artigos, entrevistas com politicos, prelados, teologos, tratadistas. Foram, então, assinaladas as reportagens publicadas a quando da imposição do barrete cardinalicio a monsênhor Locatelli, Nuncio de Sua Santidade, pelo presidente dr. Antonio José de Almeida, no palacio da Ajuda, como assinalados ficaram, mesmo em confronto com a Imprensa catolica, os artigos que precederam as eleições de Pio XI e de Pio XII, pela soma de documentação e de subsidios sugestivos.

A reportagem a Roma, em 1925, levada a efeito por um nosso enviado especial, na altura do Ano Santo, com as paginas relativas á canonização de Santa Teresinha, ás cerimonias no Vaticano, com entrevistas com o Patriarca D. Antonio Mendes Belo, com alguns cardiais da Curia, ministros, e ainda com as derivantes politicas da presença de D. Manuel II em Roma — interessaram então vivamente o publico.

Se o *Diario de Lisboa* nasceu sob o signo patriotico—afervorado na Batalha em 1921—a todos os grandes acontecimentos nacionais ou de projecção nacional se deu sempre neste jornal, a despeito do seu limitado espaço, um desenvolvimento e notoriedade grandes. Enviados especiais percorreram o país a quando das Comemorações Centenarias, e dos acontecimentos verificados em Lisboa tirou o nosso jornal pretexto para exaltação da ideia patriotica e nacionalista, que foi o fulcro das comemorações.

Os ultimos grandes acontecimentos da politica portuguesa, na valorização do seu prestigio—foram por nós acompanhados com devoção, chegando, quando as circunstancias nos permitem, a justificar duas e três edições.

Reportagens internacionais

Algumas reportagens internacionais estão sublinhadas de interêsse invulgar na colecção de vinte e dois anos do *Diario de Lisboa*.

Logo em 1921 o nosso director realizava em Madrid entrevistas de interêsse excepcional para a epoca com os chefes politicos. De Paris e da Sociedade das Nações foram, por uma nossa colaboradora, enviada especial, remetidos artigos e entrevistas de relêvo politico internacional.

O golpe de Estado de Primo de Rivera, em 1925, levou-nos a destacar para Espanha enviados especiais, entre os quais o nosso director. A abertura da Assembleia Nacional, a Exposição de Sevilha, a queda do govêrno de Rivera, a proclamação da Republica — foram acontecimentos transmitidos, relatados ao vivo, documentados e ilustrados por nossos redactores, enviados especiais, cujas reportagens ficaram memoraveis na Imprensa portuguesa.

Mas quando essas paginas, que se contam por centenas, atingem o maximo do interêsse publico e da justeza da observação e da narrativa, é no longo e cruciante periodo da guerra civil que sucedeu ao golpe do general Franco. Cinco dos nossos redactores, em varios periodos, estiveram em Espanha e viveram a tragedia, transmitindo-a para o publico português, com vibração que nos é grato recordar.

Outros acontecimentos estrangeiros têm largo arquivo no *Diario de Lisboa*, por enviados especiais; recordamos a reportagem a Gibraltar, a quando do regresso, a bordo de um barco inglês, o «Eagle», de Ramon Franco, Ruiz de Alda e Rada, naufragos do seu avião no mar da ilha de Santa Maria, o julgamento de Marang, na Haia, os Jogos Olimpicos de Amsterdam, além de missões jornalisticas á Belgica, á Inglaterra, á Italia, ao Brasil, á Alemanha», á França, a Marrocos espanhol (Ceuta, Tetuan e Larache), a Tanger, sempre em periodos de interêsse internacional, e fixando por entrevistas, quadros descritivos, reportagens de factos, momentos historicos nos varios países. Nomeadamente se citam as festas da coroação de Jorge VI e da formidavel parada naval inglesa e de navios de quasi todo o mundo, em Speethead, a chegada de Chamberlain e Halifax a Roma, a visita de Daladier á Tunisia e á Argelia, a reportagem a Gibraltar por ocasião da invasão da Abissinia pela Italia, e da tensão no Mediterraneo, acontecimentos em que o *Diario de Lisboa* era o unico jornal português representado.

Fora do país

No capitulo de reportagens, fora do país, de interesse relativo a Portugal, destacamos a viagem presidencial de Antonio José de Almeida ao Brasil, em agosto e setembro de 1922, com passagem pelas Canarias, e durante a qual o nosso enviado especial redigiu a ultima entrevista que Rui Barbosa concedeu a um jornal [illegible]

(Vêr continuação na 23.ª pagina)

NA PROVINCIA DA ZAMBEZIA

Uma missão de engenheiros

procura preservar a vila do Chinde

de um fenomeno de erosão maritima

Entre as provincias do Imperio avulta pelas suas caracteristicas a grandiosa Zambezia.

Estendendo-se das Bôcas do Zambeze á Rodesia e á Niassalandia, os seus aspectos panoramicos passam por uma gama duma diversidade maravilhosa. No delta do Zambeze percorre o viajante entusiasmado um verdadeiro labirinto de canais coleantes, de margens rasas com a agua, cobertas por uma vegetação tão luxuriante, tão cerrada que a vista a não consegue penetrar.

Os salgueirais, a que os indigenas chamam «mangal», imperam por toda a parte cobrindo ininterruptamente centenas de quilometros das margens. São eles de duas variedades, a branca e a vermelha. A casca desta ultima é exportada em larga escala para a America.

As marés invadem periodicamente grandes zonas das margens e a vegetação converte-se agora numa imensa floresta aquatica para passada horas surdir dum lodo pardo, lustroso, onde os hipopotamos e crocodilos deixam os seus rastos inconfundiveis. E por entre estas margens desliza mansamente uma linfa turva, reflectindo um céu hoje azul brilhante, amanhã caliginoso e ameaçador.

O barco ora singra por estreitos canais roçando com os seus varandins a ramaria verde escura das arvores, lançando o panico nos macacos, ibis, garças e pelicanos, ora entra em avenidas portentosas ladeadas de coqueiros onde as povoações indigenas campeiam e onde os negros aprumados saudam, braço erguido, o branco que passa. E os canais sucedem-se em numero tal, em rêde tão inextricavel, que só os velhos mestres fluviais europeus e um reduzido numero de pilotos indigenas os conhecem quasi totalmente.

Mas navega-se rio acima; deixa-se o delta e entra-se na zona baixa do curso do rio. A beleza desapareceu em parte. Planuras sem fim ladeiam o rio, imponente na sua largura, imponencia que, contudo, é prejudicada por inumeras ilhas e bancos de areia. Mas o europeu pasma ante a riqueza em potencia que aquelas terras contêm. Em varios pontos já ele a aproveitou. Eis uma chaminé altaneira que ao longe surge golfando fumo. O que é? A fabrica da Sena Sugar Estates no Luabo. E o europeu novato poucas horas depois desembarca encantado numa vilazinha colonial, elegante, limpa, bem arruada e ajardinada que rodeia a grande açucareira como outrora o velho burgo rodeava o castelo medieval. Em volta, verdes campos de cana de açucar a perder de vista, cortados por largas ruas e caminhos de ferro, por onde rolam camiões e comboios, e onde formigam milhares de indigenas orientados por capatazes europeus.

A vida é conduzida com inteligencia no Luabo. As casas são boas na generalidade e tanto europeus como assimilados possuem os seus clubes, onde se divertem e onde buscam o repouso do espirito após um dia de faina intensa.

Continua-se subindo o rio e outros pontos notaveis se encontram: Marromeu, outra açucareira; Inhamatimbira, uma plantação do Banco Nacional Ultramarino; Mopeia, centro algodoeiro da Sena Sugar Estates, até que, finalmente, surge no horizonte, passados dias, uma longa construção de aspecto geometrico. Esquisito! Parece uma ponte. E é, com efeito. E' a magnifica ponte sobre o Zambeze, uma das mais extensas do mundo, que liga Dona Ana, na margem esquerda, a Sena, na margem direita. Em Dona Ana uma grande fabrica. Trata-se da algodoeira da Companhia da Zambezia.

E o barco passa, decorridas horas, sob um amplo tabuleiro de ferro assente em pilares ciclopicos sobre o qual rolam os comboios da Beira para a Niassalandia e daqui a alguns dias para Tete, porque Dona Ana é o grande entroncamento onde o caminho de ferro de Tete se reune á linha da Trans-Zambezia-Railway — T. Z. R.

Mas a paisagem, cuja monotonia foi um momento quebrada pela massa imponente da serra da Morrumbala, que domina o Chire, volta a ser algo fatigante, embora já uma serie de colinas limite o horizonte. Todavia, a terra é sempr erica e a vida vegetal e animal estua ardente.

Bandos de antilopes, manadas de bufalos e de elefantes povoam as margens; e o caçador novato encontra-se num verdadeiro paraiso cinegetico, mas paraiso fictico e perigo-

(Vêr continuação na 23.ª pagina)

O ano de 1941

foi desfavoravel para a nossa população

Preferimos transcrever, textualmente, um periodo da nota introdutoria que precede o Anuario Demografico—1941—do Instituto Nacional de Estatistica, publicação utilissima aparecida ontem.

Com a transcrição não pretendemos avolumar pessimismo, mas chamar a atenção para um problema gravissimo, que o Estado não se dispensa de salientar, como o têm feito publicamente medicos, economistas e alguns estadistas.

«O ano de 1941 foi singularmente desfavoravel para a nossa população. Acentuou-se a diminuição dos nascimentos e aumentou o numero de obitos.

Apenas se registou uma apreciavel melhoria no numero dos casamentos que, pelas circunstancias em que se verificou, avulta mais como sintoma de reconstituição social do que como testemunho de potencialidade demografica. A guerra, com as suas consequencias morais e materiais, é, sem duvida, a principal responsavel pela situação que os numeros documentam.

Em todo o caso, por muitas e grandes que sejam as suas responsabilidades, não devem ver-se nela a causa unica de todo o mal que importa reconhecer. Na base da progressiva diminuição de natalidade devem estar para além das razões de momento outras mais antigas e mais sérias.

Já nos *Anuarios* anteriores, e especialmente no ultimo, o Instituto Nacional de Estatistica salientou a gravidade do problema. Infelizmente o balanço demografico de 1941 adiantou-se em condições não previstas na demonstração dessa gravidade».

Estas considerações resultam do apuramento do saldo fisiologico (excesso de obitos sobre nascimentos) no ano de 1941, saldo expresso pelo numero de 46.141 individuos, o que é, realmente, muito baixo.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
TELEFONE 2 6519

Med., coração pulmões—Dr. A. Narciso, 6 h.
Cirurgia, operações—Dr Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinarias—Dr M Magalhães, 1 h.
Pele e sifilis—Dr Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr Mario de Matos 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo. 4 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr F. Calheiros. 3 e 30 h.
Doenças sr.as, operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 2 h.
Raios X—Dr Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet 4 h.
Analises clinicas.

Quando os cegos tocam nas ruas de Lisboa

VIDAS SOMBRIAS

A protecção aos cegos

no nosso país

carece de ser aumentada

Varias vezes, ao toparmos nas ruas um ou mais cegos executando modinhas em voga e até, por vezes, trechos de musica classica, preguntavamos a nós proprios: que protecção gozam eles? Dependem da caridade particular, vivendo aos baldões da sorte, ou alguma associação estende para eles mão bemfazeja?

Se nos asperos tempos que estão a decorrer os visuais cada vez mais tendem para se agrupar, para mais facilmente poderem resolver os problemas que lhes dizem respeito, os cegos tambem hão-de ser levados a fazer o mesmo.

Entre nós, a Associação de Luiz Braille é onde estes se reunem e onde tratam dos assuntos de seu proprio interêsse. Casarão velho e falho de conforto, que terão de abandonar por outro que melhor satisfaça as suas necessidades e as suas aspirações.

Ali nos inteirámos da sua situação. O primeiro secretario, sr. Joaquim Guerrinha, atende-nos e de boa vontade responde às nossas preguntas.

—Possuem, na maior parte, estudos musicais os cegos, musicos ambulantes?

—Sim. Alguns dêles aprenderam musica. Mas como em Portugal a vida para os que se encontram privados da vista é bastante dificil, eles vêem-se forçados, muitas vezes, a andar por aí tocando, para ganharem alguma cousa.

—Eles já tocam livremente, sem receio da Policia?

—Agora, sim. Ficou assente, por autorização do sr. subsecretario da Assistencia Social, que eles podem tocar em determinados locais, desde que os grupos estejam devidamente oganizados.

—Os visuais, que tambem dão audições na via publica não prejudicam os segos, um pouco?

—De facto, assim é. E lamentamos que não se lhes ponha cobro; pois aos cegos poucos modos de vida lhes são facultados no nosso país.

—No estrangeiro encara se o problema de outra forma, não?

—Lá, há uma orientação completamente diversa. Os cegos aprendem os mais variados oficios e desempenham inumeras funções. Há os até professores de universidades. Dactilografos, taquigrafos, maçagistas, operarios, etc. Prestam ao cego toda a atenção. E agora com a guerra, em que tantos individuos perdem a vista, maiores cuidados dispensarão ao seu problema de vida.

—Que instrumentos são preferidos por esses cegos que tocam nas ruas?

—O violino e a concertina. Procura-se agora muito fazer ligar os dois. Ultimamente tem-se dado mesmo certa preferencia á concertina.

—Conseguem ganhar para viver os cegos musicos ambulantes?

—Uma média que lhes permite ir comendo. Quando chove, já não podem trabalhar, assim como no rigor do Inverno.

—E os que não andam pelas ruas, que fazem?

—Uns tocam na Emissora, outros em «cabarets» e outros afinam pianos.

—E, quando adoecem, os que tocam em «dancings» continuam a receber algum ordenado?

—Não. Ficam sem ganhar nada. O

(Vêr continuação na 25.ª página)

VELHAS PEDRAS

A lege[...]

das inscrições da Q[...]

e algumas interpret[...]

Ha semanas reproduzimos a inscrição latina quinhentista da lapide do portal da Quinta do Vinagre, em Colares. Dissemos depois das origens da Casa, dos primeiros e ultimos senhores. Convidavamos os nossos leitores a darem, por devaneio literario, uma interpretação da legenda, que assim se enuncia:

FORSITAN HIC LEVIUS VITAE ERIT
EXILIUM AMICIS ETIAM CLAUSA
PATET 1586

Faltou-nos dizer que dentro da quinta, nas ruinas do palacio, entre pedras de sabor arqueologico, dispersas, se encontra outra lapide com os mesmos dizeres, mas sem que as palavras estejam interrompidas, como sucede na pedra do portal. E, por curiosidade, informamos que uma das antigas aleas da quinta, ruas de transito rustico, existe uma outra lapide, que diz:

EST EOC AMINH ODOS B I R ROS 1627

o que parece uma charada, e significa apenas que determinada rua era o caminho dos animais de serviço, pratica que se encontrava noutras propriedades rusticas da provincia.

* * *

As interpretações da legenda latina, no seu conceito tão belo e que o proprio latim desligado valoriza no seu misterio para o vulgo, e que até nós chegaram, foram muitas. Algumas eram apenas traduções literais, outras deficientes ou empoladas versões do texto, e outras ainda produções [...] ampliando o conceito ou deturpando-o.

Pareceram-nos, cada um a seu tempo e intuito, merecedoras de publicidade as seguintes interpretações, e delas o leitor escolherá a que seja mais sobria e ao mesmo tempo mais saborosa.

A interpretação dada cêrca de 1840 pelo frade carmelita frei José da Assunção não era famosa: «Aqui se passa a vida alegremente Para os amigos mesmo fechada está aberta».

Vejamos outras que ocorreram ao nosso apêlo. Três quadras originais de um mesmo autor—um ilustre sacerdote, poeta e erudito, que nomeamos por M. N.:

Aqui, o exilio da vida
Tem o melhor dos abrigos.
A porta, fechada aos outros,
Abre-se sempre aos amigos.

Talvez seja aqui mais leve
A dôr da vida deserta.
Mesmo fechada, os amigos
Terão sempre a porta aberta.

Talvez o exilio da vida
Aqui não pese a ninguem.
A porta, fechada aos ventos,
Abre-se sempre a quem vem

Em prosa anotamos:

«Talvez aqui seja mais suportavel o desterro da vida. A Casa, embora cerrada, está sempre aberta aos amigos». (V. de A.).

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

HORA DE LISBOA	COMPRIMENTOS DE ONDA
8,45	41,75 m. (7,19 mc/s)
	31,75 m. (9,45 mc/s)
	31,32 m. (9,58 mc/s)
13,15	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
21,45	31,75 m. (9,45 mc/s)
	41,75 m. (7,19 mc/s)
	42,13 m. (7,13 mc/s)
	261,1 m. (1.149 kc/s)
	1.500 m. (200 kc/s)

DOMINGUEZ &[...]

PAPELARIAS nacionais e estrangeiras

TINTAS DE ESCREVER nacionais e estrangeiras

SEDE: Rua da Assunção, 79 a[...]
TELEFON[...]

FABRICA: Av. Casal[...]

da latina

nta de Colares

s que nos foram enviadas

Preferimos esta:

«Talvez este exilio nos dê melhor vida. Porta echada para que os amigos entrem». (L.R.).

* * *

Vejamos esta outra:

«Talvez que nesta mansão seja mais leve o esterro da vida. Mesmo fechada, está aberta ara os amigos». (C. M.).

O ideal seria uma interpretação tão sintetica omo original latino. Consideremos esta outra: «Refugio me seja da vida, fechado sim, a migos não».

* * *

Voltemos á poesia:

«Os dias aqui dentro mais ligeiros
Se escoam, e mais suave é a vida incerta
Está cerrada a porta. Os verdadeiros
Amigos podem vir: está sempre aberta».

(C. M.).

* * *

Assinale-se esta concisão:

Doce refugio.
Vida mais certa.
Porta fechada,
A amigos abertas. (L. C.).

* * *

Forçando o [illegible]:

«Exilio mais leve á vida, fechada para todos menos para fir.

* * *

E [illegible]:

«Exilio talvez,
[illegible]
Para o [illegible]
Para amigos [illegible]. (S. M.)

* * *

Variando, [illegible] também:

«Talvez o exilio seja a solução da vida. Os migos que entrem e a porta continue fecha-a. (M. da M.).

* * *

Afastando-se bastante da simplicidade do onceito latino, mas com certo sabor, sublinha-e esta interpretação:

O' Vida, deixa-me estar
no exilio dêste lugar,
e manda-me o teu amigo
que traga a vida consigo. (F. de A.).

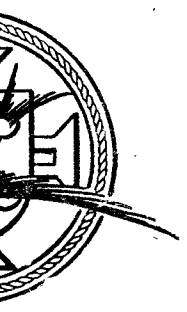
* * *

Finalmente, uma interpretação mais literal e aborosa:

«Refugio para mais leve vida. Fechada para aos amigos só dar entrada». (G. da C. S.)

E eis quanto deu o nosso apêlo. Se pouco , a culpa não [illegible] nosso.

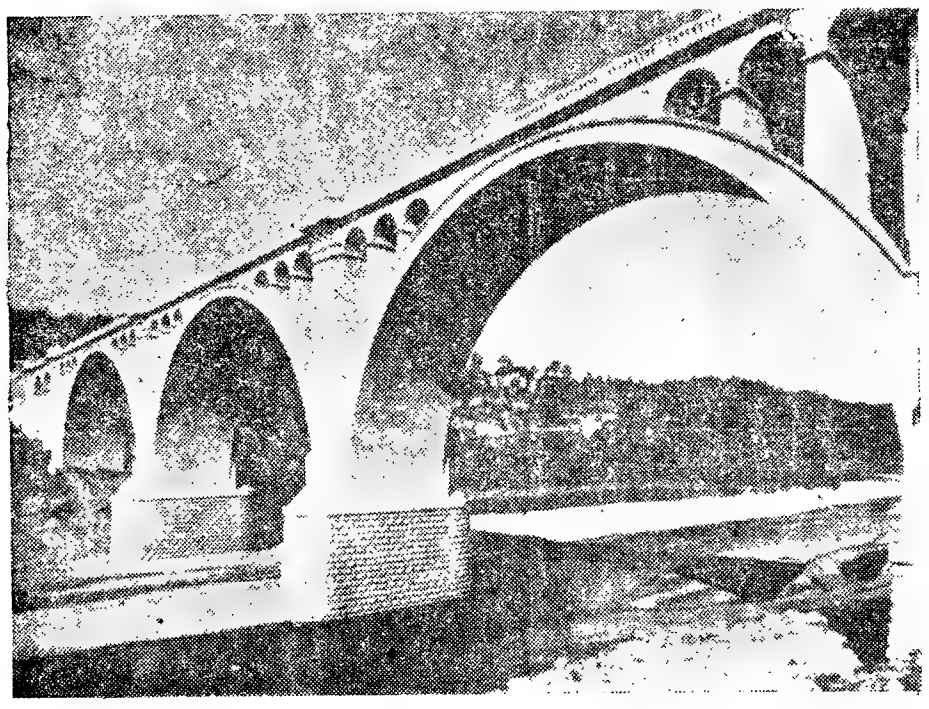
VADINHO, LD.ª



FABRICA de sobrescritos, manipulação de papeis de escrever e sacos de papel

PAPEIS QUIMICOS, Lapis, artigos de escritorio e de desenho

Rua dos Sapateiros, 135 a 143
2 5201/02
iro, 18 a 24 — LISBOA



A ponte Duarte Pacheco sobre o rio Tamega, em Entre-os-Rios

A obra nacional das estradas

e uma serie edificante de numeros e de noticias

A Junta Autonoma de Estradas, criada em 1927, e que teve por primeiro e grande animador o falecido general Teofilo José Trindade, e tem hoje a frente o brigadeiro sr. Silveira e Castro, elaborou agora o seu relatorio relativo ás obras do periodo que vai de 1936 a 1941, depois de há sete anos haver publicado o relatorio relativo a 1931-1936.

E' um notavel documento, expressivo nos pormenores e explanações tecnicas e financeiras, e que não nos é possivel acompanhar.

Quem lêr com atenção as afirmações, os numeros, o resumo da ingente obra realizada, mesmo nos ultimos três anos, eriçada de dificuldades não pode deixar de sentir admiração pela acção da J. A. E., pelo seu presidente brigadeiro Silveira e Castro, comissão executiva, engenheiros e pessoal tecnico.

Os trabalhos contam-se por algumas centenas—só dos mais importantes e alguns notaveis—e eles conjugam até fins de 1941:

Construções de estradas novas, construção de estradas de turismo, ligações ferroviarias, grandes reparações de estradas, construções de pontes, reparações de pontes, estrada marginal, auto-estrada (Lisboa-Cascais), viaduto de Alcantara, terraplenagens, serviço de conservação de estradas, e ainda sinalização, demarcação, balizagem, embelezamento, arborização, edificações, parques, miradouros, etc.

A administração dos dinheiros da Nação foi rigorosa e sabiamente exercida. Algumas indicações e numeros são edificantes.

Nos ultimos seis anos estatisticos em construções de 157 estradas aplicaram-se 151 mil contos, as grandes reparações contam-se por centenas e avultaram 166 mil contos, a construção de pontes inverteram 38 mil contos. Neste capitulo construiram-se mais de 50 pontes novas e concluiram-se outras; merecem especial menção as pontes Salazar, Sol Posto, Odeceixe, Duarte Pacheco, totalmente de granito, Alcacer do Sal, Sacavem, Odemira, sobre os rios Tua, Vouga e Mondego.

A Junta Autonoma neste periodo chegou a ter medias diarias de 28.000 trabalhadores (parte do ano de 1939), estando a media em 23.000 em 1941.

A conservação das estradas—departamento importantissimo — custou 225.309 contos em seis anos, cifra que parece excessiva, mas em rigor é modesta.

O relatorio, repleto de estampas, mapas e graficos estatisticos admiraveis, com cuidado artistico, assinala curiosidades significativas. Por exemplo: naqueles seis anos (1936-1941) foram plantadas á margem das estradas 415.000 arvores!

A J. A. E. não só constroe e repara: embeleza, anima a paisagem, valoriza as localidades, encanta as povoações.

A obra, por completar, da estrada nova Lisboa-Cascais (á auto-estrada) com suas pontes e viadutos, é das mais notaveis não só no nosso pais como na Europa. O arco grande, sobre o vale de Alcantara, sobre a qual assenta a estrada tem de vão, entre pilastras, 93 metros; as pilastras monumentais, que ladeiam o arco, tem 43 metros de altura, e comportam interiormente dez pavimentos, estando prevista a construção de elevadores dentro delas, para transporte de passageiros.

A obra da J. A. E. é, porém, de conjunto. Nacional no mais lato significado do termo, quer no continente quer nos Açores e Madeira.

Nas suas explanações tecnicas, o relatorio alude ás dificuldades actuais, que bem se compreendem dado os efeitos da guerra no nosso pais: carencia de materiais e transportes, marcha ascensional do custo da mão de obra.

E agora numeros elucidativos relativos a 1941:

Estradas de bom e regular pavimento: 13.772 quilometros; Carreiras: 11.989 quilometros; Veiculos: 59.845; Condutores: 92.722; Gasolina importada (1941) 69.722 toneladas.

Um ano

de actividade

dos serviços de viação

Do relatorio da Direcção Geral dos Serviços de Viação, referente a 1941, apuram-se numeros curiosos.

As receitas arrecadadas pelo Estado por motivo das comunicações nas vias de comunicação terrestre ordinaria atingiram 113.520 contos, dos quais 55 397 da taxa de salvação nacional (gasolina) e 34.661 do imposto lançado sobre a gasolina. Mais do que em 1940 mas menos do que em 1939.

Em 1941 havia 1.485 veículos nas carreiras regulares de serviço publico; 812 carreiras de serviço publico, 264 concessionarios e 12.004 quilometros servidos por carreiras. Estes numeros são os maximos desde 1933.

Naqueles 1.485 veículos a grande parte, 1.266, é de passageiros.

Os carros electricos eram, em 1940, 454 em Lisboa, 196 no Porto, 23 em Braga, 20 em Coimbra e 13 em Sintra.

A Companhia Carris de Lisboa, vendeu em 1941 cêrca de 111 milhões de bilhetes, numero maximo de todos os anos da sua existencia, mas que deve ser excedido, no ano passado, em cêrca de trinta por cento.

Veiculos não automoveis (tracção animal) existiam em 1941 em todo o país 157.046. As bicicletas eram em numero de 117.041, sendo Aveiro o distrito mais assinalado, logo seguido do Porto, Coimbra e Santarem.

Em 1941 o registo de autos ligeiros foi, praticamente, quasi nulo (560 contra medias anuais de 4.000), mas aumentou o registo de autos pesados.

De 1915 a fins de 1941 tiraram cartas de condutores 2.242 mulheres. As cartas de homens atingiram, de 1911 a 1941, o numero de 102.154.

As brigadas de fiscalização percorreram mais de um milhão de quilometros, consumiram 98 mil litros de gasolina, quasi cem toneladas se juntarmos o oleo, levantaram 13.413 autos e aplicaram multas no valor de 1.113 contos de reis; porém, só cobraram 407 contos. Foram inutilizadas 700 cartas e 1.595 livretes.

Os postos fixos (22) levantaram 25.532 autos, aplicaram 1.949 contos de multas e cobraram 551 contos. Castilho foi o posto que mais [illegible], seguido, quasi a par, [illegible] de Beja e de Sant'[illegible].

Foi [illegible] que as [illegible] com as suas despesas de [illegible], material etc., 1.589 contos, e os postos [illegible] 1.978 contos, só em 1941.

As despesas globais dos serviços da Policia de Viação e Transito atingiram 4.077 contos.

Em 1941 houve 8.352 acidentes de transito, por automoveis, menos do que em 1940, sendo mais da terça parte verificados na cidade de Lisboa. Morreram 442 pessoas, ficaram feridas, 6.562. Os choques e atropelamentos deram o grande contingente.

A gasolina importada em 1941 atingiu, ainda assim, 69.731 toneladas, metade da qual foi refinada em Portugal. Quanto a camaras de ar e protectores as quantidades (739 toneladas) foram bastante menores que nos anos anteriores.

Todos os numeros que estamos recapitulando referem-se ao ano de 1941 (dezembro). As correcções em 1942, para diminuições, são enormes.

Acaba de aparecer um novo livro de

RABINDRANATH TAGORE

«A CHAVE DO ENIGMA»

Uma das mais belas [illegible] de nobre espirito de genial autor de «A Casa e o Mundo» e de «As Quatro Vozes»

É UMA EDIÇÃO INQUÉRITO

PEDIDOS [illegible]

Editorial Organizações, L.da

Largo Trindade Coelho, 9, 2.º

LISBOA

FABRICA DE PORCELANA DE VISTA ALEGRE, L.da

FUNDADA EM 1824

Sede: Largo da Biblioteca, 17 — LISBOA
Fabrica em Ilhavo — AVEIRO

Porcelanas para usos domesticos e industriais
Decorativas e Electricas

DEPOSITOS

LISBOA — Largo do Chiado, 18
PORTO — R. Candido dos Reis, 18

J. V. Feijó, Limitada

OURIVESARIA E RELOJOARIA

Grande sortido em joias, pratas e relogios

Rua da Prata, 299 a 303
Rua da Betesga, 51 a 55
(Em frente da Praça da Figueira)

Telefone 21896 — LISBOA

FARINHA DUAS POMBAS

Para crianças, pessoas idosas ou convalescentes.
Para tomar á chavena, colher ou biberão.
Não irrita orgão algum.
Alimenta. Desenvolve. Fortalece.
E' um produto d'A MARIAZINHA.
Nada há de melhor—custe o que custar.
Cada quilo: 12$00

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á Igreja de S. Domingos)

Montepio Geral

Associação de Socorros Mútuos
fundada em 1840

Grã Cruz da Ordem de Benemerência

SEDE EM LISBOA

Rua Aurea, 219 a 241

FILIAL NO PORTO

Avenida dos Aliados, 90

FUNDOS PERMANENTES

174.675 contos

Efectua as seguintes operações:

EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS

EMPRÉSTIMOS SOBRE TITULOS DE CREDITO

EMPRESTIMOS SOBRE METAIS E PEDRAS PRECIOSAS

ALUGUER DE COFRES FORTES

GUARDA DE VALORES NAS SUAS CASAS FORTES

COMPRA DE COUPONS

COBRANÇA DE DOCUMENTOS NÃO COMERCIAIS, ENTRE LISBOA E PORTO

ACEITA DEPOSITOS NA SUA CAIXA ECONOMICA

Não se esqueça que em todas as mesas é servido o delicioso

CHÁ CELESTE

S. PEDRO DE SINTRA

O «Diario de Lisboa», vende-se na Casa Mourisca.

Boa ocasião para comprar barato

RAPOSAS—Grande remessa acabada de chegar, em Argentões, Azues, Platinadas e muitas outras, nacionais e estrangeiras.
Casacos, Boleros, Capas, Martas, Bichos em opossuns, Skunk's e outras peles para confecções.

PREÇOS FIM DE ESTAÇÃO

3 — RUA DA PALMA — 3-A — **Telef. 2 8157**
(Peleiros fabricantes) — Telef. 2 8157

Nos termos da ultima parte do artigo 30.º dos estatutos, convoco os Srs. Accionistas do Banco Pinto & Sotto Mayor a reunir em assembleia geral extraordinaria, na sua sede social, rua Aurea, n.º 30, 2.º, no dia 29 do corrente, pelas 15 horas, a-fim-de: 1.º—Discutir e votar a modificação e reforma dos estatutos, designadamente no seu capitulo III e respectivas secções, e no capitulo IV; 2.º—Preencher, por eleição, as vagas existentes nos corpos gerentes e mesa da assembeia geral. Lisboa, 3 de Abril de 1943. O Presidente da Mesa da Assembleia Geral.—Pela COMPANHIA DE SEGUROS «SAGRES», o Administrador-delegado, *Artur Brandão*.

Telefone 28778 — End. Teleg. ARFOTO

S. P. L. A. L.

Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, L.da

A única organização nacional especializada em trabalhos de fotogrametria

AVIAÇÃO PRÓPRIA

Os mais modernos aparelhos de restituição plana e estereofotogramétrica
Sócia das Sociedades Portuguesa, Francesa e Belga de Fotogrametria

Medalha de Ouro na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932
Medalha de Ouro na Grande Exposição Colonial do Pôrto de 1934

Escritórios e oficinas

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 61-63—LISBOA

Vinte e dois anos de jornalismo

(Continuação da 19.ª pagina)

vivacidade e justeza transmitiu todos os passos dessa viagem memoravel, reproduzindo os discursos notaveis do Chefe do Estado português; a viagem presidencial do general Carmona, em outubro de 1929, a Madrid, Sevilha e Barcelona, durante a qual igualmente o *Diario de Lisboa* marcou um assinalado êxito de jornalismo; as duas gloriosas viagens do actual Chefe do Estado, general Carmona, ás nossas possessões ultramarinas, nomeadamente a Angola (1938) e a Moçambique (1939), a recente viagem presidencial aos Açores, e ainda as viagens dos ministros das Colonias a Africa (Bebiano, Armindo Monteiro e Vieira Machado).

Acompanhou o *Diario de Lisboa* tambem, por um seu enviado especial, o «Periplo de Africa», realizado por alguns navios de guerra portugueses, e durante o qual o nosso redactor fez entrevistas e cronicas que tiveram grande relêvo.

No *Diario de Lisboa* assinalam-se, como das mais brilhantes de toda a Imprensa portuguesa, as reportagens da famosa viagem de avião de Gago Coutinho e Sacadura Cabral—essa «magnifica aventura» como a definiu, em artigo editorial, o nosso jornal, e como passou á Historia—; os heroicos aviadores haviam saido de Belem a 30 de março de 1922, chegando a Penedos a 19 de abril, recomecando depois viagem, para a qual foi destacado um nosso enviado especial, cujo primeiro telegrama foi transmitido de Fernando de Noronha ás 22 horas e 24 minutos de 8 de maio daquele ano.

Todos os grandes *raids* de aviação que se sucederam têm no *Diario de Lisboa* um arquivo fidedigno, tais, entre outras, as viagens Lisboa-Macau («Patria»), Lisboa-Guiné, Lisboa-Rio («Argos»), Lisboa-Palestina, Lisboa-Moçambique, Lisboa-Góa, Guiné-Angola e volta.

Os acontecimentos politicos

De 1921 á actualidade a politica portuguesa conheceu dias agitados e dias gloriosos; revoluções, golpes de Estado, exaltação patriotica, grandes momentos de ansiedade publica. O *Diario de Lisboa* correspondeu a essa ansiedade com um desinterêsse, um brio profissional e um espirito de sacrificio que podem ter sido igualados, mas excedidos, nunca.

A revolução de 19 de Outubro, a «noite tragica»—logo no ano em que surgiu o *Diario de Lisboa*—tiveram nas nossas paginas a mais sublinhada das reportagens. Multiplicaram-se os nossos redactores, como o fizeram - servindo o publico, sem deixarem de servir a causa da ordem publica—na altura do 18 de Abril, e a revolta do *Vasco da Gama*, para de outras agitações armadas não falarmos.

Veio depois o 28 de Maio. O *Diario de Lisboa* teve os seus enviados especiais em Braga, Porto, Sacavem e Amadora; essas reportagens ficaram na historia do jornalismo e da politica contemporanea, como depois (fevereiro de 1927) as revoluções de Lisboa e do Porto, e mais tarde a revolução da Madeira.

A politica, porém, não foi só feita de revoluções: todos os grandes acontecimentos, crises, incidentes, eleições e renuncias de chefes de Estado, foram por nós acompanhados *pari-passu* com a vivacidade e o realismo, a prudencia e, por vezes, os comentarios, que os factos e o estado do espirito publico justificavam.

O famoso emprestimo de 50 milhões de dolares - hipotese que tanto alarmou o espirito publico—foi objecto de largas reportagens e revelações. A acção dos altos comissarios Norton de Matos e Brito Camacho foi seguida neste jornal, que destacou mesmo um enviado especial á Madeira a esperar o primeiro daqueles estadistas, quando regressava.

No capitulo da administração colonial mereceram ao *Diario de Lisboa* uma atenção especialissima, objecto de artigos e entrevistas, as relações entre Moçambique e a União Sul-Africana, o chamado «condominio», os acordos politicos, e os nossos êxitos chegaram a ter projecção no Parlamento.

Do mesmo modo, este jornal se ocupou sempre, destacadamente, da situação financeira portuguesa: Em 19 de janeiro de 1924 o *Diario de Lisboa*, a toda a largura da primeira pagina, escrevia em titulo que justificava um artigo vibrante de fé:

«*A vida financeira portuguesa pode ser resolvida com os nossos proprios recursos*»—afirmação e profecia que vinha ainda longe da nobre atitude do general Ivens Ferraz, recusando dignamente em Genebra (agosto de 1928) um emprestimo da S. D. N., condicionado por «contrôle» o que deu origem a telegramas, noticias, informação e larga reportagem, ás quais o *Diario de Lisboa* não poupou, patrioticamente, o seu espaço e o seu esforço.

As grandes reportagens

Dos muitos acontecimentos que em certas epocas apaixonaram o espirito publico — não se descurou nesta casa um pormenor. O caso do Angola e Metropole (dezembro de 1925), e, no campo ainda policial de outra natureza, o crime que vitimou a actriz Maria Alves (abril de 1928), o caso das Irmãs Primaveras, o misterio Uceda, os crimes da rua 20 de Abril, o assassino do capitão Vaquinhas, para de outros não falarmos. Essas reportagens, não excedendo nunca os limites que vão dar á especulação, enchem colunas do *Diario de Lisboa*.

Queremos anotar ainda as reportagens dos julgamentos politicos sensacionais, nomeadamente os dos implicados no 19 de Outubro e no 18 de Abril, e, noutro aspecto, o julgamento do Angola e Metropole, acontecimentos relatados sempre com justeza e com ponderação, que não excluia vivacidade e interesse sugestivo de leitura. Os julgamentos de crimes com cenas sensacionais (de Augusto Gomes, por exemplo), ficaram arquivados no *Diario de Lisboa* como paginas de jornalismo profissional.

Três outras reportagens assinaladas ainda relembramos, entre dezenas que não nos ocorrem: a «batalha» entre a Policia e os jovens comunistas da «Legião Vermelha», nos Olivais, na manhã de 28 de maio de 1924, a da saida da prata, certa madrugada, da Casa da Moeda para a Inglaterra, a da chegada dos restos mortais a Lisboa de D. Afonso de Bragança, D. Manuel II, Cardial D. José Neto, a da revolta dos aviadores na Amadora contra o ministro da Guerra, e que terminou pela prisão colectiva, realizada pelo general Bernardo de Faria (junho de 1924), da chegada a Lisboa de Teixeira Gomes, vindo de Inglaterra assumir a presidencia da Republica, a das manifestações nacionais, ante o Chefe actual do Govêrno, no Terreiro do Paço e em S. Bento.

Jornal para todos

Nenhum jornal, como o *Diario de Lisboa*—mercê da sua indole especial, que lhe permite dar guarida a todas as opiniões—debateu os assuntos monarquicos e os que se ligavam á questão dinastica e factos de familia. Para certos esclarecimentos e apuramento de factos ha-de, no futuro, recorrer-se muitas vezes, ao *Diario de Lisboa*.

Os desportos, sobretudo na modalidade popular preferida, têm no nosso ornal centenas de reportagens de enviados especiais ao estrangeiro, em varias epocas, e que se cercavam de linhas directas. Reputamos um serviço, tantas vezes sacrificado, prestado a toda a causa do desporto português. No capitulo de tauromaquia—tanto da predilecção do publico, e tão tradicional—não são menos de sublinhar artigos, reportagens, notas e quadros pitorescos; lembramos que já em 1921 iniciámos um inquerito sobre touros de morte.

Correspondendo ao seu titulo, o *Diario de Lisboa* tem dado á cidade, ao seu passado e presente, á sua acção municipal e cultural, o mais fervoroso dos estimulos. Já em 1922 defendiamos a reintegração do Castelo de S. Jorge, e protestavamos contra uma iniciativa que pretendia lá instalar um Casino! Colecções de artigos, relativos á historia e ao pitoresco de Lisboa, centenas [illegible] ou eruditos, enchem as paginas do *Diario de Lisboa*, que a todas as vereações deu sempre assistencia, e colaboração, mesmo quando discorda.

As nossas iniciativas

As inciativas privadas do *Diario de Lisboa* foram todas coroadas de exito, e algumas tomaram aspectos de sucesso retumbante, interessando a cidade em peso.

O soldado «Milhões» foi revelado pelo *Diario de Lisboa*, por inspiração do bravo oficial Ferreira do Amaral: o nosso jornal fez concentrar sobre ele a atenção do pais, levou-o á Batalha, numa romagem oficial, e ao Porto.

As Festas dos Mercados, em outubro de 1925, com a eleição da rainha e as festas populares, alcançaram um brilho invulgar; a elas se ligaram artistas, escritores, academicos, poetas, municipalistas, de entre os quais queremos citar três nomes: Leite de Vasconcelos, Columbano, Roque Gameiro. Foi por ocasião dessas festas que se fez a primeira reintegração historico-pitoresca em Lisboa: o mercado seiscentista no largo de S. Domingos.

O Concurso das Quadras Populares de S. João (1927), o Concurso das Costureiras, no Estoril, a Semana dos Artistas (1928), que animou todo o centro da cidade, o Concurso do Vinho e da Uva, a Festa dos Ardinas, no Estoril, foram, de entre muitas outras, iniciativas do nosso jornal, que obtiveram largo exito publico.

E sobre o aspecto cultural relembram-se os artigos da serie «Como se trabalha em Lisboa», alguns dos quais passaram a compendios de ensino secundario, e deram ao nosso jornal, durante quatro meses, um interêsse economico e tecnico profissional invulgar.

* * *

Omitindo as efemerides luctuosas sobre as quais o nosso coração vibra de saudade por alguns que ficaram pelo caminho — três efemerides queremos relembrar no fecho deste artigo: a data da instalação dos serviços do nosso jornal nos edificios da rua Luz Soriano: 3 de novembro de 1921; o primeiro dia em que o jornal se começou a publicar, regularmente, ao domingo: 29 de novembro de 1931, e seis dias durante os quais, não por efeito de greve mas por ordens superiores, o «Diario de Lisboa» esteve impedido de circular: 18 a 24 de abril de 1925.

Um fenomeno de erosão na vila do Chinde

(Continuação da 19.ª pagina)

so, a não ter quem o oriente nos primeiros passos.

Ao longe, começa a delinear-se uma barreira verde escura que parece fechar o curso do rio. São as serranias da Lupata, maciço poderoso de escarpas abruptas e penedos caóticos.

O rio estreita ao pentrar na garganta; a velocidade aumenta, tornando por vezes o avanço do barco impossivel. A agua torvelinha, escuma, escabuja; rasga-se de encontro ás rochas que se erguem do fundo em pontas aguçadas. Os imbondeiros gigantes debruçam-se alcandorados em alcantis vertiginosos que mergulham a prumo nas aguas torturadas. O rio tem de passar, a estrada é estreita, precisa de ganhar em velocidade o que lhe falta em espaço, e corre, torce-se, borbulha em olhos de agua grandiosos que impressionam quem, pela primeira vez, os cobre com a chapa-quilha de um pequeno vapor fluvial. E os picos, os cabeços cobertos de vegetação escura, dominam sempre um trajecto de varias horas que, a um capricho da corrente na cheia, se podem converter em dias de espera enervante, quasi angustiosa, amarrado o barco com fortes cabos ao arvoredo da margem.

Galgado o canal entre a ilhota de Moçambique e a alterosa escarpa da margem direita, o rio alarga-se, torna-se mais docil e a navegação volta a ser facil. Chegamos, finalmente, a Tete, após dez ou doze dias de navegação. E agora já não é a riqueza do solo que espanta; é a do subsolo:

No Moatize, a vinte quilometros a jusante de Tete, a hulha aparece como inesgotavel. Uma sociedade mineira a explora. Infelizmente o numero de toneladas aproveitado, cerca de nove mil anualmente, é diminuto em face das possibilidades por falta de mercados, e o carvão extraido ergue-se em montanhas negras e brilhantes. Proximo existe ferro em grandes quantidades, minerio rico, talvez rico em demasia, pois certos metais raros aparecem conjuntamente. O cobre abunda e o oiro não falta: alguns o exploram em pequena escala noutros pontos do distrito.

A montante de Tete uma missão catolica interessante. Beroma, entregue aos padres jesuitas e situada no alto duma colina. A igreja grande, em alvenaria, possue pinturas e vitrais dum belo colorido. A colonização portuguesa não esquece a questão espiritual e ainda nas margens do Zambeze, na Chupanga, entre Marromeu e Vila Fontes, outra bela missão, esta dirigida por sacerdotes franciscanos, envolve com a sua luz espiritual uma vasta zona de Manica e Sofala. E os pequenos indigenas são ali iniciados na fé cristã, que lhes esclarece as almas, e ensinados a ganhar o pão de cada dia já como artifices, já como auxiliares de escritorio.

Para saida dos seus produtos tem a Zambezia três portos principais: Beira na Provincia de Manica e Sofala, Quelimane, capital da Provincia, e a Vila do Chinde, no foz do braço do delta que tem o mesmo nome. A Beira é um porto magnificamente apetrechado, apresentando, porém, um inconveniente para a Zambezia. O transporte dos produtos tem de ser feito no respeitante á Baixa Zambezia, primeiro por via fluvial e depois por caminho de ferro, o que, supondo-se tarifas normais e não convencionadas por qualquer razão, onera bastante o frete. Quelimane, capital da Provincia e uma bonita vila, é a saida natural dos produtos das vastas zonas que vão do litoral á fronteira, onde marcam pela sua importancia os magnificos palmares da zona litoral e as ricas plantações de chá do Gurué e Milange, concessões das Companhias da Zambezia, Boor e Madal, e de outros agricultores.

O Chinde é o porto que convém á Baixa Zambezia para sul do Lindo no relativo ás produções agricolas e a todo o produto mesmo mineiro que não suporte as altas tarifas ferroviarias, uma vez que o transporte fluvial é, sem duvida, o mais economico.

Infelizmente, a ponta de areia onde assenta a laboriosa e interessante vila, é vitima dum fenomeno de erosão maritima e fluvial que sucessiva e continuamente lhe subtrai parcela após parcela de terreno. A sua simpatica população vê com intenso desgosto as habitações, as ruas, serem engolidas pelo oceano e pelo rio, umas após outras. As entidades dirigentes vão socorrendo a vila do Chinde na medida do possivel, e já uma missão de engenheiros foi enviada para, «in loco», estudar o assunto. As autoridades locais defendem o terreno palmo a palmo numa luta tenaz, mas o fenomeno vai vencendo, porque os meios que poderiam de facto detê-lo são muito dispendiosos e estão, por isso, fora da sua alcada. A importancia economica presente do porto e ainda mais a futura, justifica, porém, a esperança de que o Chinde não será esquecido e, quem sabe (?), na hipotese de já ser dificil manter a vila na sua actual situação, talvez uma Vila Nova de Chinde surja, a salvo das aguas, alguns quilometros mais longe, a atestar mais uma vez o esforço colonizador dos portugueses.

FREDERICO CRUZ
Primeiro tenente.

PAPELARIA CARLOS

Especializada em livros para escrituração

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Artigos de fantasia — Canetas com tinta — Lapiseiras — «Carnets» — Carteiras — Pastas — Albuns para fotos — Tinteiros — Papeleiras — Facas para papel, etc., etc.

Rua Aurea, 34-38 — LISBOA — Telef. 2 0244

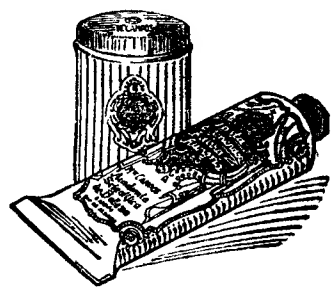
TANK

O ENXUGADOR IDEAL PARA ESCRITA

Pratico, elegante e, sobretudo,

ECONÓMICO

EXIJA NO SEU FORNECEDOR



2 produtos indispensáveis à Beleza da sua pele:

Creme e Pasta de Amendoas

Rainha da Hungria

São produtos M.me Campos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Avenida da Liberdade, 35 - LISBOA

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril — Caminho de Ferro.

O NOVO CAMINHO

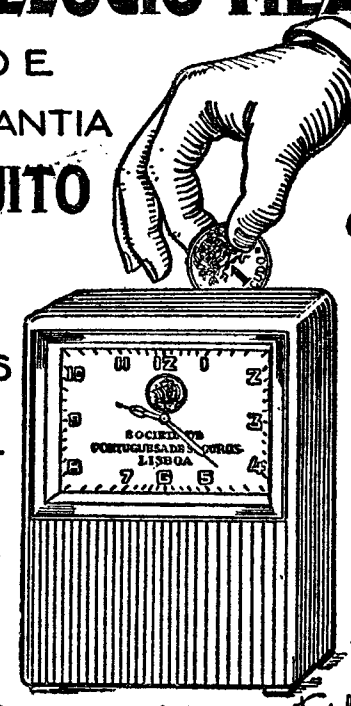
ESTE RELOGIO MEALHEIRO

BONITO E COM GARANTIA

É GRATUITO

PARA OS NOSSOS SEGURADOS

PEDIR ESCLARECIMENTOS AOS NOSSOS REPRESENTANTES EM TODO O PAIS.



Para lhe dar corda é necessario que diariamente V. Ex.ª deite uma ou mais moedas no seu mealheiro. São estas moedas que V. Ex.ª junta quasi sem dar por isso, que lhe proporcionarão o pagamento do premio do seu seguro de vida, o qual lhe garante um capital para que a sua velhice seja socegada ou em caso de morte, assegurar o futuro da sua familia.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS

RUA DA MADALENA 36

TELEFONE 21091

PRIMAX-RECLAME LISBOA, Tel. 22772

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Extracções Semanais

1.º PREMIO..... 400.000$00

Extracção de Santo António

A 12 de Junho

1.º PREMIO.... 3.500.000$00

Os lucros liquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública nos têrmos da legislação em vigor.

RENASCENÇA GRAFICA

S. A. R. L.

Relatorio do Conselho de Administração, Contas e Parecer do Conselho Fiscal. Exercicio de 1942

Ill.mos Senhores Accionistas:

Temos a honra de submeter á criteriosa apreciação de V. Ex.as o Balanço e Contas do exercicio de 1942.

Procurámos, dentro das possibilidades, fazer as maiores economias, e foram essas medidas que nos permitiram atingir o fim do exercicio com saldo positivo. Os preços de todos os artigos indispensaveis á nossa industria têm sido sensivelmante agravados, em relação aos anos anteriores, e outras razões houve para avolumar o custo das nossas edições.

O publico tem-nos continuado a dispensar bom acolhimento e, da nossa parte, não nos pouparemos a esforços para merecer-lhe a preferencia com que nos tem distinguido.

Propômos:

Que ao saldo da conta de Ganhos e Perdas seja dada a aplicação prevista pelos nossos estatutos;

que ao Conselho Fiscal seja testemunhado o nosso reconhecimento pela assistencia e cooperação dispensada;

que fiquem registados os nossos agradecimentos a todos os que têm trabalhado para o engrandecimento e prosperidade da nossa Empresa, sem excluir os colaboradores, agentes, correspondentes e vendedores.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1942.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
(aa) *Dr. Joaquim Manso*
Alfredo Vieira Pinto
Dr. Guilherme Pereira da Rosa

BALANÇO GERAL DE 1942

	ACTIVO	PASSIVO
Acessorios e tipo	20.153$31	
Armazens gerais	142.099$26	
Caixa	56.254$09	
Capital		200.000$00
Cobranças duvidosas ...	15.079$33	
Depositos em Bancos ...	39.680$92	
Devedores e credores ...	208.724$79	102.655$46
Edificios e propriedades ...	35.218$40	
Encargos a liquidar ...		172.178$95
Fundo de reserva ...		30.259$13
Fundo para aquisição de acções		50.187$98
Letras a receber	15.000$00	
Maquinas	287.648$00	
Moveis e utensilios	23.057$85	
Reserva para cobranças duvidosas		15.079$33
Reserva para renovação de material e maquinas		297.249$02
Valores á cobrança ...	144.189$46	
Ganhos e perdas		19.494$64
	987.105$41	987.105$41

O Guarda-Livros
(a) *M. da Silva Pereira*

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
(aa) *Dr. Joaquim Manso*
Alfredo Vieira Pinto
Dr. Guilherme Pereira da Rosa

GANHOS E PERDAS

EDIÇÕES		
Saldo da conta de exploração das edições	323.736$03	
JUROS E DESCONTOS		
Saldo desta conta ...	4.565$61	328.251$66
GASTOS GERAIS		
Ordenados, Contribuições, Licenças, Seguros, Obras, etc.	297.096$48	
GANHOS E PERDAS		
Parte incobravel dum deposito	11.760$54	308.857$02
Saldo desta conta		19.494$64

Lisboa, 31 de Dezembro de 1942.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Ill.mos Senhores Accionistas:

Acompanhámos, como nos cumpria, toda a actividade da Empresa, no decorrer do exercicio findo, e tivemos ocasião de constatar o interesse, carinho e sacrificio desenvolvidos pelo nosso Conselho de Administração, no sentido de melhorar as nossas edições, mantendo o equilibrio da situação financeira, a-pesar do agravamento de preços das materias primas e outros encargos.

Em face dos factos que constatamos e que o Balanço traduz em numeros, somos de parecer:

Que aprovеis o Relatorio e Contas, bem assim as propostas apresentadas pelo Conselho de Administração;

Que seja dado justo testemunho com um louvor ao Conselho de Administração pela muita competencia, zelo e dedicação como tem gerido e orientado a nossa Empresa.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1942.

O CONSELHO FISCAL
(aa) *Dr. João de Barros*
Camilo Farinhas
Dr. Manuel Barbosa

O PROBLEMA dos cegos

(Continuação da página central)

que lhes causa o transtorno que se pode imaginar.

Naturalmente a miseria...

Sem duvida, pois a Associação não possue fundos bastantes para lhes valer, como eles precisam.

—Os grupos que tocam nas ruas, fazendo-se acompanhar sempre dum visual, têm de depositar nela a maxima confiança, certamente...

Pensa-se em obter uma caixa fechada, onde se deitem os cheles e com o letreiro «Associação Luiz Braille».

— De quem partiu essa ideia?

— Daqui, de nós. E na Camara Municipal abordou-se outro dia o assunto.

— Este edificio satisfaz as condições necessarias á execução dos vossos projectos?

— Evidentemente que não. Estamos deficientemente instalados. E carecemos tambem de um piano capaz.

—Tencionam estender a vossa protecção ás familias dos cegos?

— Entre outros, há um plano da criação de uma escola para os filhos dos socios.

—Todos podem pertencer a esta associação?

— De principio, só os que passavam por escolas. Agora já não são só esses. E foi isso, por sinal, que veio complicar a organização da associação.

—Quanto paga cada socio?

—Com profissão, cada um paga um escudo e cinquenta centavos, sem profissão paga um escudo.

—Contam muitas protecções?

— Temos algumas. Principalmente no comercio. Depois, tambem cedemos a sala para bailes, e isso sempre nos dá lucro. Damos tambem concertos com o auxilio dos gremios.

—No estrangeiro há muitos cegos massagistas?

—No Japão, por exemplo, as massagens são exclusivas deles.

Mas eles podem, decerto, executar outros trabalhos.

— Sem sombras de duvida! Olhe, por exemplo, alguns livros que aqui possuimos, foram encadernados por cegos. Há tambem, ca, alguns telefonistas. Na Alemanha, realizou-se um concurso de taquigrafos, que de 144 concorrentes 12 cegos foram os primeiros classificados. Em Inglaterra, na Suecia, na America, na Italia, tem-se igualmente dado ao seu trabalho o maior desenvolvimento.

Preguntamos ao sr. Joaquim Guerrinha se possue estudos musicais. Responde-nos que fez o curso do Conservatorio, foi discipulo de Varela e tem dado já concertos na Madeira. Antes da guerra preparava-se para ir ás Canarias, por intermedio do Rotario Club.

Porque não se ha de, tambem em Portugal, pensar no ganha-pão dos cegos?

As dificuldades de existencia dos visuais redobraram e muito mais as daqueles. E' justo e humanitario que se ocupem da sua sorte, com vontade firme de lhes abrir caminhos mais amplos para a sua actividade.

OFICINAS
de Encadernação, Pautação e Dourador

Raul Augusto da Fonseca

Executam-se trabalhos simples e de Luxo — Livros em Branco para o comercio

CASA FUNDADA EM 1918

Rua Luz Soriano, 68 — LISBOA

Orçamentos gratis

CASA VIUVA FERREIRA

Com 100 anos de existencia

Calçada do Combro, 20 — LISBOA

Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojoaria, Aparelhos de precisão, Grafonolas, etc., etc.

O PASSADO E O PRESENTE

Está a restaurar-se

a igreja das freiras do Rato

que vai ficar independente do edificio da Direcção Geral da Assistencia Publica

A fachada do corpo central do edificio da Direcção Geral da Assistencia Publica

Aquele grande casarão, que foi Provedoria e é a Direcção Geral da Assistencia Publica, ali ao Rato...

Mas não custa nada voltar atrás. Ha particularidades que não devem ficar esquecidas nos livros eruditos ou na memoria dos olisipografos.

Aquele grande edificio a poente da Praça do Brasil — era o convento das freiras trinitarias, cuja igreja privativa tinha a invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Fundara-o um homem chamado Manuel Gomes de Elvas, que se deixou morrer em 1621, mas só muito depois da sua morte o edificio começou a sair, em pedra e forma, pelo risco de Baltazar Alvares (o que traçara o Convento de S. Bento—actual Palacio da Assembleia) da rural campina de Campolide, arrastando-se a obra de 1635 a 1670 e tantos—de cór não temos—em que as freiras para o convento tivessem entrado, havendo até, em 1704, ele servido a hospital de soldados ingleses.

O segundo padroeiro do convento foi um descendente, por linha colateral, do fundador, e chamava-se Luiz Gomes de Sá e Meneses, por alcunha o «Rato», e foi êsse fidalgo quem, em 1657 (julgamos) conseguiu que a obra andasse para diante, depois de muitas trapalhadas e litigios. Quem tudo isto esclareceu, ha anos, foi o nosso colega ilustre que se chama Matos Sequeira e que completou mestre Julio Castilho nas duvidas deste.

Em resumo: o convento era «do Rato» porque um seu padroeiro tinha aquela alcunha, e aquele sitio da vasta area de Campolide passou a ser Rato por extensão e derivação do convento. Ninguem lhe chama Praça do Brasil.

As religiosas trinitarias só entraram, e logo em clausura, no ano de 1721, tempo do prelado D. Tomás de Almeida, e durante mais de um seculo foram donas do convento, onde por tal sinal, durante certo periodo, praticaram escandalos que irritaram as autoridades eclesiasticas, havendo mesmo uma madre, Teresa Maria de S. José, sido entregue á Inquisição, açoutada nas ruas, condenada a carcere e a degredo, pelo Santo Oficio em auto de fé (1732); parece que morreu em S. Tomé.

Mas houve muitas religiosas de bem e de boas familias no Convento do Rato, cuja igreja —e aqui está o fulcro da apressada noticia— teve aura em Lisboa. No convento esteve presa a duquesa de Aveiro, depois do suplicio do marido, e a servir... de criada. Em 1834 foram extintos os conventos, mas os de religiosas continuaram até á morte da ultima freira. Em 1868 havia só duas. A ultima, D. Ana Margarida Pinto, em religião Soror Ana do Santissimo Coração de Jesus, morreu em 1874, com cem anos menos alguns meses, sem que ninguem lhe rezasse um «padre nosso». E o Estado tomou conta do casarão do Rato.

Foi para ali, depois, um colegio de rapazes, dirigido por um padre. Havia sido fundado em 1858 na calçada de Santo Amaro um asilo de Nossa Senhora da Conceição. Lembraram-se os provedores de que o edificio do Rato podia servir para o asilo, e de 1881 a 1885 fizeram-se nele obras de adaptação.

O corpo central da fachada foi alterado, da sua simplicidade rasa, para o que hoje está. Puseram varandas nas janelas, que foram modificadas e coroadas de oticos, e adornou-se êsse corpo central de um frontão triangular. A Igreja continuou durante tempos a ter culto. Foi o arquitecto Luiz Caetano Pedro de Avila quem traçou a obra. A portaria do convento, do asilo, e depois da Assistencia, foi convertida em sala de espera, e á direita fez-se uma pomposa escada para uma sala que se sobrepôs á tal portaria ou atrio, do qual desapareceram capelas ou altares que nela havia.

Veio a Republica. Instalou-se lá a Provedoria Central da Assistencia (dr. Aurelio da Costa Ferreira, logo Luiz Filipe da Mata, dr. Francisco Stromp, dr. Cassiano Neves, etc.) até á extinção, em 1926, sendo criada a Direcção Geral da Assistencia Publica.

A igreja foi convertida em deposito de materiais, e depois em refeitorio do Asilo José Estevão, nome que em 1914 tomou o Asilo de N. Senhora da Conceição (que já voltou a êste nome). Tambem em 1914 foi vendido tudo—e de que maneira!—talhas, capelas, altares, imagens, alfaias, quadros de arte, etc. A igreja, cuja porta abre do atrio, ou actual sala de espera da Direcção Geral, corre no sentido poente-nascente. Ora a noticia é como segue.

* * *

Em 1937-1938, a fachada do corpo central que caia sôbre o antigo «Jogo da Pela» das freiras, ou ante-patio, no qual aí por 1760 e tal se construiram uns curiosos prediozitos e se fazia praça de tipoias, onde existia uma estalagem e a «taverna do cantinho»—a fachada, dizemos, foi guarnecida de uma cortina, deselegante por sinal, para acompanhar o desnivel imposto pela urbanização da nova Praça do Brasil, depois da demolição das tais casas setecentistas.

E desde o fim do ano passado estão a fazer-se grandes obras no antigo edificio do asilo e da assistencia. A igreja está a ser limpa e reconstruida nas paredes e teto, rebaixado ainda ao jeito apainelado, e que foi do pintor de assinatura (José Antonio Bochecha). Está tudo branco e nu.

A igreja vai ser revestida—como e por quem, não sabemos ao certo—e a porta principal e atrio ficarão privativas da igreja, que volta á a ter culto. A porta do átrio para a escadaria desaparece, e para acesso ao edificio da Direcção Geral da Assistencia abrir-se-á dentro de semanas um portal e uma escadaria nova.

Isto é: a igreja das freiras trinas—mas sem coisa alguma do seu tempo—irá reabrir, independente da Assistencia, isolada dos clientes e frequentadores dêste importante departamento do Ministerio do Interior. Lá estão os vãos das seis capelas laterais, das capelas dos topos, da capela-mór com seus vãos de belas capelas que teve. Lá está um envidraçado que substitue a grade do côro das freiras. Está a ossatura do templo.

Sua Eminencia o Prelado de Lisboa vai ter dificuldade em guarnecer as paredes. Ficará uma igrejinha nova, sem arte, sem historia, sem sabor antigo, sem caracter proprio.

Mas, emfim: a casa volta ao seu destino de 1721 a 1874, pelo menos. E nós damos hoje a noticia.

TEMAS LITERARIOS

Eugène O'Neill

dramaturgo da consciencia americana

Quando há cêrca de dois anos assinalei aos portugueses no meu opúsculo «A America através da sua literatura», a personalidade notavel de Eugene O'Neill, estava longe de esperar que tão pouco tempo decorrido uma das suas obras, e talvez mais significativa, seria apresentada ao grande publico numa realização perfeita, capaz de deixar no espirito inesquecivel emoção.

Tal facto deve-se, porém, é justiça dizê-lo antes de mais nada, ao alto nivel artistico que a obra dramatica de O'Neill consegue atingir, nitidamente o diferenciando da massa dos seus compatriotas e mesmo da maioria dos seus confrades, quasi sempre excelentes escritores americanos mas raramente universais.

A America tem, com efeito, exportado em demasia os seus piores expoentes de civilização espiritual, o que na verdade prejudica mais o seu prestigio do que a sua propria propaganda.

Com efeito, a fisionomia que sempre imaginamos para o americano é a do homem de negocios apressados, por vezes brutal e sempre empenhado em gigantescas especulações para dar ao seu país o predominio indiscutivel em que goza no mundo do capitalismo.

As emoções, desapontamentos e prazeres do americano são na verdade ignorados da maioria dos europeus, que apenas superficialmente os encontram em filmes comerciais feitos especialmente para uso interno e acidentalmente exportados de mistura com automoveis, maquinas de escrever e uma infinidade de outras manufacturas.

As angustias do cidadão da grande Republica, do homem da rua da gigantesca colmeia, são, porém, a preocupação quasi exclusiva dos modernos escritores americanos e especialmente dos dramaturgos.

Não encontramos, de facto, nos modernos escritores americanos de hoje aquela sensibilidade romantica que ainda conseguimos vislumbrar nos europeus, deficiencias que muitas vezes destroi como a humidade os materiais mais sólidos. O elemento cru, vital, a propria carne ressalta das paginas dessa pleiade de escritores que fazem o prestigio da America literaria contemporanea, retratando como num espelho o vigor da sua vida social dinamica e complexa.

Com vivida complexidade, admiravel penetração intelectual e profundo conhecimento do homem e da sociedade contemporanea, Eugene O'Neill possue tambem as qualidades que são comuns aos outros escritores americanos de hoje.

A sua obra demonstra, de facto, lucida investigação do verdadeiro ambiente em que deve decorrer a acção, ao passo que revela a subtileza das suas preocupações psicologicas claramente apresentadas em admiraveis sinteses.

Nascido em 1888, Eugene Gladstone O'Neill, filho de um apreciado actor, James O'Neill, deveu a sua formação ao professor J. B. Baker, da Universidade de Harvard.

Cêdo encontrou a sua vocação começando por dirigir o teatro de Princetown; em 1919 escreveu a sua primeira peça, «The Moon of the Caribbees», fazendo desde então representar quasi e anualmente um original da sua autoria.

Entre as suas obras de maior projecção e significado, devem citar-se: *Beyond the Horizon* (1919); *Emperor Jones*, *Diff'rent* (1921); *Anna Cristie* (1922); *The First Man*, *The Hairy Ape* (1922); *The Fontain*, (1923); *All god's Chillans's got wings* (1924); *Desire under the Elms* (1924); *Marco Millions* (1924); *The Great god bronw* (1925); *Lazarus Laughed* (1926); *The Strange interlude* (1927); *Dynamo* (1927); *e a triologia Mouring becames Electra* (1931).

Em 1936 foi-lhe justamente atribuido o premio Nobel de Literatura. Na sua obra, onde se demonstra quanto a imaginação americana sofreu com a renovação operada na vida dos Estados Unidos depois da crise economica de 1929, esculpindo a nova mentalidade do povo, encontra-se a propria essencia duma literatura superior e independente.

Alan D. Mickle, no seu livro «Studies on six pays of Eugene O'Neill», apresenta-o, e com razão, como o mais significativo e o mais importante dos dramaturgos da nossa época.

Pela sua obra, que é já hoje imortal, pelo inesgotavel valor psicologico da sua mensagem, que ultrapassa o sentir contemporaneo e adivinha o futuro, pode dizer-se sem exagero que O'Neill é hoje—como Shakespeare o foi no seu tempo para a Inglaterra—a viva consciencia do seu país.

ALVES DE AZEVEDO

Publicações

Boletim do Instituto Nacional de Educação Fisica

Foi agora publicado mais um numero do magnifico boletim do Instituto Nacional de Educação Fisica, do que é director o major dr. Leal de Oliveira e redactores os srs. drs. Arsenio Cordeiro e Manuel Rocha.

Embora se trate duma revista referente a assuntos de educação fisica, a forma como estes são tratados, com grande competencia e ao mesmo tempo com clareza, tornam a leitura do boletim atraente, não só para os tecnicos como para toda a gente. De resto, os trabalhos deste genero são raros entre nós. Pode mesmo afirmar-se que o boletim não tem similar em Portugal, honrando o Instituto Nacional de que é orgão, e reflectindo a boa orientação daquela alta escola.

A parte mais rica inserta no relatorio respeita a gimnastica nos seus variados aspectos e fases. Propriamente, quanto a desporto, nada se diz mesmo sob o ponto de vista didactico. Alguns artigos são interessantissimos, revelando da parte dos seus autores, professores de educação fisica, autoridade tecnica.

Em resumo, uma publicação que merece ser lida por todos os estudiosos de educação fisica.

«O Mundo Português»

Entrou no seu 10.º ano de publicação a revista «O Mundo Português», dirigida por Augusto Cunha. Os dois ultimos numeros publicados, o 109.º e o 110.º, trazem ainda valiosa documentação sobre a viagem do sr. ministro das Colonias ás terras portuguesas em Africa e interessante colaboração literaria e artistica, assinada por nomes de merecimento.

«Lusitas»

A Mocidade Portuguesa Feminina iniciou a publicação dum mensario infantil, «Lusitas», de que é directora a sr.ª D. Maria Teresa de Andrade Santos.

Profusamente ilustrado a côres, o simpatico jornalzinho propõe-se fazer rir as crianças, educando-as ao mesmo tempo com historias morais, charadas e curiosidades.

«O Volante»

Saiu o n.º 536 de «O Volante», jornal de automobilismo, que publica um numero cheio de interesse tecnico, principalmente sobre o caso dos gasogenios. Entre outros assuntos, destaca-se uma entrevista sobre os combustiveis para gasogenios. A partir do mês de abril «O Volante» sairá apenas a 15 de cada mês.

«Policia Portuguesa»

Saiu mais um numero da revista «Policia Portuguesa», que tem como director o sr. major Miguel Bacelar e chefe da redacção o sr. tenente Silva Pais, a qual traz variada e escolhida colaboração entre a qual dos srs. coronel Carreira, M. Brandeiro, Albino Lapa, major Pinto Ribeiro, tenente Silva Pais, Antonio do Carmo Barradas, tenente Armando Ribeiro, etc.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 2.—A Camara Municipal dêste concelho deliberou proceder ao estudo de varias obras que constam do seu programa de realizações do proximo ano, a-fim-de organizar os respectivos processos e estes serem enviados a quem de direito para habilitar esta Camara a comparticipações do Estado.

—Por ordem da Junta Nacional dos Produtos Pecuarios, a carne de vaca, neste concelho, a partir de 29 de março está a vender-se aos seguintes preços: lombo, quilo 14$00, carne de 1.ª sem osso, lingua e rim limpo, quilo 12$40, carne de 2.ª com osso, quilo 7$80, carne de 3.ª com osso, quilo 6$40, sêbo, quilo 5$00 e ossos, quilo 1$50.

MURTOSA, 3.—Tomou hoje posse do cargo de vice-presidente da Camara Municipal deste concelho o sr. Henrique Afonso de Oliveira Valente, posse que foi conferida pelo presidente, sr. dr. Apolinário da Silva Portugal, como delegado do sr. governador civil de Aveiro.

Assistiram o presidente da União Nacional concelhia, vereação, Juntas de Freguesia, funcionalismo publico e inumeros amigos do empossado.

Usaram da palavra os presidentes da Camara e da União Nacional, que exaltaram as qualidades do sr. Henrique Valente, que agradeceu e prometeu fazer o possivel por desempenhar bem as funções em que foi investido.

Henrique Valente, marinheiro de lá e grande bairrista, desde há muito que vem dedicando ao concelho uma grande parte do seu esforço, tendo já ocupado os cargos de presidente da Junta de Freguesia, vereador da Camara, vogal da Junta de Turismo da Torreira, etc.

Philips Portuguesa

Cooperativa dos empregados

Sob a presidencia do sr. Adolfo Martins, secretariado pelos srs. Luiz Araujo e Francisco Homem Santos, reuniu-se o pessoal da Philips, de Lisboa. Assistiram á reunião os srs. Wolfensperger e Berling, respectivamente administrador-delegado e gerente daquela empresa.

Foi resolvida a criação da cooperativa, lidos e aprovados os respectivos estatutos e eleitos os seus corpos gerentes. A eleição deu o seguinte resultado:

Assembleia geral—Presidente, Adolfo Martins; 1.º secretario, Alberto Peres Ramos; 2.º secretario, David Perelbi Levy.

Direcção—Ingenio da Cunha e Horta; Adelino Rodrigues Tiago, dr. Mario Gonçalves de Castro, Antonio Gasparinho, Raul Ribeiro e Henrique Cruz.

Conselho fiscal—Dom[illegible]

SERVINDO A ECONOMIA NACIONAL

Produtos e materiais

necessarios ao país

A acção da antiga firma

Marmores de Sousa Baptista, Limitada

A TEMPESTADE que hoje assola grande parte do mundo—e de que, felizmente, nós estamos afastados—veio dar maior objectividade á renovação do espirito português na descoberta dos nossos valores, em todos os sectores da vida nacional.

De ha uns tempos a esta parte, tem tomado maior peso no nosso espirito o real valor dos nossos produtos e fabricas, bem como a fertilidade do nosso solo. Hoje, mais do que nunca, as nossas possibilidades industriais se afirmam, manifestam e impõem.

Em muitos exemplos poderiamos exemplificar as nossas palavras. Produtos de origem portuguesa sofrem os maiores confrontos com os seus similares de além-fronteiras sem o menor desdouro ou inferioridade.

Concretizando melhor o que afirmamos, sejanos licito escolher um dos mais eloquentes indices do valor do nosso solo e da nossa industria. Falamos dos marmores. Como não é desconhecido por ninguem que de facto se interesse pela sua terra, os marmores portugueses, após longo compasso de espera, venceram e conseguiram impôr-se aos olhos de todos.

Nas mais diferentes utilidades têm provado como os melhores que, antigamente, nos eram enviados de fora.

Entre as varias firmas que a tal industria se dedicam, destaca-se, naturalmente, como uma das principais, a conceituadissima e antiga casa de «Marmores de Sousa Baptista, Limitada», um nome que, pela sua expansão e prestigio, pelo apurado da sua serragem, pelo valor da sua exportação, detem, galhardamente, lugar de merecido destaque.

São celebres em todo o país, e em muitas capitais do estrangeiro, os marmores desta firma. As suas importantes pedreiras da Pedra Furada, Pero Pinheiro, Negrais, Fervença, Lameiras e Vila Viçosa fornecem excelentes materias primas que, na sua serração e oficinas da avenida Gomes Pereira (Benfica) e brevemente em Pedra Furada, são cuidadosamente serradas e polidas, prontas a fornecer qualquer pedido, com a convicção plena de que bem servem e cumprem.

Cantarias e marmores polidos de todas as qualidades e para os mais diversos fins encontram-se espalhados por toda a parte, provando a excelencia do fabrico e serração da conhecida e famosa firma.

São bem conhecidas as suas casas de banho completas, os seus artigos de «ménage» e a sua tubagem de cimento para agua.

E' tal a confiança e o desejo de bem servir o publico que a prestigiosa empresa faz orçamentos e projectos absolutamente gratis e mantém preços baixissimos, que só são possiveis devido ao enorme movimento que tem, dimanado de Lisboa e de todo o país.

Estamos em face, na verdade, duma notavel realização industrial e comercial. Criteriosamente dirigida, possuindo um seleccionadissimo grupo de tecnicos e operarios especializados, a sua serraria mecanica, admiravelmente montada, com todos os requisitos modernos, é o reflexo claro e imutavel do seu grande valor.

E esse valor, como é natural, além de afirmar uma vez mais as nossas possibilidades de produtos de marmores e, mais ainda, seu exportador—vai reflectir-se, imediatamente, na nossa *balança economica*.

O prestigio dum país depende, em larga escala, das suas forças vitais, e, entre elas, da industria.

No progressivo e franco desenvolvimento da industria nacional toma o seu lugar na primeira fila, o marmore português, representado pelo lidimo exemplo que é a firma Marmores de Sousa Baptista, Limitada, com a sua sede na praça do Municipio, 29, 30, a honra da industria portuguesa, e de Bem Servir.

Tudo assim atesta, numa ultima palavra, o alto e bem reconhecido valor dos Marmores de Sousa Baptista, Limitada, e de todos os seus produtos da sua importante industria, bem dirigida e bem definida, e em favor da nosso Economia Nacional.

Tauromaquia

Grupo «Sector 1»

A palestra do ultimo almoço do «Sector 1» incidiu sobre o uso da mão esquerda, a classica, assentando-se na imposição do seu uso, porque, se os toureiros têm natural inclinação para a facilidade, como no caso dos touros pequenos, aos «aficionados» cumpre a natural função da defesa da verdade.

No dia 10 de abril, ás 22 horas, efectua-se na sala das sessões do grupo a 3.ª conferencia da série tauromaquica, a cargo do «aficionado» sr. Niza da Silva, sob o tema «Apontamentos tauricos», sendo reservada a entrada sómente a socios, convidados e Imprensa.

A feira de Sevilha

Estão finalmente organizadas as corridas da Feira de Sevilha, antecedidas pela de domingo de Pascoa, que será com seis touros de José Infante da Camara, para Sanchez Mejias, Pequito Casado e Manuel Martin Vazquez. 29 de abril: touros de Domecq para Juanito Belmonte, Pepe Luiz Vazquez e Morenito de Talavera; 30, touros de Felix Moreno para Pepe Luiz, Andaluz e Morenito de Talavera; 1 de maio, Miuras para Juanito Belmonte, Pepe Luiz e Martin Vazquez; 2, oito touros de Tassara (antes de Villamarta) para Juanito Belmonte, Pepe Luiz, Andaluz e Martin Vazquez; 3, novilhos de Gallardo (antes de Salas) para Julian Marin, Angelete e Rafael Martin Vazquez. Tanto os touros como os novilheiros terão o peso regulamentar, como é proprio de Sevilha e da «Feira do Touro».

Como uma recem-casada encontrou BELEZA E FELICIDADE

"Há um mez apenas eu era uma rapariga qualquer e sem atractivo"

diz Madame G...

Aos 25 anos, comecei a ter mêdo de «ficar para tia». Ia a muitos bailes, mas não parecia fazer impressão. Uma amiguinha casada de frêsco, mais nova que eu, disse-me então o seu segrêdo. «É uma pele cheia de frescura, clara e bonita que os rapazes mais admiram» — disse-me. Experimenta esta receita de beleza»... Hoje, João diz-me que foi a minha aparência radiosa de juventude que primeiro o atraiu.

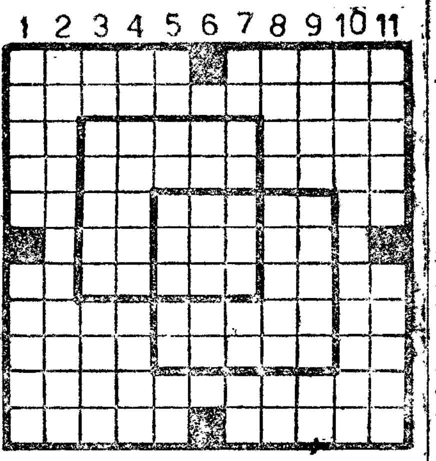
Eis o que fiz: Tôdas as noites aplicava o *Creme Tokalon* Rosa, alimento para a pele. Contém um precioso extrato de células cutâneas, descoberto por um reputado especialista vienense. Durante o sono, êste creme alimenta e torna mais bela a pele. De manhã, punha o *Creme* Branco *Tokalon* (não gorduroso). Em poucos dias a minha pele tornou-se fresca, clara, macia como veludo, os poros dilatados, pontos negros e manchas desvaneceram-se ràpidamente.

Os homens acham-NA cativante-sedutora? Se não, faça já hoje qualquer coisa. Dê ao tom da sua pele uma nova vida de beleza, com o Creme Tokalon, Alimento para a pele. **Não confunda o Creme Tokalon com os cremes ordinários que não contêm nenhum ingrediente nutritivo da pele.**

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o depósito Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 159



HORIZONTAIS — 1 — Bando de animais. Um dos meses do ano. 2 — Aquele que se arma com arcabuz. 3 — Andar. Exercito. Cidade e porto de Italia. 4 — Acusada. Rasoiras. Estimar. 5 — O mais. Clima. Autor. Artigo definido (ant.º). Nota musical. 6 — Polvilho. Agora. Sem companhia. 7 — Nome duma letra (inv.). Simbolo quimico do Osmio. Chefe etiope. Pronome pessoal. Semelhança. 8 — Abastada. Lentes biconexas que aumentam muito os objectos. Pronome reflexo. 9 — Importunem. Fruto da amoreira. Nota musical. 10 — Assegurarem. 11 — Ecoara. Amacia.

VERTICAIS — 1 — Bordeja. Solitarias. 2 — Sem religião. 3 — Antes de Cristo. Farrapo. Moradia. 4 — Nome dado ao sol pelos egipcios. Pouco vulgares. Impele com os remos (inv.). 5 — Simbolo quimico do bario (inv.). Artigo definido. Preposição. Naquele lugar. Caminhe. 6 — Utensilio domestico. Altar. Numeral. 7 — Esquadrão. Artigo definido. Seguias. Poeira. Batrquião. 8 — Ingira (liquidos). Ser. Simbolo quimico do aluminio. 9 — Brincavam. Loisa. Gracejei. 10 — Expulsasses. 11 — Loureiro. Reumatismo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 158

		A	Z	U	R	A	R	A		
	P	R	A	T	I	C	A	V	A	
R	I		S	O	R	O	S		L	A
A	N	O		P	A	R		V	I	R
P	A	R	T	I	S		F	I	A	R
S		L	I	A			O	S		A
O	P	A	S		T	U	R	C	A	S
D	E	S		P	O	R		O	L	A
O	S		A	I	R	E	S		M	I
	A	R	G	O	N	A	U	T	A	
		S	A	R	A	S	S	E		

«MATINÉE» DE CARIDADE

Realiza-se no dia 28 do corrente, no Tivoli, amavelmente cedido pela emprêsa, a elegante «matinée» anual a favor da Sopa dos Pobres da freguesia de S. Sebastião da Pedreira.

A comissão, a que preside um grupo de senhoras da nossa sociedade elegante, procurando em cada ano tornar mais atraente este festival, organizou um espectaculo só com os melhores elementos amadores que nos salões encantam com as suas recitações, danças e canções. As marcações podem fazer-se pelo telefone 42684

CUTELARIA REIS

(novo estabelecimento)

DE **JOÃO REIS**

Sempre as mais recentes novidades

Artigos nacionais e estrangeiros para brindes

CUTELARIAS PERFUMARIAS

LISBOA RUA IVENS, 48 — Telf. 27217

CAPITAL DO NORTE

O Hospital D. Maria Pia

modelar instituição de assistencia infantil

Sob a egide da rainha senhora D. Maria Pia, fundou-se no Porto, em 1882, um hospital para crianças que é, sem duvida, uma das melhores e mais amplas instituições no genero de assistencia particular existente em Portugal e Espanha. Por isso, visitar esta magnifica obra de assistencia infantil é, alguma coisa que nos delicia o espirito, nos enternece e faz pensar que nem tudo na vida é maldade ou egoismo.

Visitámos ha dias o amplo edificio da rua da Boavista — havia 27 anos que lá não entravamos — a hora em que não são costumadas visitas, porque, segundo nos disseram — estava tudo em desalinho, hora de limpezas, azafama de criadagem, etc.

Não foi precisamente para avaliar do estado de asseio em que o hospital se poderia encontrar, mas sim para o visitar, inquirir das suas condições de vida, saber da quantidade de crianças internadas, das aspirações ou necessidades das pessoas que o dirigem ou administram, conhecer de perto os seus progressos.

Acompanhou-nos, solicito, na visita, monsenhor Aurelio Pinheiro, o qual, com a sua costumada modestia, não consente na afirmação de que uma grande parte do que ali se verifica é obra que legitimamente lhe pertence.

Ao transpor o limiar do portão de ferro, acolhe-nos a superiora das Missionarias de Maria, que, sorridente e acolhedora, nos abriu a porta envidraçada do vestibulo. A nossa apresentação á excelsa senhora foi cruel: «fulano, jornalista, que não vem cá senão para dizer mal de tudo quanto vir!...»

Uma [illegible] conduziu-nos ao primeiro andar, depaando-se-nos, abertas de par em par, as portas do salão nobre, onde, numa das paredes centrais, se vê, num esplendido quadro a oleo, a figura da instituidora do hospital. Um vasto corredor de paredes brancas de neve conduz-nos a uma das grandes enfermarias [illegible] esmeradamente limpas, a maior parte das [illegible] descansavam, [illegible] os pobrezinhos. Ali [illegible] tudo: tuberculose ossea, mal de Pott e um [illegible] de sofrimentos, alguns dos mais horriveis, mas, na [illegible] inconsciencia, algumas brincavam com pobres bonecos desmantelados, cavalos sem pernas, carrinhos com falta de rodas, soldadinhos de chumbo, bonecos de trapos e um ou outro brinquedo de preço, que algum menino rico lhes abandonara. Parecia dia de festa em casa de pobrezinhos. De grande laçarote na cabeça uma outra com um corropio de cabelito loiro que da testa á nuca, estavam preparadas para sair, pois o medico otinha-lhes dado «alta». A mais novinha das duas choramingava. Que não, que não se queria ir embora, só se a «mãezinha» fôsse com ela! A «mãezinha» era a simpatica «irmã», espanhola de nascimento, que sempre a tratara havia alguns meses. Enterneciam aquelas lagrimas ungidas da maior sinceridade

As enfermarias sucedem-se, cheias de ar e luz, podendo «comer-se no chão», como diz o nosso povo em expressão feliz, quando quere enaltecer o asseio em que uma casa se encontra. Solicitamente a superiora acompanha-nos na enternecedora peregrinação, de sala em sala, podendo colher-se em cada uma delas novo motivo de admiração. Estão ali umas centenas de crianças sempre atentamente vigiadas por um excelente corpo clinico auxiliado pelas mais solicitas enfermeiras.

Um quasi primitivo aparelho de radio faz ainda as delicias da petizada e é a ele que se deve, muitas vezes, que terminem choros e gemidos... Mas o receptor é velho e só um, que se muda de sala para sala, segundo as necessidades de momento, para abafar manifestações mais ou menos ruidosas daquela revolucionaria população. Não haverá por aí quem queira oferecer um pequeno, modesto, economico aparelho de radio ás pobres criancinhas do hospital D. Maria Pia? Quem dera que aparecesse ao menos um para que as pobrezinhas pudessem vir a sofrer menos, tendo a musica por lenitivo!

Aquele hospital vive da beneficencia particular. A sua administração é muito dificil, mórmente nos tempos que vão correndo!... No dia em que lá estivemos, não havia um grão de arroz dentro das portas e a vitela já faltava havia dois dias! Iam pedir-se providencias aos organismos que superintendem na distribuição dêsses generos.

Esta é uma das obras que bem merecia ser acarinhada por todos, pois não ha ninguem que esteja livre de, em qualquer altura, precisar, para os seus ou para estranhos, dos serviços daquela excelente instituição, isto, é claro, olhando ao interesse proprio, que é, na maior parte das vezes, a mola oculta que a muitos impulsiona a pratica da benemerencia.

Apos termos visitado a capela privativa, farmacia, gabinetes de clinicos, consultorios de clinica [illegible] e externa, lactaria, lavanderia, cozinhas, etc., podemos concluir os progressos que [illegible] anos tem feito [illegible] modelar instituição.

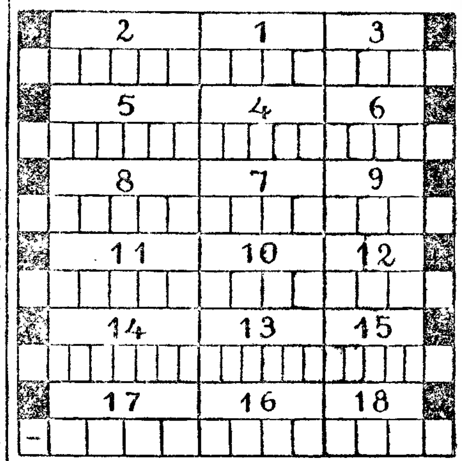
A fundação dêste hospital data de 1882, mas o seu funcionamento começou no dia 1 de janeiro do ano seguinte, pelo que completou ha alguns dias o seu 60.º aniversario, vivido hora a hora, dia a dia, na pratica da mais bela das missões de bemfazer. A sua primitiva instalação foi no predio onde actualmente funciona a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, na rua [illegible], tendo, mais tarde, sido transferido para o actual edificio, cujo terreno foi doado por uma benemerita senhora, fazendo-se a construção exclusivamente do produto de [illegible] legados.

G. C.

Palavras derivadas

PROBLEMA N.º 10

Serras de Portugal



1 — Sovo; 2 — Declina; 3 — Prenado; 4 — Animal; 5 — Adoidado; 6 — Estanca; 7 — Montão; 8 — Tomar rumo; 9 — Unica; 10 — Planta crucifera; 11 — Rio de Portugal; 12 — Excelente; 13 — Mania; 14 — Numeral cardinal; 15 — Matéria corante; 16 — Rio de Portugal; 17 — Alcali; 18 — Forma verbal do verbo doar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

Com o amor

	2	1	3	
N	BANAL	BALA	ALA	B
	5	4	6	
Ã	ROMÃ	MOR	MÓ	R
	8	7	9	
O	PAIO	PAI	PÁ	I
	11	10	12	
—	SINA	NISA	SAI	N
	14	13	15	
S	SACRO	CARO	RÓA	C
	17	16	18	
E	EIRA	IRA	RI	A

LEIAM HOJE

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta tabela para referencia futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
6.15	WEBX	31.1 m.	9650 kc/s
8.45	WRUW	49.6 m.	6040 kc/s
10.45	WBOS	48.8 m.	6140 kc/s
12.45	WBOS	25.3 m.	11870 kc/s
16.45	WBOS	19.7 m.	15210 kc/s
16.45	WGEA	25.3 m.	11847 kc/s
18.45	WGEA	25.3 m.	11847 kc/s
20.45	WGEO	31.5 m.	9530 kc/s
21.45	WGEO	31.5 m.	9530 kc/s
0.15	WDJ	39.7 m.	7565 kc/s

EMISSÕES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

VINHO DO PORTO "GRAHAM"

da firma *G.me & João Graham & C.ª*

de Vila Nova de Gaia

—o-o—

Agentes em Portugal e Colonias:

Guilherme Graham Jnr. & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA
Tel. 20066/9

Rua dos Clérigos, 6
PORTO
Tel. 880/1

O «Diario de Lisboa» encontra-se á venda na Funcheira, no Bufete da estação.

O «Diario de Lisboa», vende-se em Figueiró dos Vinhos, na casa Juvenal da Conceição Simões.

OS PRODUTOS
DA
COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS
SÃO OS PREFERIDOS PELO FUMADOR EXIGENTE

PICADOS — SUPERIOR — FRANCEZ — VIRGINIA DUQUE — HOLANDEZ — AGUIA

CHARUTOS — Irene — Argonautas

CIGARRILHAS GAMAS — AVIZ - DIANA — LEGIONARIOS - DELTA — EUREKA - MENTA LUSOS — PROVISORIOS — SPORTING NAVALISTAS - ELEGANTES - TURQUEZAS — TIP-TOP TAGUS - SEREIAS LUXO - SADO - ARGOS - AZES SAGRES — CHIC - LISBOA P. PEITORAL

São marcas da

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS
ARRENDATARIA DAS FABRICAS DO ESTADO

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

CAPITAL REALIZADO.... 22.000.000$00
FUNDOS DE RESERVA... 99.500.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

Dependencias urbanas

Alcantara — Poço do Bispo — Conde Barão e Almirante Reis

Filiais e Agências

Porto — Coimbra — Braga — Faro — Covilhã — Torres Vedras — S. João da Madeira — Santarem — Torres Novas — Gouveia — Tortozendo Mangualde — Figueiró dos Vinhos — Estoril — Abrantes e Matozinhos

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

SOCIEDADE DE CONSTRUCÇÕES AMADEU GAUDENCIO LIMITADA

Escritório e Oficinas R. Dr. Alexandre Braga, 65 LISBOA

ARQUITECTURA E ENGENHARIA

DIRECÇÃO TÉCNICA

Engenheiros: J. Belard da Fonseca — L. Faria e Maia — Construtores: Amadeu Gaudêncio - Henrique Gaspar

Tel.: P. A. B. X. 43191-43192

Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro — ESTREMOZ, L.da

Pedreiras-Serrações-Oficinas

EM PERO PINHEIRO **TELEFONE PP 55**

CANTARIAS para obras de todas as procedencias
MARMORES de todas as qualidades e em todas as aplicações

JAZIGOS — CAMPAS — ESCULTURAS, ETC.

Escritório — LISBOA — Praça dos Restauradores, 65, 1.º

Telefone 2 4184

Endereço telegrafico: «MÁRMORES»

Confeitaria Bijou do Calhariz

GOMES & ROCHA, LD.ª

ESMERADO FABRICO EM TODOS OS ARTIGOS DE CONFEITARIA FORNECEM-SE OS MELHORES SERVIÇOS PARA CASAMENTOS, BAPTIZADOS E «SOIRÉES»

2, LARGO DO CALHARIZ, 3
Telefone 2 3137

Banco Lisboa & Açores

Capital e Fundos de Reserva Esc. 42.500.000$00

FILIAL
PORTO

AGENCIAS
BOMBARRAL, CALDAS DA RAINHA, COIMBRA, ENTRONCAMENTO e ESTORIL

CORRESPONDENTES NO PAÍS E PRINCIPAIS CIDADES DO ESTRANGEIRO

TODAS AS OPERAÇÕES DE COMERCIO BANCARIO

Armazem de Moveis Novos e Usados

— DE —

MANUEL LOPES COELHO
69 — Rua da Atalaia — 71
Telefone 2 4127

J. A. DE OLIVEIRA BRAGA

(Casa fundada em 1836)
FERRAGENS — Importação directa
3, Calçada do Combro, 3
LISBOA

TEMPOS IDOS

GAYARRE

o celebre tenor

que se exibiu

em S. Carlos

Neste momento em que a *Orquestra Nacional de Espanha* nos obsequeia com a sua amavel e valiosa visita, e no *Teatro Nacional de S. Carlos* recebe os aplausos e agradecimentos que merecem os seus numerosos e eximios componentes, não será sem interesse recordar um grande artista lirico espanhol que, ha mais de meio seculo, em S. Carlos colheu noites de ovação: o celebre tenor Gayarre.

Pessoalmente o conheci; e devo ainda ter, entre reliquias desses tempos remotos, um retrato que me ofereceu, envergando o habito de São Tiago, com que entrava no 1.º e no ultimo actos da *Favorita*, a opera, sobre todas, querida pelos espanhois, em razão do seu entrecho: as conquistas sobre a moirama.

Gayarre era um homem encantador, despido de toda a vaidade, não obstante a sua fama europeia, duma franqueza e simplicidade naturais e comunicativas, que cativavam logo ás primeiras palavras com ele trocadas.

O seu debute no *Teatro Real de Madrid* foi um acontecimento memoravel, a que assistiu a côrte e o corpo diplomatico, e o patetico lance que o marcou, foi-me contado pelo conde de Valbom, meu tio, então ministro de Portugal em Madrid, que assistia ao espectaculo.

Gayarre cantou arrebatadoramente a *confissão* ao *Padre Mestre* do convento:

«Una vergine, un angelo di Diu,
Presso á lara prèghava con mé».

.....

Ao terminar, a sala veio a baixo com palmas; mas, tudo dominando, partiram da galeria do povo, repetidamente, retumbantes, estas palavras:

—Bravo! Chico! Bravo! Chico!

Quem as soltava, era o pai de Gayarre, vestido á moda da sua provincia, donde ele o mandara trazer para assistir ao seu debute no *Teatro Real*.

* * *

O celebre cantor era um *bon vivant*, que frequentava o «*Pardo*», especie de *Campo Grande de Lisboa*, e no qual se passa a acção da *zarzuela*: «*El Barberillo de Lava-pies*».

Voltava Gayarre, altas horas da noite, de lá, com alguns amigos, e passaram junto dum convento — no terreiro havia o classico *Cruzeiro*.

—Temos o cenario da *Favorita*, disse Gayarre. Vamos a vêr se estes monges são artistas...—e ajoelhando nos degraus da cruz, foi cantando o

«Espirito gentil

.....

Passados instantes, as janelas do mosteiro começaram a abrir-se. Brilharam luzes. E quando ele acabou de cantar, os frades deram-lhe tantas palmas como era costume ele ouvir no *Teatro Real de Madrid*.

ARTHUR LOBO D'AVILA

CULTURA FRANCESA

BEJA, 6.—A-fim de inaugurar oficialmente o circulo de Cultura Luso-Francesa do Baixo Alentejo, chegou ontem a esta cidade o sr. Pierre Hourcade, director do Instituto Francês. Foi-lhe oferecido um caracteristico jantar regional, no Monte da Apariça, por um grupo de socios do Circulo. O repasto decorreu num ambiente francamente amistoso, tendo sido trocados brindes de amizade entre França e Portugal.

Esta manhã, o sr. Pierre Hourcade visitou as autoridades locais, que retribuiram a visita. A' tarde, pelas 18 horas, realiza-se a sessão solene de inauguração do circulo, onde, á noite, o sr. Hourcade oferece uma recepção.

DINHEIRO
Empresta-se ao juro da lei sôbre todos os artigos que ofereçam garantia.
Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.
José Mayer
Telefone 2 2881
RUA DO LORETO, 18

A DOENÇA QUE VENCEU O MEDICO

Quais as causas da morte de Sousa Martins

Um caso de eutanasia testemunhado por Gregorio Fernandes

O ultimo numero da «Revista Medica» assinado pelo Doutor Democrito, pseudonimo que encobre um ilustre clinico, professor da Faculdade de Medicina, publica um curioso artigo sobre as causas do falecimento de Sousa Martins. A sua morte não teria sido natural. O grande medico, que era um tuberculoso, viveu, apenas, 54 anos. Desde que concluiu o seu curso levou uma vida intensissima. Tinha a maior clinica de Lisboa, e depois lente catedratico de patologia geral e medico do Hospital de S. José e anexos. Nasceu em Alhandra, que ele denominava «fabrica de herois», e ali morreu. Fôra para a sua vila natal para repousar, talvez já desanimado com o curso de ética e de outra doença, um edema que lhe cobria as pernas e a região infra-pelvica. Aos seus ultimos momentos assistiu o sr. dr. Gregorio Fernandes, que, no «In Memoriam» dedicado ao mestre, narrou factos assás estranhos. O Doutor Democrito, no seu admiravel artigo da «Imprensa Medica», evoca essa vigilia tragica. Com a devida venia, transcrevemos:

«Quando Sousa Martins se finou, o acontecimento tomou aspectos de calamidade publica, de luto semi-oficial, numa espontanea manifestação de pesar que invadia das mais altas ás mais infimas esferas sociais, no Portugal do crepusculo do seculo XIX.

A morte das sumidades atrai sempre as atenções de grandes e de pequenos —a suscitar curiosidades subtis, duvidas irritantes. A morte de Sousa Martins não foi surpresa para aqueles que o sabiam minado pela inexoravel tuberculose, talvez por esses tempos ainda mais inexoravel do que hoje, porque (enfim!) os progressos da terapeutica não constituem quimera vã. Mas o episodio derradeiro dessa morte surgiu adornado no boato—ciciado com ares misteriosos—dum suicidio de homem de ciencia, que pelo saber medico eliminou os pormenores espectaculosos do acto.

O ilustre doente sentia a hora fatal a aproximar-se. Perante o grande edema que se lhe instalara nos membros inferiores, como ele tambem vira acontecer ao seu amigo Oliveira Martins, dias antes da morte, o raciocinio do medico esmagou-lhe decerto quaisquer debeis esperanças de doente. Refere Gregorio Fernandes («Ultimos dias de Sousa Martins», *In Memoriam*), que ele dissera para a viuva do ilustre escritor, decerto a sublinhar uma queixa de tragico prognostico:

—Cá estamos com a labutação das pernas inchadas.

No capitulo de feliz conceito e de bom talhe literario, é ainda Gregorio Fernandes quem dá consistencia á hipotese do suicidio, até reforçando-a com a circunstancia de ser quem assistiu aos ultimos sôpros de vida do eminente professor.

Transcrevemos a passagem que, por todos os titulos, merece ser recordada:

«Aos 17 de agosto de 1897, cumpria-me, pela primeira vez, passar a noite junto de Sousa Martins.

Cheguei a Alhandra, eram sete horas da tarde.

Acabara o enfermo de se deitar naquele momento.

Preguntei-lhe como passava; respondeu-me que sofrivelmente.

Soube pouco depois que escrevera durante todo o dia; e, como nem sempre o pudera fazer sentado, em virtude do grande edema que lhe invadira a parte inferior do tronco, por vezes se ajoelhara sobre a cadeira, tendo para isso pedido auxilio ás pessoas que o rodeavam.

Sentia que a vida lhe fugia, e queria regular o que depois da sua morte julgava do seu dever deixar determinado.

Conversou todo o serão—e, proximo da meia noite, pediu um copo de agua com uma colher de *cognac*.

Estranhei o pedido, porque, não costumando ele beber alcool, desejava saber com que indicação agora o fazia.

—Eu lho digo, me respondeu: o *cognac* com agua e este papel de bicarbonato de soda que aqui tenho (e cujo conteudo deitou dentro do copo) concertam-me o estomago e livram-me de uma grande acidez que me tortura.

Dirigindo-se então a D. Leonor (irmã de Sousa Martins), mandou-a deitar, e que repousasse esta noite, pois bem necessitada estava de descanso.

Depois, dirigindo-se a mim, mandou-me apagar a luz.

E apontando-me para uma *chaise-longue* que estava proxima, disse-me:

—Deite-se e durma, porque eu o chamarei, se precisar.

Dormitei...

Acordei por vezes, estranhando a ausencia da tosse. A's duas horas acordei novamente. Não o havia sentido tossir. Sentei-me e comecei a examinar-lhe a respiração. Era uma respiração de Chene-Stokes. Fazia cinco ou seis respirações apressadas, a que se seguia um intervalo relativamente grande, para novamente se dar o mesmo fenomeno. Pela pancada do meu relogio, pretendi estudar-lhe o ritmo.

Passei assim alguns minutos, irresoluto se devia averiguar a causa do que observava. Mas podia acordá-lo. Receava que, para satisfazer a minha curiosidade, lhe fôsse perturbar o sono. Entretanto a minha falta de tranquilidade foi superior a esta consideração: —abri a janela da sala que ficava fronteira á porta do seu quarto. Era noite, noite estrelada de agosto. Não havia ainda o menor clarão da aurora.

Escutei se o ruido que eu fizera o despertara. O mesmo silencio, a mesma respiração!

Acendi uma vela e aproximei-me da cama, iluminando-lhe o rosto. Não fez o minimo movimento. Chamei-o, não me respondeu. Sacudi-o brandamente. Não mexia. Tomei-lhe o pulso e reconheci que este era lento e a impulsão cardiaca fraquissima.

Apressei-me em chamar a irmã querida, D. Leonor, que acorreu imediatamente.

O mesmo silencio ao apélo desta! Nem sequer uma leve contracção!

Mais algumas respirações—e o ultimo suspiro foi exalado. Eram 2 horas da manhã de 18 de agosto».

O nosso amigo Barros e Silva, a pag. 106 do vol. I da revista *Medicos Portugueses*, traz ao conhecimento publico um facto que mais vem reforçar a hipotese do envenenamento suicida:

Sousa Martins, como acima dizemos, escrevera durante todo o dia 17 de agosto. Teria escrito tambem a seguinte carta, dirigida ao hoje falecido dr. José Eduardo de Oliveira, e que o sr. dr. Costa Sacadura leu, fixou e, de cór, amavelmente, nos ditou, apenas com a omissão de algumas palavras que da sua memoria se apagaram:

Meu caro Eduardo

«A' hora que esta carta lhe chegar ás mãos já eu devo estar, como dizia o Tomás de Carvalho, no seio do divino amor.

Nesta luta entre o pulmão e o rim...

Ao seu espirito..... esta minha resolução deve parecer-lhe natural, ao meu naturalissima.

Receba o ultimo abraço do seu

Tomás.

Esta carta, depois da descrição do dr. Gregorio Fernandes, que transcrevemos, e aliada á convicção de que Sousa Martins não estava iludido quanto ao seu estado de saude, carta em que se manifesta a certeza de não viver a uma determinada hora do dia seguinte, revelará o prognostico exactissimo do clinico ou a psicologia de um doente que anseia por ver o termo do seu sofrimento, e o procura?».

FALA DOS ELEGANTES!
(gratos à tradição de mestrança gentil dos Seis Frades de S. Julião)

Vestimos só dos **ARMAZENS DE S. JULIÃO** para ousarmos manter, impôr nossa elegancia
trajando com donaire, aprumo e distinção
o **smoking**, a casaca, o **frack**, o jaquetão
e brilhando em salões, com **chic** e rutilancia!

Hoje, tambem ali ha grandes alfaiates
que só do belo e bom fornecem os clientes.
Não barato, mas bem vestem lá bonifrates
que, depois, são **D. Juans**, ou nobres ou magnates,
e tornam-se, em dandismo admirados p'las gentes!

Frades de S. Julião! Como é bem justa a fama
do seu corte distinto e como vem de longe!
Em flanela, burel ou rica seda e lhama
como vestiram bem o cavalheiro e a dama,
outrora, em S. Julião, p'la tesoura dum monge!

Ora, porque será que entre alfaiatarias
innumeras do país só esta o nosso gosto
distingue, escolhe e quer? E' que em tafularias
esbeltas de bom tom e de altas galhardias
só de lá sempre surge o homem mais bem posto!

ARMAZENS DE S. JULIÃO - Rua de S. Julião, 38 a 48 (esquina da R. dos Fanqueiros, 58)
Telefone 22326

Pele Cretada Entre os Dedos dos Pés?

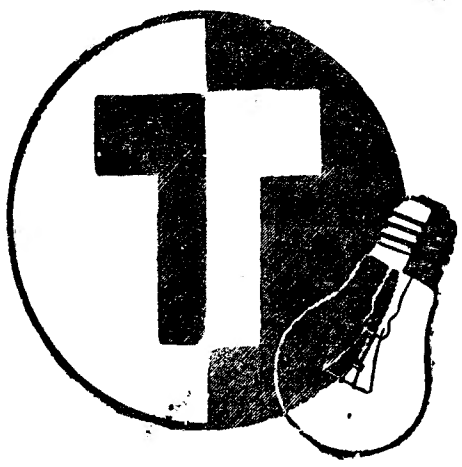
Pode evitar isto com o emprêgo dos Saltratos Rodel. Quando os seus pés estão inflamados e inchados por cansaço excessivo, quando ardem e picam ou estão atormentados pelos calos ou calosidades, um banho de pés com Saltratos Rodel alivia imediatamente. Êste banho leitoso e oxigenado que já fêz as suas provas, penetra profundamente nos poros da pele e activa a circulação do sangue. Logo após o primeiro banho, os ardores, picadas e inchações desaparecem e os calos e calosidades amolecem.

SALTRATOS RODEL

A venda em tôdas as farmácias e drogarias ao preço de 3$00, 10$50 e 16$00.

TUNGSRAM

D



Companhia de Seguros

LA EQUITATIVA

(FUNDACION ROSILLO)

Sédo

MADRID—ALCALÁ 65

Delegação de Portugal
RUA AUGUSTA, 27 — LISBOA
Telefone: 20433 e 20434

Agência no Pôrto
RUA DE SANTO ANTÓNIO, 67
Telefone: 478

Seguros de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Responsabilidade Civil e Marítimos (Cascos e Mercadorias)

Agente Geral em Portugal

HUMBERTO JOSÉ PACHECO

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de carga e passageiros

Linha rápida da Costa Oriental

SAIDAS mensais, com escala por **Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique** e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

Linha rápida da Costa Ocidental

SAIDAS mensais, com escala por **S. Tomé, Sazaire, Luanda,** e **Lobito** e mais portos da Costa Ocidental sujeito a baldeação.

Linha da Guiné

SAIDAS mensais, com escala por **Funchal, S. Vicente, Praia, Bissau** e **Bolama.**

Linha do Brasil

para Rio de Janeiro e Santos com escala por Funchal e S. Vicente.

Linha da America

para Filadelfia.

ESCRITORIOS

LISBOA
R. do Instituto Vergilio Machado, 14
(Rua da Alfândega)—Telef. 20051

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 2342

CIMENTO TEJO

Cantarias, Marmores, Jazigos

e materiais de construção

ANTONIO MOREIRA RATO & F.os, L.da

Av. 24 de Julho, 54 F.

T. 6 0879 — LISBOA — Teleg. RATOFILHOS

METAIS distendidos

«Espinhela»
«Espinhaço»
«Diamantes»
«Gradil»
«Espinhela G Z»
«Gradil G Z»

Para tetos, tabiques, vedações, cimento armado, estuques, etc.

TINTAS diversas

«Walpamur»
«Muromatte»
«Duradio»
«Truseal»
«Yeoman»
«Imsbone»

Para todos os fins. Origem inglesa. Embalagem de origem

Agente depositario

CASA LINO

Telef. 2 1374 R. Bacalhoeiros, 113—LISBOA Teleg. Onil

ADUBOS

para todas as culturas

INSECTICIDAS

especiais para plantas, casas de habitação e animais domésticos

DROGAS E PRODUTOS QUIMICOS

Abecassis (Irmãos) & C.ª

Praça do Municipio, 32
LISBOA

Rua de S.to Antonio, 15
PORTO

PAISES DISTANTES

Os "intocaveis" na India

Os «pariahs» são os homens mais miseros do mundo

Quando a lancha me deixou em Sanvardém era passante meio-dia. O sol a prumo queimava e o ar era todo um bafo de fornalha. Havia ali perto um telheiro de olas de palmeira, pertencente á South Meratha e para lá me dirigi a abrigar-me. Chambá, meu barbeiro e guia, acocorara-se tristonho, as feições descaidas, e, logo percebi que a fome começava a tenazá-lo. E assim era pois que daí a pouco safou dum refego do *padvem*—o pano que envolce os rins—umas moedas de cobre—uns poiçás—e quasi a correr trepou através da claridade escaldante, até um casinhoto de madeira, que bamboleava lá no alto.

Voltou daí a momentos, ofegante, alagado em suor, com uma talhada de jaca, que tratou de devorar, sofregamente, um tanto ao largo da minha pessoa, não fôsse eu profanar o apetitoso manjar, com a minha proximidade eterodoxa, de comedor de carne sagrada de vaca...

Como eu lhe fizesse notar o enorme esforço que fizera sob o braseiro do sol, por tão pouca cousa, visto que daí a uma hora deveriamos estar em Cacorá, e lá encontraria o *chitcuri*—o arroz com caril—habitual, ele encolheu os ombros resmungando:

—Chammá tinha fome e como não é a agua que procura a sêde, mas sim a sêde que procura a aua, fui! e conscienciosamente, resolutamente, meteu na boca o ultimo pedaço amarelento do fruto e ficou-se calado, pachorrentamente, acócorado, a remoê-lo.

Nêste momento, silencioso, subrepticio, da minha retaguarda, surgiu um espectro de homem, uma figura esguia e inverosimil. Estendeu-me a metade do endocarpo dum côco—a charcta da esmola—e implorou dolente:

— Dharm, sahib!—Esmola, senhor!

Era quasi um velho. Escuro, esqueletico, porcalhaz, translucido, fazia rir, tão grotesco era, se não fôra um homem e um misero.

As pernas, descarnadas, magrissimas, esburgadas, eram duas varas altas, nodosas e cascarrentas, que lhe davam o aspecto estranho dum aranhão... Nu, só um atilho ennegrecido de imundicie, sopesava um farrapo obsceno onde ocultava e guardava o sexo. Nos ombros, em volta do pescoço encordoado, um trapo ruço, e uma faixa surrada no fio em volta da cabeça deixava cair uma ponta sobre a orelha, numa elegancia sordida...

Pôs em mim os olhos mortiços, semi-cerrados, papudos, e gemeu novamente a suplica:

—Dharm, sahib!

Dei-lhe umas moedas que ele agradeceu, levando a *chareta* ao coração e á cabeça, mas não pôde deixar de o interrogar sobre um sinal que ele trazia pintado no meio da testa. Do alto da fronte, verticalmente, até á raiz do nariz, um traço vermelho vivo e daí, para os lados, sobre as sobracelhas em direcção aos temporais, dois traços curvos, brancos, de argila, desenhando o conjunto a forma dum tridente, o que dava ao homem um ar sinistro e feroz...

—E' o *naman*—esclareceu.

O *naman* é o sinal simbolico e secreto da seita vishnuista, e representa geometricamente a função criadora, pois que Vishnú é o animador da Vida, o conservador dos mundos em continua renovação...

Interroguei-o. Quem era? Donde vinha?

Olhou para mim fixamente uns momontos, como quem está tomando uma resolução:

—Quem sou eu?—Ninguem!—respondeu cerce. Não tenho patria, nem casa, nem campo, nem familia, nem amigos. Vivo com esta unica companheira movediça e implacavel—olhe!—que me não larga um momento!—e apontou para o chão, para a sombra de recorte caricatural e deformado. Ando por toda a parte que posso, e sou livre porque sou inutil, visto os meus braços já não poderem rasgar, nem cavar a terra—e ria desdentadamente com uma boca amarga de caverna ou boqueirão suspeito.

Não tenho campo, já disse, nem cabana, mas sou imensamente rico, pois que o chão da minha casa é esse largo mundo todo—e fez um gesto tremulo e circumvagante—e o teto sob que eu durmo é todo cravejado de luzes tantas e tão vivas—e apontou o céu dos deuses—como as que alumiam o trono de Deus Gonopoty... Toda a minha grandeza é esta escudela de esmola e ha horas em que sou quasi feliz, porque nada desejo, pois que uma mão cheia de folhas, umas cascas verdes, qualquer podridão, me basta para viver... Quem sou? preguntou sahib. Ninguem para os homens, já disse. Pregunte, no entretanto, ás humildes ervas dêsses caminhos se me conhecem ou não, ou ás estrelas do ceu, minhas santas e castas confidentes a quem, nas noites solitarias, mostro as minhas lagrimas e atiro beijos de louco... Riu num esgare doloroso...

Sou um pestiferado, um maldito. Ninguem me toca, nem me pode tocar, nem de longe, sequer com uma vara, sob pena de expulsão da casta. Todos fogem por isso de mim, quando me aproximo e das aldeias se me acerco atiram-me pedras e esterco, enxotando-me... Não posso entrar, nem pôr sequer o pé, em qualquer casa de homens, mas tambem ninguem pode pisar sequer de leve, a minha sombra sem ficar contaminado e perdido para todo o resto da vida... Ao principio, quando me conheci, sofri muito, mas tanto mastiguei a minha dôr, que se me desfizeram os dentes de gastos... Agora só peço á vida quatro achas lobregas onde se queime e reduza a cinzas esta carcassa de miserias—e apontou o corpo esqualido—quando chegar a minha ultima hora entre os homens... Já sabe, agora, sahib, porque sou ninguem. Sou um faraz: um pariah: um *intocavel:* um sub-homem... mais infimo que um suino abjecto e de menos valor que um bufalo grosseiro...

E' esta a minha grandeza e dela sou soberbo, porque tambem se pode ter orgulho de ser um pariah, um miserando. Como não temo a Vida, antes a desafio cara á cara, nos seus sofrimentos e nas suas misérias—o que mais apavora os homens—sinto-me alto, e por vezes, feliz...

Preguntei-lhe condoido por que motivo caira naquela desgraça.

—Porque *eu*—e acentuou com um gesto vago—ou melhor o pai de meu pai, que era de nobre casta *chatryá*—casta dos militares e dos guerreiros—feita dos braços de Bhramá, um dia numa questão que teve com um bhramane seu vizinho, lhe matou uma vaca. Ora matar uma vaca é um deicidio. Matar uma vaca é um crime tão grande como não há outro igual na lei da India. Fugiu aterrado e ninguem mais soube dele noticias. Mas a mulher, os filhos, os parentes, foram ignominiosamente expulsos da casta... postos fora da humanidade, muito abaixo dos cães e dos porcos, até um dia que ainda está longinquamente perto—acrescentou com rancôr ironico.

Como eu inquirisse se ele não poderia constituir familia que fôsse ao menos um lenitivo dentro da sua nulidade humana, ele sorriu amargamente, com paresias aos cantos da boca, as palpebras palpitando, nervosamente:

—Tive mulher, tambem, é verdade! Dizem que era bonita e eu achava-a linda, pois tinha o rosto duma *apsara* e a alma duma deusa. Era franzina e dôce de falar e ninguem diria ser ela filha tambem dum pariah, remendão, bebado e ladrão. Ajudava-me na vida e fazia os despejos pela casa dos senhores, mesmo *frisegues*—europeus—na cidade: era uma *bonghina.* Por isso, logo de manhãzinha, ela entrava nos quartos de dormir, muito cedo, pé ante pé, silenciosa a buscar os vasos dos dejectos... Mas um dia... alguem a viu e apeteceu assim mesmo conspurcada de imundicies e meteu-a no leito abjectamente...

Duma vez não voltou e ficou por lá oculta, desprezada dos desprezados, amaldiçoada dos malditos... Soube que morreu mais tarde no Kamá-tipur—o bairro do amor em Bombaim—dentro duma jaula de madeira, que é o prostibulo dos pariahs...

Tive filhos, tambem, tive—continuou com voz branda—e creio que andam para aí fossando como os chacais pelas montureiras... Hoje já nem sei, por acaso, se sou eu que lhe peço esmola a eles ou talvez se são eles que ma pedem a mim...

Calou-se porque Chambá que se afastara para o largo, para se não contaminar, me gritava que o *palanki,* se aproximava. O pariah pôs nele os olhos e torceu a boca. Devia talvez ser um sorriso. Depois resmuneou:

—Vê aquele? Pôs-se longe coitado, porque a-pesar de desgraçado tambem, o meu bafo o aterra e o perderia para o resto da vida. Só os europeus nos não desprezam—verdade seja!—e por isso pedi esmola a sahib.

—E' que a doutrina da minha religião não permite que se desprezem e rebaixem os homens ao nivel dos brutos...—esclareci cristâmente.—Todos os homens são irmãos, perante Deus—Pai comum...

—Pois eu—e sahib perdoará!—por mim desprezo os homens, ou melhor odeio-os de toda a minha alma... porque foram os homens que inventaram e congeminaram a vida, tal qual como hoje se vive no mundo, refalsada, cruel, cinica e má... Tiveram a habilidade de transformar o terror da morte, numa benção, numa consolação, num refugio dôce... Como posso eu bemquerer a tais perversos, a tais carrascos? Ah! não! não! Quando as crianças dos homens ás vezes, me apedrejam, chamando-me *chitarém*—o demonio—eu pregunto a mim mesmo se os satanicos são eles ou eu... e um asco amargoso de revolta, sobe-me á garganta e se me não queimam os olhos as lagrimas de raiva que choro, é porque já o disse: tenho o orgulho da minha miseria—e ainda porque me consola a ideia—disse-me um dia um santo e venerado *saniassy*—que os desprezados, os escorraçados, os vermes do estereo, os homens-cães, os cidadãos do lixo e da imundicie, as pestes ambulantes, os *pariahs,* os *intocaveis,* terão um dia o mando no mundo... Uma hora chegará, afirmou-me o santo e eu creio-o, em que a terra será dos desgraçados e dos *pariahs,* e que serão eles que dominarão a vida... porque nesse tempo os ultimos serão os primeiros... Não para se vingarem, não para fazerem o mesmo que hoje lhes é feito, mas para estabelecerem solida e risonha na comunidade humana a Paz e a Justiça, verdadeiras... E olhe que há por essa India quinze... vinte milhões de miserandos como eu...

Piedosamente não o contradisse. Para quê? Não é este o sonho luminoso, o ideal suavizador de todos os famelicos, de todos os oprimidos, de todos os vergastados?

Só no dia seguinte, em casa de Deliu, eu soube quem era esse homem singular, esse *pariah* batalhador, escritor, panfletista, predicador, que se fizera mendicante e se afogara em angustias e sofrimentos, para poder de alma clara demolir humildemente, pacificamente o arcaboiço forte e absurdo das castas... Precursor obscuro, talvez do *gandhismo,* a sua escudela—a sua humilima *chareta,* da esmola—era toda a sua grandeza, todo o seu poder... Ele tinha razão quando assim mo declarara e então compreendi todo o seu pensamento, e aprendi tambem a subtileza aguda, alta e profunda de humanidade que palpita e vive no pensamento oriental... Na volta, ao encontrá-lo novamente—ao grande sacrificado—vagueando espectral na estação de Sanvordêm, mirei-o de alto a baixo com respeito. E quando na concha de côco deixei cair algumas moedas, deilhe com elas alguma coisa da minha simpatia e talvez um pouco tambem do meu coração...

PERES TRANCOSO

CARTA DE PARIS

Uma dama

da alta sociedade chamada ao tribunal por causa do «bridge»...

PARIS, março.—Apareceu há dias em audiencia correccional um processo curioso e raro. Foi o caso de uma dama de boa sociedade a quem o juizo de instrução acusa de ter aberto em sua casa um salão de «bridge», que o douto e sisudo magistrado considera, simplesmente, um jogo de azar, o que levaria a entender a referida e cotada senhora como incursa na lei que proibe aos particulares entregarem-se, sem autorização, á industria dos jogos de sorte. A dama incriminada recebia, de cada um dos seus «convidados», uma taxa fixa de 20 francos, além do reembolso do preço do chá e bolos servidos. Quanto ás apostas, nunca elas iam além de 5 francos o ponto, o que, deve concordar-se, é bem modesto para os tempos que vão correndo...

O certo é que, com esta sua disposição, o juiz de instrução Combeau vai desencadear o furor dos jogadores de «bridge»—ao mesmo tempo que talvez desencadeie, tambem, a «verve» dos cançonetistas... Na verdade, a tendencia geral e o costume mais divulgado é o de se considerar o «bridge» como sendo um jogo em que não tem que se ter em conta o factor sorte. Todo o debate possivel sobre tal problema, que tem, até aqui, tido caracter exclusivamente particular, assume, assim, de um momento para outro, importancia de discussão publica para toda a gente, pois vai agora travar-se na sala de audiencias de um tribunal.

Não é dificil, entretanto, prever quanto poderão dizer as testemunhas chamadas a depôr nesta estranha causa. Basta abrir, ao acaso, qualquer tratado de «bridge»—e eles não faltam...—para se saber que não há mais que calculos matematicos, ciencia, tecnica e analise. Até numa dessas ooras famosas é possivel encontrar este maravilhoso pedaço de prosa: «Se os romanos tivessem conhecido as cartas, Seneca teria de certeza recomendado este jogo ao seu pupilo, o jovem Aneus Serenus, para o curar do *taldium vitae».* Claro que, com tais opiniões, não faltará quem se surpreenda de vêr perseguida por tal delito uma senhora tão respeitada...

O certo é que o processo foi instruido e vai para julgamento. O advogado de defesa vai pôr a opinião de que o «bridge» repousa sobre bases perfeitamente cientificas. O procurador sustentará o ponto de vista exactamente contrario, isto é, que o azar acaba sempre por dominar as combinações mais subtis da inteligencia. Toda a questão, a-final, reside em saber se o juiz que vai julgar esta inesperada causa será ou não, por sua vez, apaixonado do «bridge». Esse pormenor será bastante para nos desvendar, com antecedencia, o espirito da sua sentença...—L. Ch.

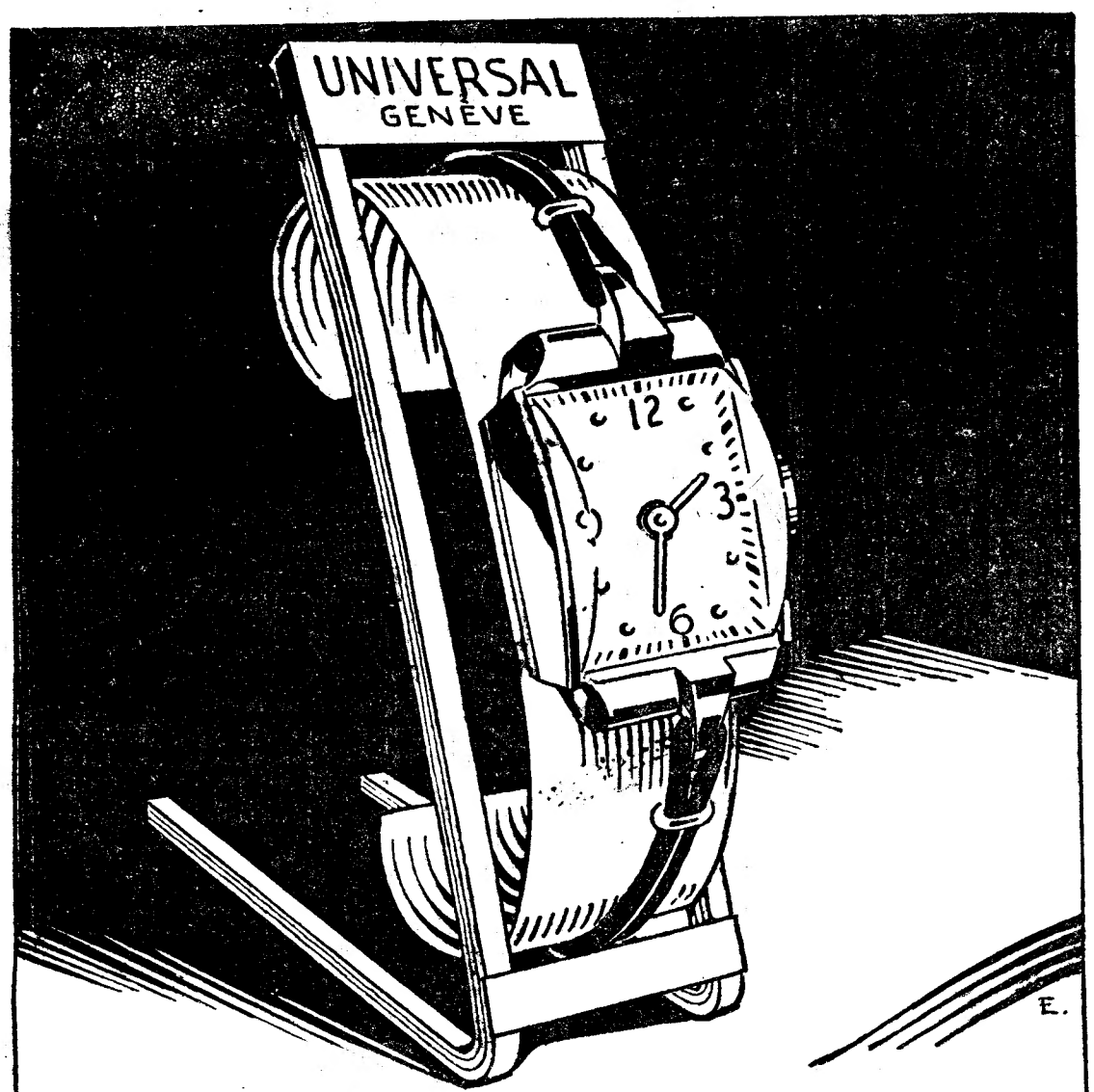
DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necerk—Paris
RINS, vias urinarias — Venero - Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

SHEFFIELD HOUSE
CASA ESPECIALIZADA EM CUTELARIA FINA
Sortido completo de artigos para barbeiro, cabeleireiro e manucure—Grandioso sortido de tesouras para todos os usos
Canivetes de Rodger e outras marcas
INTRODUTOR E VENDEDOR EM PORTUGAL,
ha 30 anos, das afamadas navalhas de barba suecas
«C. V. HELJESTRAND»
Manoel Antonio Fernandes (Herdeira)
26, R. Garrett—Lisboa Telef. 2 8824

PREFIRAM SEMPRE
Collares
V. S.
VISCONDE DE SALREU
D. J. SILVA, L.DA
T. 47154 – 33-R. Rodrigues Sampaio-35 – LISBOA

A. LEMOS, L.DA
ALFAIATES-MERCADORES
113 — R. Augusta — 115
Telefone 2 6956
LISBOA

Secção de Tipografia, Encadernação e pautação — Trabalhos simples e de luxo
PAPELARIA CAMOES
de AUGUSTO RODRIGUES & BRITO, LD.ª
Tintas de óleo, aguarela e desenho das marcas: Lefranc, Winsor, Pelikan e Schmincke
42—Praça Luiz de Camões—43
Telef.: 2 3063 LISBOA



UNIVERSAL
alta categoria

LAIT DE BEAUTÉ

L. T. PIVER
PARIS — LISBOA

Está V. Ex.ª apreensiva e triste porque a sua pele já não é assetinada e fresca como era? Porque ela já não apresenta aquela radiante mocidade de que tanto se orgulham as Senhoras? Tem V. Ex.ª rugas, pontos negros ou outras quaisquer imperfeições, que porventura alterem aquela harmonia de conjunto, tão legitimamente desejada?

Use o LAIT de BEAUTÉ estabilizado, produto cientificamente estudado nos Laboratorios de **L. T. PIVER.**

L.T. PIVER

LEIAM HOJE
sempre fixe

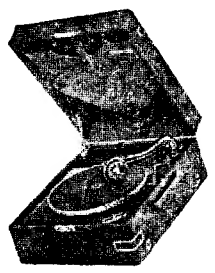
BUICK

Vende-se conduite, 1.ª mão, 6 rodas de origem, com gásogenio, autorizada a circular. Resposta a este jornal ao n.º 412.

Vivenda

Pequena com terreno e agua, vende-se por 28 contos, junto á linha de Cascais. Respostas a este jornal ao n.º 414.

Gramofones electricos



A mais interessante novidade

MODELOS PARA TODAS AS CORRENTES

Peça uma demonstração nos

Est. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA, 97

LEIAM HOJE
sempre fixe

Dionisio Matias & C.ª (Filho) Tel. 26576

Materiais de construção e cantarias — Tubagem de grés e seus acessórios, tejolos, telha de Marselha e Alhandra, cimento, pozzolana, areia, bacias, bidets e lavatórios nacionais e estrangeiros

ESCRITORIO: Campo das Cebolas, 12-A

Armazens: CAMPO DAS CEBOLAS, D. M. F. — Beco dos Armazens do Linho, 3

AGENCIA BARATA

Gastão Mendes Barata

REGISTADA

A Primeira casa do género do País, e edifícios próprios

Os melhores e mais ricos auto-cars fúnebres

Garages e Cocheiras de grande extensão e oficinas próprias nos seus edifícios

SEDE NA:

194, Rua Saraiva de Carvalho, 202

Telefones: P. B. X. 61113

LISBOA